



FILOSOFIA EM REDE: EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO
COM JUVENTUDES NO FACEBOOK

THIAGO JANDRE GARCIA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre.

Orientador: Fábio Sampaio de Almeida

Coorientadora: Maria Cristina Giorgi

Rio de Janeiro

Setembro / 2017

FILOSOFIA EM REDE: EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO
COM JUVENTUDES NO FACEBOOK

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre.

Thiago Jandre Garcia

Banca Examinadora:

Presidente Prof. Dr. Fabio Sampaio de Almeida – CEFET/ RJ – Orientador

Prof. Dr^a Maria Cristina Giorgi – CEFET/RJ – Coorientadora

Prof. Dr. Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues – UERJ

Prof. Dr^a Taís Silva Pereira - CEFET/RJ

SUPLENTE

Prof. Dr. Maicon Jeferson da Costa Azevedo – CEFET/ RJ

Rio de Janeiro

Setembro / 2017

G216 Garcia, Thiago Jandre
Filosofia em rede : experiência de formação com jovens no
Facebook / Thiago Jandre Garcia.—2017.
100f. + apêndices e anexo : il. (algumas color.) ; enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação
Tecnológica Celso Suckow da Fonseca , 2017.

Bibliografia : f. 95-100

Orientador : Fábio Sampaio de Almeida

Coorientadora : Maria Cristina Giorgi

1. Filosofia – Estudo e ensino. 2. Redes sociais online. 3.
Facebook (Rede social online). 4. Inovações educacionais. I.
Almeida, Fábio Sampaio de (Orient.). II. Giorgi, Maria Cristina
(Coorient.). III. Título.

CDD 107

DEDICATÓRIA

“Quero dedicar cada linha aqui escrita, cada momento de estudo, cada carinho recebido aos meus pais que me sustentaram em oração e aquele que sempre me incentivou e esteve o tempo todo tempo ao meu lado, a você Mauro.”

AGRADECIMENTOS

Sonhar em um dia fazer o mestrado não foi um sonho tão fácil de se alcançar e a felicidade que sinto me acompanhou em todos os momentos. Fui feliz nos dois anos de dedicação a esta pesquisa e agora agradeço a todos que fizeram parte destes momentos de felicidade.

A Deus que é meu maior sustento, a minha maior gratidão, principalmente pelo dom da vida e proteção. Aos meus amados pais e irmão que sempre compartilharam comigo deste sonho e permitiram que eu voasse me dando asas e sendo colo quando necessário.

A você Mauro que foi quem escolhi para estar ao meu lado em todos os momentos, que foi meu refúgio, meu porto seguro, foi minha alegria e meu incentivo. Sem reclamar em nenhum momento me acompanhou em todos os passos dados, desde o processo seletivo até a defesa. A você meu amor e minha gratidão.

Fábio e Cris, meus queridos e amados orientadores, levo comigo cada palavra e cada aprendizado. Este tempo juntos tornou-me uma pessoa muito melhor, já não sou o mesmo Thiago de setembro de 2015. Vocês são mais que professores, são amigos.

Expressamente difícil dizer em poucas linhas o nome de todos os amigos e familiares que sempre me incentivaram e me acompanharam nesta jornada. Aos amigos antigos e aos que fiz ao longo desta caminhada o meu muito obrigado.

Ao CEFET/RJ e cada professor do Programa de Pós-Graduação o meu muito obrigado pelas lutas e aprendizados nesta caminhada.

EPÍGRAFE

“Ir ao encontro, ouvir, conhecer, entender e crescer junto, aí está a educação que acredito.” Thiago Garcia

RESUMO

Na perspectiva do ciberespaço e das redes sociais esta pesquisa apresenta um caminho para o uso dos discursos e postagens presentes nas páginas do Facebook como instrumento para as aulas de Filosofia. O acompanhamento das postagens dos alunos, a criação de grupos de discussão de temas filosóficos em rede permitiu um levantamento de material que pode ser utilizado como meio para ampliar as ferramentas para o ensino de Filosofia e torná-la mais próxima dos alunos. Uma proposta metodológica que caminha entre o real e o virtual, entre o espaço e o ciberespaço.

PALAVRAS-CHAVES: Ensino. Filosofia. Redes Sociais. Facebook.

RESUMEN

FILOSOFÍA EN RED: EXPERIENCIA CON JÓVENES EN EL FACEBOOK

En la perspectiva del ciberespacio y de las redes sociales esta investigación presenta un camino para el uso de los discursos y postes presentes en las páginas de Facebook como instrumento para las clases de Filosofía. El seguimiento de los postes de los alumnos, la creación de grupos de discusión de temas filosóficos en red permitió un levantamiento de material que puede ser utilizado como medio para ampliar las herramientas para la enseñanza de Filosofía y hacerla más cercana a los alumnos. Una propuesta metodológica que camina entre lo real y lo virtual, entre el espacio y el ciberespacio.

Palabras Claves: Enseñanza. Filosofía. Redes Sociales. Facebook.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – CONTEMPORANEIDADE, JUVENTUDE E ESCOLA	13
1.1 – Vida Líquida	14
1.2- Juventude e Contemporaneidade	19
1.3 - As Redes Sociais e a Sociedade Líquida	23
1.4 - A Escola em uma Sociedade Líquida	25
CAPÍTULO 2 – O ENSINO DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO	32
2.1- Filosofia e Educação	32
2.2- O Ensino de Filosofia no Brasil	36
2.3 - O Ensino de Filosofia como um problema filosófico	40
2.4 - O Ensino de Filosofia: um olhar a partir da tecnologia e das Redes Sociais	48
CAPÍTULO 3 – LINGUAGEM ON LINE E REDES SOCIAIS	52
3.1- Pesquisa – Intervenção .	55
3.2 – Linguagem <i>on-line</i> , Redes Sociais e Análise do Discurso	60
3.3 – Redes Sociais, Identidade e Legitimidade	69
3.4- O ato de “Facebosofar” (Filosofar no Facebook)	72
3.5- O acompanhamento das postagens dos adolescentes e jovens	74
3.6 - Grupo no Facebook	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICE A Entrevista (Facebook e Professores de Filosofia)	100
APÊNDICE B Filosofia em Rede	113
ANEXOS	124

INTRODUÇÃO

Ir ao encontro do aluno, trocar e vivenciar experimentações é o caminho em que acredito para o Ensino de Filosofia. Assim te convido para esta pesquisa que tem como foco principal a investigação sobre a possibilidade da rede social, como o Facebook, ser usada nas aulas de Filosofia. A partir dos enunciados que são postados e compartilhados em Rede e de grupos de discussão, tem-se como foco o desenvolvimento da argumentação filosófica.

Enquanto professor- pesquisador o interesse pelo tema das redes sociais digitais surgiu ao perceber o ciberespaço como um espaço cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, principalmente dos alunos, adolescentes e jovens que hoje cursam o Ensino Fundamental e Médio. Não são espaços vistos apenas como meio de comunicação e acesso a informação, mas como um determinante do modo de ser e estar no mundo.

O contexto desta pesquisa parte da compreensão defendida por Bauman (2001), que caracteriza a sociedade atual como a que vive a “modernidade líquida”, uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. As vivências, as trocas, não podem manter a estabilidade ou permanecer por muito tempo.

As formas, meios, padrões e configurações não são mais “dados”, e menos ainda “auto- evidentes”; são muitos, confrontando entre si e contradizendo-se em suas ordens conflitantes, de tal modo que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir. E eles mudaram de natureza e foram reclassificados: como itens no inventário das tarefas individuais. Os poderes que liquefazem passaram do “sistema” para a “sociedade”, da “política” para as “políticas da vida” ou desceram do nível “macro” para o nível “micro” do convívio social (BAUMAN, 2001).

Os padrões da dependência e da interação estão se liquefazendo, sendo agora mais maleáveis a um ponto que as gerações anteriores não experimentaram e nem imaginaram que pudessem ocorrer. Como todo fluido, a forma não é mantida por muito tempo, passando, se adaptando a outros momentos e situações. Diferente dos sólidos que permaneciam da mesma forma durante muito tempo, manter os fluidos é uma

tarefa que requer mais atenção, vigilância, controle e que pode ser atravessado por diversas ações externas a ele – tudo pode ser inevitável.

A “vida líquida”, segundo Bauman (2009), “são contínuos reinícios”, e exatamente por isso é que os finais rápidos e indolores, sem os quais reiniciar seria inimaginável, tendem a ser os momentos mais desafiadores e as dores de cabeça mais inquietantes.

Bauman (2013) afirmou que ao se tratar de Ciberespaço as diferenças entre longe e perto são inúteis, pois agora o espaço está sujeito “à lógica *on-line* ou *on-air*” e as ideias são promovidas e levadas por meios que vagam no “espaço de fluxos”.

As iniciativas continuam locais, mas suas consequências agora são globais, mantendo-se com teimosia para além do alcance do poder do seu local de nascimento para prever, planejar ou guiar; ou, nesse sentido, do poder de qualquer outro lugar. Uma vez lançadas, elas – como os conhecidos “mísseis inteligentes” – se veem total e verdadeiramente por conta própria. (BAUMAN, 2013, p. 126)

Neste ciberespaço, a juventude é o segmento social que mais povoa as Redes Sociais, segundo pesquisa realizada pelo site americano Britton de marketing e design¹. A faixa etária vai de um uso expressivo de jovens entre 18 e 29 anos e também considera adultos com um uso considerável entre a faixa etária de 30 a 49 anos.

Nesta pesquisa se levará em consideração um novo modo de entender a “juventude”, não como algo homogêneo, mas a partir do seu uso no plural, sendo que ao se referir como “juventudes” leva-se em consideração as diversas existências possíveis e a necessidade de pensá-las em plural, como defendido por Dayrell (2003). O jovem em sua multiplicidade lança mão da Rede Social como meio de expressão e modificação dos modos de ser e agir.

Sales e Paraíso (2011) em pesquisa sobre o Orkut², explicam que a Rede Social permite ao usuário pensar sobre si e a construção de uma identidade que se expressará por diferentes códigos, como fotos, enunciados destacados, vídeos,

¹ <http://www.sitepx.com/blog/qual-e-o-publico-das-principais-redes-sociais.html> Acessado em 13/04/2016

² “O Orkut é um software do Google, conhecido como uma rede social, criada em 24 de janeiro de 2004, pelo engenheiro turco Orkut Buyukkokten, com objetivo de ajudar seus membros a iniciarem novas amizades e manterem as existências.” (SOUZA; ROCHA, 2010, p.11) Apesar de o artigo abordar o Facebook, em aspectos de socialização e existência as duas Redes Sociais são semelhantes.

emoticons, etc. As autoras analisam a influência que a Rede Social possui na vida dos jovens apontando as diversas subjetividades que são construídas, as reflexões que proporcionam a si e a outros, a alteridade.

Novos espaços criados em novas mídias digitais têm servido “como novos domínios para as pessoas expressarem suas opiniões e atitudes em muitos temas (...)” (BARTON & LEE 2015, p. 117). Assim as juventudes, no atual contexto histórico, tem se apropriado cada vez mais desses espaços e, propondo discussões, exposições de ideias de forma a questionar a si e ao mundo ao redor, muitas vezes por meio de temas como ética, política, identidade, cidadania, estética, etc.

Vivemos na era do digital. Do reflexo das telas na face de nossos filhos, diariamente, imersos no mar infinito da web. Da conexão constante: em casa pelo modem, nas ruas por meio dos celulares e em cafés com redes sem fio (wireless). Nos últimos anos, esse domínio da internet chegou a um dos locais mais protegidos pela sociedade: a escola. (SHINYASHIKI, 2009)

Escola e Juventudes sempre foram temas em conflito e em construção, na busca dos melhores meios de alcançar as gerações por meio do Ensino e do aprendizado. Com a chegada da Internet e junto às Redes Sociais, o professor se vê cada vez mais desafiado a repensar as suas aulas, de maneira a melhor atender as necessidades de aprendizagem dos jovens. E porque não vemos por meio das redes sociais digitais, como o Facebook um instrumento pedagógico para discussões, debates que estimulem a troca, o aprofundamento de ideias, citações de autores e até um aprofundamento na argumentação filosófica?

Sendo assim, não parece existir uma conexão implícita entre a Filosofia como ato no que se refere ao discurso e enunciados e a alta interatividade proporcionada pelas Redes Sociais? É possível pensar no Facebook como uma ferramenta didática no Ensino de Filosofia? De que maneira isso se daria? O que alunos e professores de Filosofia pensam sobre essa possibilidade?

Apresentados estes questionamentos, tenho como importante questão deste estudo o seguinte problema: de que maneira é possível utilizar o Facebook como ferramenta didática para professores e alunos no ensino de Filosofia?

Com o objetivo de discutir o problema proposto o presente trabalho demonstrará uma reflexão teórica. Esta visa sustentar uma proposta didática que será apresentada ao final juntamente com uma pesquisa online realizada com professores de Filosofia e alunos. Analisados e interpretados de acordo com o referencial teórico estudo.

Após esta introdução o leitor encontrará o trabalho dividido em quatro capítulos. No primeiro a reflexão se dá sobre a linguagem e a filosofia de maneira a apresentar ferramentas que possibilitarão a compreensão dos enunciados postados no Facebook, identificando neles marcas que possibilitem a problemática filosófica e o desenvolvimento da argumentação.

O segundo capítulo, “Contemporaneidade, Juventude e Escola”, é responsável por tratar e situar temporalmente a pesquisa partindo das reflexões de Bauman, que se unirão ao conceito de juventudes e a compreensão e concepção de escola.

Por meio do terceiro capítulo, “O Ensino da Filosofia no Ensino Médio”, abordo as visões de filósofos, como Foucault e Deleuze, sobre a Educação e a construção e presença histórica da disciplina de Filosofia no Currículo das escolas de Ensino Médio no Brasil.

No último, capítulo quatro, temos a pesquisa *on-line* que traz importantes posicionamentos dos atores do processo de ensino e aprendizagem, professores e alunos. E após a sua análise e interpretação, apresento um caminho didático possível para o Ensino de Filosofia em Rede.

CAPÍTULO 1 – CONTEMPORANEIDADE, JUVENTUDE E ESCOLA

Para chegarmos ao desenvolvimento de toda a pesquisa faz-se necessário agora olharmos para o contexto em que os nossos alunos estão inseridos. Entender essa geração, seu momento histórico e a realidade escolar para que não tenhamos mais uma metodologia de Ensino de Filosofia que esteja distante deles. Visitá-los e olhar ao redor entendendo o mundo que os rodeia.

Todas as mudanças, rompimentos, questionamentos que cada vez mais se apresentam e são experimentadas pela atual sociedade foram e são estudadas e compreendidas de diversas formas e por diversos autores que buscam posicionar-se a fim de visualizar como, para onde, por que tudo isso tem acontecido. Valerá para a esta pesquisa encontrar um modo de enxergar e compreender o momento em que os meus alunos se encontram, de que maneira (autor – referencial) irei olhar para eles.

O autor Jean - François Lyotard³ trouxe a conceituação desse período como “pós-modernidade”, vista como uma condição que rompeu a ideia de “*grand narrative*”. Ela foi explicada por Giddens (1991), em “As consequências da modernidade”, como o rompimento de um roteiro que identificava os indivíduos como seres com um passado definido e um futuro predestinado e uma nova condição que rompe esse determinismo valorizando a heterogeneidade das ideias, do conhecimento, “na qual a ciência não tem lugar privilegiado”. (p.74)

Já Gilles Lipovetsky⁴, defende que a “pós-modernidade” nunca existiu, pelo menos enquanto termo. Ao propor esse questionamento o autor defende que este atual período pode ser mais corretamente apresentado/classificado como “hipermodernidade”, ou seja, afirma que os valores difundidos na Modernidade prevalecem de maneira incontestável e universal.

É impossível pensar no que seria pós-moderno. Pode-se imaginar um sistema futuro que poderá conciliar os imperativos da Economia com os da Ecologia, por exemplo, mas isso não seria pós-moderno, mas sim outra face da modernidade. (LIPOVESTKY, 2004, p.1)

³ Jean-François Lyotard foi um filósofo francês e um dos mais importantes pensadores na discussão sobre a pós-modernidade.

⁴ Gilles Lipovetsky é um filósofo francês, teórico da Hipermodernidade.

A partir dessa afirmação o autor nos apresenta a defesa de que a sociedade contemporânea ainda não suplantou valores, pensamentos políticos, econômicos que levassem a chamada “pós-modernidade”. Para ele, já se avançou em princípios organizacionais, mercado, democracia, tecnologia, mas esses mesmos ainda são muito vivos e presentes, hiperpotencializados.

Escolhas, decisões, riscos, dúvidas, diversidade de possibilidades caracterizam a sociedade para autores como Anthony Giddens, Ulrich Beck⁵ e Scott Lasch⁶, identificada por eles como sociedade de modernização reflexiva, que aparece diante de uma crise da tradição e da modernidade. Ou seja, a tradição não impediu o advento da modernidade e tampouco esta exclui todas as características da tradição. Para Giddens,

durante a maior parte de sua história, a modernidade reconstruiu a tradição enquanto a dissolvia. (...) Portanto, o mais importante não é fazer tais separações, mas compreender as ligações que existem entre ambas, as contemporaneidades, as continuidades e descontinuidades do tradicional no moderno. (MARQUES, 2001, p. 23)

Por sua parte, Zygmunt Bauman (1925) ao dedicar-se a compreender a sociedade contemporânea numa perspectiva que ele mesmo chama de “modernidade líquida”, contribui para dar sustento a presente pesquisa que envolve os laços líquidos presentes nas redes sociais.. Esta proposta vem de encontro as Redes Sociais habitadas pelos alunos, local de mudança constante, transformações em segundos e rompimento da noção espaço- tempo moderna.

1.1 Vida Líquida

Começando a olhar por meio de Bauman na busca de compreender a sociedade contemporânea, nos remetemos à fluidez, ao líquido, à leveza. Os fluidos possuem características como a incrível mobilidade e a não possibilidade de manterem suas

⁵ Sociólogo alemão que defendeu uma sociologia reflexiva que não abandonasse uma análise crítica mediante os problemas da sociedade contemporânea.

⁶ Sociólogo estadunidense.

formas com facilidade, diferente do caso dos sólidos. Não se fixam no espaço e tampouco se fixam no tempo, mas sempre estão dispostos a mudar as suas formas. Sendo assim, o espaço que ocupam não é tão importante como o tempo, “descrições de líquidos são fotos instantâneas, que precisam ser datadas.” (BAUMAN, 2001, p. 8)

Temos da mesma forma as relações que representam a sociedade atual, como um estado similar ao liquefeito da matéria, que as tornam em completas mudanças e volatilidade, não se fixam, mudam constantemente. São relações universalmente mutáveis e aceleradas pela velocidade da comunicação.

Para estabelecer esse conceito de “modernidade líquida” Bauman retorna e faz referência a Era Moderna como uma “modernidade sólida”. A partir do século XV, diante de todos os movimentos históricos, políticos, filosóficos, religiosos, como: o Renascimento Cultural, a Reforma Protestante, o Iluminismo, a Revolução Científica e Industrial, todos estes que ajudaram a construir a realidade de padrões sólidos e de longa duração, transpondo a Idade Média ao constituir novos padrões aos moldes do capitalismo e da nascente classe burguesa.

O ‘Projeto Moderno’, se é que ele existiu, seguiu-se à exigência de ordem: firmeza e clareza das leis que governam a sociedade de alto a baixo e, com isso, garantir a previsibilidade, transparência e certeza tão nítida e dolorosamente ausente da condição humana. (BAUMAN, 2011, p. 8)

O homem moderno, que por meio do Iluminismo se torna esclarecido e dotado de razão, passou a usar essas ferramentas como principais meios de dominação sobre a natureza, quando antes era dominado por ela. Assim, tudo começa a caminhar sobre os seus próprios interesses e percebe o quanto produz e o quanto isso pode gerar lucros e domínios sobre a matéria. Um exemplo é a produção fordista, baseada nas linhas de produção com personagens e papéis determinados movidos pela ideia de progresso, solidificação de espaços e mercados, garantia de estabilidade sólida.

Bauman (2001, p.144) classifica esse período além de “modernidade sólida”, também “era do hardware”, “a modernidade obcecada pelo volume, uma modernidade do tipo ‘quanto maior, melhor’, tamanho é poder, volume é sucesso.” Assim, via-se muros nas fábricas, equipes cada vez maiores, construções gigantescas a fim de demonstrar / traduzir poder. O domínio do território cada vez mais aguçava o ser humano, como ocorrido no Neocolonialismo.

Assim, a modernidade sólida foi a era da conquista territorial, dos impérios que passaram a se espalhar pelo globo em busca da ocupação dos “espaços em branco” que ainda restavam. A visão de progresso, cada vez mais, iluminava e unia as teorias que prometiam “civilizar” o outro, levar a razão do homem moderno a outros que ainda não a possuíam. Assim, com o aumento de domínios cada vez se faz necessário reformular o tamanho e a quantidade do hardware, que tende a tornar-se lento e solidificado. O tempo deveria ser valorizado e maximizado para ter um retorno de valor que era o espaço.

Tudo isso se transpôs com o advento da modernidade líquida ou “Era do Software”, defendida por Bauman (2001). As formas organizacionais se tornaram cada vez mais soltas e fluidas, o espaço se tornou irrelevante, não determina mais limites à ação e dos seus efeitos. Perdeu seu valor estratégico. Fim da diferença entre longe e perto. Valores só são valiosos porque podem ser superados por outros, a instantaneidade revolucionou ao não trazer mais importância ao espaço e tudo sendo transmitido rapidamente, em tempo cada vez mais curto.

Se todas as partes do espaço podem ser alcançadas a qualquer momento, não há razão para alcançar qualquer uma delas num dado momento e nem tampouco razão para se preocupar em garantir o direito de acesso a cada uma delas. Se soubermos que podemos visitar um lugar em qualquer momento que quisermos, não há urgência em visitá-lo nem a gastar dinheiro em uma passagem válida para sempre. (BAUMAN, 2001, p.150)

Esse tempo instantâneo é sem substância e sem consequências, ademais de ser uma realização imediata. Bauman defende que o mesmo pode levar ao desaparecimento do interesse e que por mais avançado que esteja não se chegou à completa instantaneidade. Pode-se sim, hoje, desejar estar “em outro lugar” e decidir a velocidade de como isso será realizado.

A Modernidade leve permitiu que um dos parceiros saísse da gaiola. A modernidade ‘sólida’ em uma era de engajamento da fuga fácil e da perseguição inútil. Na Modernidade ‘líquida’ anda os mais escapadiços, os que são livres para se mover de modo imperceptível. (BAUMAN, 2001, p. 153)

Todo esse mover-se também é apresentado por Bauman em uma referência/comparação aos hábitos nômades, esses malvistas pela Era Moderna. O sedentarismo como algo superior – endereços fixos, identidades com os espaços – estão sendo transpostos e a própria política tem incentivado a manutenção das estradas abertas para o tráfego nômade derrubando as barreiras, incentivando o extraterritorial. O autor faz uma excelente comparação sobre esse dualismo entre o fixar-se e o desprender-se, ao comparar Rockefeller e Bill Gates,

Rockefeller pode ter desejado construir suas fábricas, estradas de ferro e torres de petróleo altas e volumosas e ser dela por um longo tempo (...). Bill Gates, no entanto, não sente remorsos quando abandona posses de que se orgulhava ontem; é a velocidade atordoante da circulação, da reciclagem, do envelhecimento, do entulho e da substituição que traz lucro hoje – não a durabilidade e confiabilidade do produto. (BAUMAN, 2001, p. 22)

Ao compreendermos a passagem da “modernidade sólida” para a “modernidade líquida” passamos a nos perguntar como se dá a vida em uma sociedade líquido-moderna e seus desafios. Para isso Bauman compreende a mesma como uma efemeridade dos laços e que as coisas e indivíduos mudam num espaço curto de tempo. Algo como rotina que se levava tempo para se apreendida e institucionalizada, nos tempos atuais muda constantemente, ou seja, “não pode manter a forma ou permanecer por muito tempo.” (p.24)

As realizações individuais não se solidificam permanentemente. Ideias, experiências apreendidas, mesmo em um passado próximo, não são, em muitas vezes reutilizáveis, pois devidas às constantes mudanças essas ações podem ser arriscadas ou até enganosas. Temos uma vida, segundo o autor, precária e com uma incerteza constante.

“A vida líquida é uma sucessão de reinícios (...)” (Bauman, 2009, p. 8) Essa afirmação do autor era diferente dentro de uma “modernidade sólida” a busca por um final, eterno, objetivo do indivíduo, finalidade da vida era algo “claro e esperado ansiosamente”, enquanto atualmente livrar-se das coisas, mudar é mais prioritário do que o adquirir, assim como o esquecer, pagar, desistir, substituir. Muitas vezes vistos claramente nas Redes Sociais, essa série de reinícios permite que se replique ilusões

compartilhadas ocultando muitas coisas dentro do próprio indivíduo, sendo este o principal ponto deste estudo.

Flutuando como água, ... você vai em frente com rapidez, jamais enfrentando a corrente nem parando o suficiente para ficar estagnado ou se prender às margens ou às rochas – propriedades, situações ou pessoas que passam por sua vida - , nem tentando agarrar-se a suas opiniões ou visões de mundo, apenas se ligando ligeiramente, mas com inteligência, a qualquer coisa que se apresente enquanto você passa, e depois deixando-a ir embora graciosamente sem apegar-se... (BAUMAN, 2009, p. 11)

O autor traz um termo muito interessante que é a “Destruição Criativa”, a grande ênfase da vida líquida está em permanecer, mesmo que temporariamente, fora da lista dos excluídos e sem o risco de ir para o lixo. Neste sentido, a indústria de remoção do lixo ganha um destaque na economia da vida líquido – moderna.

Nessa sociedade, nada pode reivindicar isenção à regra universal do descarte, e nada poder ter permissão de se tornar indesejável. A constância, a aderência e a viscosidade das coisas, tanto animadas quanto inanimadas, são os perigos mais sinistros e terminais, as fontes dos temores mais assustadores e os alvos dos ataques mais violentos. (BAUMAN, 2009, p. 9)

Como tudo passa muito rápido entre o conservador e o moderno, a necessidade e o desejo, o ocultamento e o desvelamento, o essencial e o desnecessário tudo isso faz com que os indivíduos produzam uma grande quantidade de lixo, que deverá ser jogada em algum lugar e muitas vezes com a ajuda de terapias, remédios, livros de autoajuda, bebidas e até religião.

Vemos, a partir do autor a definição de vida líquida dentro de uma “vida de consumo”, na qual a ideia de mundo e todos os seus fragmentos são vistos como objetos de consumo. Diante de um julgamento e avaliação baseados em padrões instituídos socialmente, conduzindo o indivíduo a adequar-se a eles, para não ser descartado ou deixado para trás. Desse modo,

O lixo é o principal e comprovadamente o mais abundante produto da sociedade líquido-moderna de consumo (...). Isso faz da remoção do lixo

um dos principais desafios que a vida líquida precisa enfrentar e resolver. O outro é a ameaça de ser jogado no lixo. Em um mundo repleto de consumidores e produtos, a vida flutua desconfortavelmente entre os prazeres do consumo e os horrores da pilha de lixo. (BAUMAN, 2009, p. 17)

O ter, o ser compreendido, o ser visto, compartilhado ganha cada vez maior importância diante do risco de deixar de ser objeto de consumo. A vigilância deve ser constante em si, no outro e no mundo; comparações, ideias que se desmancham rapidamente. Visibilidade é muito importante em uma vida líquida e também “(...)significa um constante autoexame, autocrítica e autocensura. ” (Bauman, 2009, p .21)

Todo esse consumo, toda essa visibilidade, todos os padrões permeiam a sociedade líquido-moderna junto com uma ordem importante e cada vez mais presente: a velocidade, que para ter eficácia precisa descarregar todo o peso, desde objetos a pessoas, mas que ao mesmo tempo em que descarta nos conecta constantemente a todo o mundo, criando um dualismo cada vez mais presente, o do “ser e o tudo”.

E aí pensamos que ser é esse? Qual a sua individualidade diante do todo? No século XX havia um limite para o consumo, o espaço das prateleiras; muitas vezes o indivíduo buscava algo para si, para se identificar e não encontrava, hoje com o espaço virtual ele está próximo de “tudo”, até os colecionadores de coisas mais raras e exóticas têm o seu espaço preservado. Assim, a sua “individualidade” pode ser mantida, como afirmou Bauman (2009) que “(...) quando a individualidade é um ‘imperativo universal’ e a condição de todos, o único ato que o faria diferente e, portanto, genuinamente individual seria tentar – de modo desconcertante e surpreendente – não ser um motivo. ” (p.26)

1.2 Juventude e Contemporaneidade

Ao tratarmos de juventude, alunos de Ensino Médio, iremos esbarrar em diversas delimitações e conceituações para esse momento da vida do ser humano, parâmetros que envolvem o biológico, outros o social, o cultural e o etário. Ariès (1973) ao trazer em seu trabalho discussões sobre a Infância, apresentou o tipo particular de vínculo que liga adultos e crianças nas eras moderna e pré-moderna.

A transmissão de valores, saberes e, de forma mais geral, a socialização da criança não eram (...) asseguradas pela família, nem controladas por ela. A criança se afastava rapidamente de seus pais e pode-se dizer que, durante séculos, a educação foi assegurada pelo aprendizado graças à coexistência da criança ou do jovem e dos adultos. Ele aprendia as coisas que era necessário saber, ajudando os adultos a fazê-las (ARIÈS, 1973, prefácio, p. 6).

Ariès (1973) observa que no decorrer dos séculos a maneira de lidar com o conceito de juventude foi se modificando. No século XVI, a juventude se iniciava a partir do momento em que se tinha força física para buscar o seu próprio alimento, atendendo as suas próprias necessidades básicas. Entre os séculos XVI e XVIII, em grupos de escolarização, critérios etários não eram levados em consideração para diferenciar as etapas dos alunos, mas sim o domínio apresentado do latim, reunindo algumas vezes, indivíduos entre 10 e 25 anos em uma mesma classe. O autor diz que na Idade Média a vida era apresentada em etapas, sendo elas a infância que durava até os sete anos, pueritia até os 14 anos, a adolescência que poderia durar até os 35 anos, por terem a capacidade de procriarem e ter domínio sobre os meios que precisa para a sobrevivência. A juventude ia até os 45 ou 50 anos, por serem marcados pelo auge do domínio sobre o trabalho e, após isso, a velhice. Vale ressaltar que essas divisões não eram comuns a todos os grupos sociais, por serem marcados pela “capacidade física e disposição corporal”, por isso variava entre a nobreza e o povo.

Em nossa sociedade há um paradoxo em relação à juventude, principalmente por meio das mídias sociais que problematizam as políticas de identidade, sobretudo identidade jovem. De um lado é reunido, como fonte e/ou resultado de vários problemas sociais – drogas, desemprego, violência – mas também, por outro lado, vista como a solução, como uma possível construção de um futuro melhor.

[...] os jovens são, também, considerados uma espécie de reserva ética das sociedades. Eles são o ponto de virada da história social. Antes de serem encarados como um grupamento social que deve aguardar seu turno para a construção do novo presente (o futuro), a juventude é assumida como coautora – e corresponsável – pelo presente. Os analistas deixam a juventude em duas situações incômodas: delinquentes e/ou responsáveis pelo destino do gênero humano. (IULIANELLI, 2003, p. 61).

Dayrell (2003), discute esse paradoxo e as visões apresentadas sobre a juventude ao não concordar com um reducionismo em que se concebem os jovens, sob apenas a ótica do problema. Sendo assim, todas as políticas sociais e educacionais são voltadas para resolver esses “ditos problemas”, não em políticas que elevem as potencialidades da juventude, que desenvolvam as suas perspectivas de direitos.

Há ainda autores que veem por meio de uma visão romântica associada a um tempo de liberdade, de prazer, de expressão, de comportamentos extravagantes, trazendo uma ideia de moratória social, na qual todos os jovens passam para poderem amadurecer, adaptar-se, assumir as responsabilidades que lhe serão exigidas na fase adulta. Outros os relacionam apenas no campo da cultura, por meio das músicas, danças, bandas, estilos que os traduziriam.

Enquanto professor é importante entender que “... a construção social da juventude pode se dar de forma muito variada nas diferentes sociedades e em diferentes momentos históricos.” (DAYRELL, 2003, p. 3). Como o posicionamento do referido autor nos permite compreender, cada sociedade e cada grupo social se relaciona, entende e representa a juventude de uma determinada maneira, se forma em uma grande diversidade cultural, social, geográfica, de gênero, dentre outros. Nesse sentido, não se pode enquadrar o jovem em aspectos rígidos e uniformes e /ou em um momento apenas de preparo e aprendizado para a fase adulta e isso envolve a metodologia a ser empregada para o Ensino. Temas, abordagens, inspirações precisam partir da realidade do aluno a fim de favorecer as discussões filosóficas.

Há um momento determinado para a juventude, mas não apenas como passagem, que é influenciado e influencia o meio social em que está inserido e se forma enquanto sujeito social, identidade social. Como em Dayrell (2003), não há uma única forma de ser jovem, devendo ser esta entendida como “juventudes”, no plural, devido à multiplicidade de maneiras de ser e entender o jovem.

Diversos modos de se viver, construir o meio social tende a ser diversos desde a adolescência, levando a experiências sociais, subjetivas, cheias de sensações e emoções. Reunidas, elas podem proporcionar uma reflexão sobre si e o mundo, conduzindo este jovem a uma maior inserção social.

Um dos primeiros pontos importantes sobre identidade é a de que não existe um eu interior natural, que vem conosco desde o nascimento, separado do mundo exterior. Mas ao contrário disso, a identidade é construída a partir de si e do outro, do contexto

social, familiar e de outros aspectos culturais, como também nas Redes Sociais, como tratado no capítulo anterior tendo como referência à alteridade. Muitas vezes os jovens usam recursos midiáticos ou pela internet para buscar novas referências, produzir outras, questionar a si e ser visto, em busca de quem se é.

Na modernidade, em um modelo cartesiano, a identidade era formada enquanto essência, separada da sociedade, mas na contemporaneidade a mesma é constituída de singularidades e universalidades, emaranhando-se em múltiplas identidades que permitam vários modos de ser e de aceitação. Não há como construí-la sem entender e /ou saber como o Outro me vê, me entende, me constrói. “Não nos sentimos ligados aos outros apenas pelo fato de existirem interesses comuns, mas sobretudo, porque esta é a condição para reconhecer o sentido do que fazemos, podendo nos firmar como sujeitos das nossas ações. ” (DAYRELL, 2003)

As identidades das juventudes atuais sendo múltiplas permitem que as tribos sejam cada vez mais efêmeras, o jovem pode estar inserido em várias e /ou deixar de pertencer a elas e logo se associar a outros em tempos cada vez menores e menos regulares: “está relacionado a uma identidade cultural e não mais a uma questão financeira ou econômica. (...) O forrozeiro de hoje pode ser o *clubber* da *rave* do próximo fim de semana. ” (CURI, 2004, s/p). Tudo isso representado pelas múltiplas mídias que fornecem meios de divulgação de várias identidades e que alcancem diversos outros.

Em tempos de domínio da internet, das mudanças constantes e quase instantâneas, nada é eterno e tampouco rígido, todos temos múltiplas identidades ou, no “admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam ” (Bauman, 2005, p. 33).

Durante o presente trabalho percebemos ser cada vez mais importante considerar o jovem como sujeito social, capaz de refletir, de ter sua própria posição e questionamento. Ao analisarmos suas postagens nas Redes Sociais identificar estes aspectos, pois por meio de compartilhamentos, curtidas, comentários, construções de textos, reprodução de “frases sem texto” o jovem age socialmente, se posiciona, se identifica. Como educador se torna metodologicamente importante e de grande valor usar a realidade em que os alunos se encontram, no caso as Redes Sociais para levar a questionar-se, refletir e agir filosoficamente. Este entende-se como um aluno reflexivo de sua realidade.

1.3 . Juventudes e Redes Sociais

No mundo atual é cada vez mais comum e presente na vida dos jovens. A Internet, as Redes Sociais, Smartphones, diferentes tipos de aplicativos são importantes dispositivos que têm constituído, formado e modificado os modos de ser, agir e pensar das pessoas. Muitos acessam por meio deles um “mundo” de possibilidades, referência, informações como nunca antes visto.

Neste sentido o presente trabalho se faz necessário para entender como todas essas ferramentas tecnológicas têm sido usadas e podem contribuir para o Ensino de Filosofia. Pensar como uma Rede Social como o Facebook, e outras, os influenciam, constroem novas subjetividades, o material que é produzido quando estão conectados, conduzindo o jovem a pensar sobre si, escolhendo o que quer que seja divulgado ou não virtualmente. Ao postarem pensamentos, enunciados, imagem-texto poderemos partir deste corpus para reflexões filosóficas, não necessariamente por meio de uma história da Filosofia, mas o questionar a si e ao outro em busca de novas compreensões. Reconhecer nas postagens o dialógico, a alteridade que permite a Filosofia.

As autoras Sales e Paraíso (2011) que analisaram as postagens e grupos da rede social Orkut afirmaram que é uma das características do mundo contemporâneo a “intensa conexão entre as pessoas e as tecnologias” (p .300). Estas tecnologias têm possibilitado também uma criação de novas formas de linguagens, interações e formação de grupos com características e identidades em comum, permitindo ao jovem expor seus pontos de vistas, ideias sobre diferentes assuntos que o interessam.

Em uma reportagem na Internet do site [jornali9](http://www.jornali9.com)⁷, postada no dia 29/01/2013, “de acordo com a Folha Ibrandis 26, 41.565 milhões de pessoas são usuários de internet e esse número vem aumentando...”. Também trouxe a pesquisa realizada pela Data Folha 35, de que “a TV, apesar de ser a principal fonte de informação para o jovem brasileiro vem caindo na preferência desse público, ao passo que a Internet vem consolidando seu espaço de fonte de informação confiável.” Estas confirmam o uso cada vez mais constante da Internet e Redes sociais pelos jovens.

As Redes Sociais são espaços na Internet que permitem compartilhar ideias, imagens, textos, arquivos, fotos, vídeos, com informações de caráter geral ou

⁷ <http://www.jornali9.com/brasil-a-internet-as-redes-sociais-e-a-juventude> Acesso em 09/05/2016

específico. O Facebook é uma rede social que foi criada em 2004, ainda restrita aos estudantes da Universidade de Harvard, mas que rapidamente se expandiu para outras universidades até alcançar outros países pelo mundo. Mensagens são compartilhadas, conversas estabelecidas e perfis visualizados por outros membros da mesma rede e também a construção de novos amigos e reaproximação dos mais distantes.

Em uma pesquisa feita por Lima (2011), na qual um questionário com 24 perguntas foi realizado com adolescentes e jovens sobre os usos do ORKUT e do Facebook, a autora ressaltou algumas afirmações que mostram como a identidade do jovem, as suas maneiras de expressão estão atreladas às Redes Sociais citadas. Muitos colocaram que se sentem-se mais à vontade para “se abrir na Internet”, sentem-se com mais facilidade de se expressar e compartilhar ideias e falar de coisas que não fariam pessoalmente.

As citações abaixo foram retiradas da pesquisa citada e ajudam a entender melhor como o jovem usa as Redes Sociais.

Na internet, a forma de falar é diferente, mais à vontade e muitas vezes, temos mais facilidade de falar certas coisas que não falaríamos normalmente. (M.C. 20/06/2011)

Em uma comunidade do Orkut as pessoas podem fingir ser algo que não são, forjar ideologias e aparências. Fora da Internet isso não acontece tão facilmente. (B.F. 13/07/2011)

No Orkut ninguém conhece ninguém e você pode falar besteira sem te zorem se você errar as palavras. (P.L.L. 26/05/2011)

Podemos compreender as citações destes jovens desde a perspectiva de que ao tratarmos de Redes Sociais não apenas o espaço precisa ser visto de outra maneira, mas os atores também, se apresentam sob uma outra lógica de aproximação e associação. A autora Raquel Recuero em seu livro “Redes Sociais na Internet” afirma que “por causa do distanciamento entre os envolvidos na interação social, principal característica da comunicação mediada por computador, os atores não são imediatamente discerníveis. Um ator, assim, pode ser representado por um weblog, um fotolog, por um twitter ou mesmo por um perfil no Orkut.” (RECUERO, 2009, p. 25)

As ferramentas tecnológicas contemporâneas têm servido como importante meio e lugar de discussão e representação das identidades dos jovens. Estas são ligadas diretamente e intimamente ao ideal contemporâneo. Dessa maneira, compreendemos que as tecnologias, internet e as Redes Sociais transformam e geram impactos nas interações juvenis, atraindo-os como uma forma de expor e colocar ideias, crenças, opiniões. Estas muitas vezes construídas em meios sociais como família, Igreja e escola.

1.4 . Escola, Juventudes e Redes Sociais

A escola, no contexto atual, é cada vez mais desafiada e questionada na sua dificuldade em produzir sujeitos capazes de reflexão, levando-se em consideração diversos meios e atrativos que a circundam. Desde todas as Mídias Sociais que abocanham grande parte da juventude ainda se tem questões relacionadas aos problemas sociais, como o desemprego, falta de perspectiva profissional, impunidade, violência e tantos outros fatores que hoje invadem as escolas e as impõe mais desafios. A reflexão que apresento é ir além de ser uma escola, mas sim uma resistência a tudo isso, sendo crítica e capaz de preparar para a vida social.

Essa resistência implica um envolvimento e postura entre todos os envolvidos na realidade escolar, com atitudes como: status e reconhecimento enquanto educador e formador; entender que humanizar-se é ir além dos conteúdos pré-estabelecidos; uso de inovações e recursos potencialmente atrativos para os alunos; informar-se para envolver meios extracurriculares que apoiem e tragam estratégias pedagógicas. Formando mais e in-formando menos, dentro de uma relação cada vez mais dialética. Salientando que o despertar da consciência independe da disciplina que se leciona e estuda.

Alunos que necessitam cada vez mais terem sua autoestima resgatada do processo de educar, formar para dar sentido para o que eles mesmos buscam. Formar para a Alteridade, olhar para si e para o outro e tornar-se um sujeito consciente de sua produção e participação na sociedade. Ampliar o olhar sobre a dinâmica da vida social.

Me coloco nesta pesquisa como aquele via em sala de aula um constante amorfismo, apatia diante da realidade, indiferença ao outro, individualismo materialista,

um mundo “preto e branco”. Incitar nos alunos que podem refletir, o agir ético, olhar reflexivo, através das Mídias Sociais, isto que ocorre já, mas sem uma consciência dos enunciados destacados e contribuir para a emancipação.

Freire 1987, traz em suas defesas uma pedagogia que se centra numa forma dialógica, faz-se pela escuta e percepção, no cultivo da sensibilidade, tolerância das diversidades e no pluralismo de opiniões. A metodologia se torna mais importante do que o próprio conteúdos, o caminho para o qual se utilizará para alcançar o aluno. Humanizar-se, para resistir.

Constatar esta preocupação implica, indiscutivelmente, reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica. É também, e talvez sobretudo, a partir desta dolorosa constatação que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade – a de sua humanização. Ambas, na raiz de sua inclusão, os inscrevem num permanente movimento de busca. Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão. Mas, se ambas são possibilidades, só a primeira nos parece ser o que chamamos de vocação dos homens. Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada. (FREIRE, 1987, p. 30).

Todo o anseio de liberdade, justiça perpassa filosoficamente no despertar reflexivo e atualmente numa outra luta, diante da “escola sem partido”⁸. Proposta que nasceu em 2004, sem grandes preocupações, pois parecia distante e absurdo, mas que tem tomado corpo e crescido cada vez mais, principalmente nas Mídias Sociais, nas quais os jovens se encontram.

A proposta, em suma, tem como objetivo vedar, em sala de aula, a prática de doutrinação política e ideológica e de conteúdos que possam entrar em conflito com as convicções ensinadas pelos pais aos filhos, ou seja, o professor deveria passar apenas o conteúdo sem críticas, ou outros que ser quer poderiam ser ensinados problematização ou contextualização, um ato apenas mecânico de reprodução.

⁸ Projeto de Lei. <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1317168>. (Acesso em 11/10/2017)

Tenho aqui uma pesquisa que busca ir ao aluno, entender seus enunciados, pensar filosoficamente e eticamente ideias que vão contra à movimentação da educação no atual cenário brasileiro, de não ser resistência.

Não há como pensar nos dias de hoje uma educação desconectada dos diversos aspectos culturais, que não considera a pluralidade e diferenças humanas, étnicas, sexuais, religiosas, raciais, sociais, que formam o nosso tempo presente. Tudo isso tem que ser levado em conta nas discussões sobre a educação e o ensino-aprendizagem.

A educação escolarizada e pública sintetiza, de certa forma, as ideias e os ideais da modernidade e do iluminismo. Ela corporifica as ideias de progresso constantes através da razão e da ciência, de crença nas potencialidades e desenvolvimento de um sujeito autônomo e livre, de universalismo, de emancipação e de libertação política e social, de autonomia e de liberdade, de ampliação do espaço público através da cidadania, de nivelamento dos privilégios hereditários, de mobilidade social. A escola está no centro dos ideais de justiça, igualdade e distributividade do projeto moderno de sociedade e política. Ela não apenas resume estes princípios, propósitos e impulsos: ela é a instituição encarregada de transmiti-los, de torná-los generalizados (...). A escola pública se confunde, assim com o próprio projeto da modernidade. Ela é a instituição moderna por excelência. (SILVA, 2000, p. 214)

Estacionamos em uma escola com um modelo medieval e com formas disciplinares em uma “Sociedade da Informação” (CASTELLS, 2000). Todo o mundo mudando fora das paredes da escola e esta ainda convicta de suas crenças e projetos pedagógicos, que parece não mais atrair os alunos que possuem o conhecimento de diferentes formas e nem aos professores que não têm sabido conduzir a educação dos jovens diante das evoluções tecnológicas dos últimos tempos.

A professora não se questiona quando interroga um aluno, assim como não se questiona quando ensina uma regra de gramática ou de cálculo. Ela "ensigna", dá ordens, comanda. Os mandamentos do professor não são exteriores nem se acrescentam ao que ele nos ensina. Não provêm de significações primeiras, não são a consequência de informações: a ordem se apoia sempre, e desde o início, em ordens, por isso é redundância. A máquina do ensino obrigatório não comunica informações, mas impõe a crianças coordenadas semióticas com todas as bases duais da gramática (masculino-feminino, singular-plural, substantivo-verbo, sujeito do enunciado-sujeito de enunciação etc.). A unidade elementar da linguagem — o enunciado — é a palavra de ordem. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 11-12)

A escola estabelece um conflito constante a partir do momento que tem tentado integrar as tecnologias da contemporaneidade, mas sem ceder aos velhos mecanismos disciplinares. O próprio professor tem tido dificuldade em ceder e dividir o controle e domínio da sua autoridade com as tecnologias. Ele tem perdido a sua legitimidade, antes inquestionável, pois as tecnologias da informação possibilitam o conhecimento enquanto informação, compartilhado quase que instantaneamente pelas redes sociais. A grande guardiã do saber cede lugar a diversos conselheiros espalhados pela internet que se fazem como referências para diferentes pessoas no mundo, principalmente adolescentes e jovens.

As Tecnologias da Informação e Comunicação mudaram a forma de as pessoas pensarem e se comunicarem. As notícias possuem diferentes canais, meios e formas discursivas diferentes, antes com um caráter mais estático; hoje as informações são simultâneas e em tempo real acompanhado por todos por meio dos recursos tecnológicos.

A chegada cada vez mais rápida e intensa das tecnologias (como o uso cada vez mais comum de computadores, Ipods, celulares, tablets, etc) e de novas práticas sociais de leitura e de escrita (condizentes com os acontecimentos contemporâneos e com os textos multisemióticos circulantes) requerem da escola trabalhos focados nessa realidade. (ROJO, 2012, p.99)

As Tecnologias da Informação e Comunicação precisam ser pensadas cada vez mais como local de informação, troca de saberes e aprendizagem. A inserção destas no contexto escolar vem gerando reflexões constantes e a busca de projetos pedagógicos que possam nortear todo esse processo.

As Redes Sociais permitem, em sua organização, aos usuários transmitirem seus interesses para o mundo virtual, comunicarem, interagirem e se informarem de tudo o que acontece. Permite, ao estarem em rede, serem ativos e responsáveis, o incentivo de ideias e realização de mobilizações, exporem conflitos e dinamizar a vida. Enquanto a escola se organiza por meio de um espaço onde o professor fala e o aluno ouve, sem muito diálogo e produção de conhecimento, considera significativas as atividades, conteúdos, disciplina, avaliações, etc., ou seja, o saber é mais contemplado pelo aluno do que construído.

A inserção das Redes Sociais já ocorre nas escolas, mesmo estas resistindo, entra por meio dos equipamentos tecnológicos dos alunos, computadores das escolas, sendo um movimento que não há mais retorno, mas sim um diálogo de inserção pedagógica do mesmo. Apesar de ainda termos impedimentos, muitas vezes, institucionalizados, como a proibição do uso de celulares, bloqueio de computadores, etc. Vários são os motivos para o uso das Redes Sociais no Ensino. Eles se colocam como: por esta ser habitat dos jovens e adolescentes, sendo um forte potencial significativo de geração de interação social, aumento das relações que conduzem a novos debates que extrapolam o nível da sala de aula, um meio cultural (cibercultura) que dá um acesso mais democrático a todos, ferramentas que proporcionam a divulgação rápida do conhecimento e dentre outros.

A inteligência coletiva que favorece a cibercultura é ao mesmo tempo um veneno para aqueles que dela não participam (e ninguém pode participar completamente dela, de tão vasta e multiforme que é) e um remédio para aqueles que mergulham em seus turbilhões e conseguem controlar a própria deriva no meio de suas correntes. (LÉVY, 2010, p. 30)

Diante dos avanços das Redes Sociais, a escola, possui novas ferramentas para extrapolar e libertar a aprendizagem, descobrindo nelas novas habilidades e domínios do conhecimento. É importante entender que

o ensino via redes pode ser uma ação dinâmica e motivadora. Mesclam-se nas redes informáticas- na própria situação de produção e aquisição de conhecimentos – autores e leitores, professores e alunos. As possibilidades comunicativas e a facilidade de acesso às informações favorecem a formação de equipes interdisciplinares de professores e alunos, orientadas para a elaboração de projetos que visem à superação de desafios ao conhecimento; equipes preocupadas com a articulação do ensino com a realidade em que os alunos se encontram, procurando a melhor compreensão dos problemas e das situações encontradas nos ambientes em que vivem ou no contexto social geral da época em que vivemos (KENSKI, 2004,p. 74).

As Redes Sociais possibilitam centralizar todas as atividades entre professores e alunos de uma determinada escola, ou não, podendo despertar e manter sentimentos de comunidade. Partilhar, conhecer objetos de interesse de leitura dos outros, facilita a

organização de projetos e trabalhos, partilha de descobertas, incertezas e reflexões estabelecendo ciclos contínuos de aprendizado.

O maior valor das redes sociais é justamente aquele para a qual foram criadas: o de manter contato entre as pessoas que no caso da educação é o de manter contato entre professores e alunos, professores entre si e alunos entre si. (HARO, 2008b apud SILVA, 2010 p.42)

Todo o ensino permeado pelas Redes Sociais tende a romper velhos atos disciplinares das escolas, como: a relação com o saber, este não mais como “depositário”, sem sentido, sem aplicabilidade, mas formas coletivas de aprendizagem e discussões; a relação pedagógica hierarquizada é rompida; a escola deixa de ser uma Instituição modeladora para ser uma agente socializadora, pois o aluno participa do aprendizado e é responsável por ele.

As redes sociais oferecem um imenso potencial pedagógico. Elas possibilitam o estudo em grupo, troca de conhecimento e aprendizagem colaborativa. Uma das ferramentas de comunicação existentes em quase todas as redes sociais são os fóruns de discussão. Os membros podem abrir um tópico e interagir com outros membros compartilhando ideias (...). Enfim, com tanta tecnologia e ferramentas gratuitas disponibilizadas na Web, cabe ao professor o papel de saber utilizá-las para atrair o interesse dos jovens no uso dessas redes sociais favorecendo a sua própria aprendizagem de forma coletiva e interativa (BOHN, 2009, p 1).

O impacto das Redes Sociais pode ser extremamente positivo em disciplinas como Filosofia, pois os estudantes poderão trazer as demandas, dúvidas, questionamentos produzidos em uma linguagem com a qual já estão habituados. Assim, sentem-se mais próximos das teorias e vencem estigmas e preconceitos com a disciplina.

Muitos alegam que a Filosofia nada tem a ver com suas vidas e com seus sonhos e objetivos pessoais. Seria algo antigo e desconectado, de compreensão difícil e de muita memorização a fim de demonstrar aprendizado significativo apenas em avaliações.

As Redes Sociais podem favorecer um intercâmbio de ideias não restrito a espaços geográficos e a horários predeterminados, facilitando o acesso aos conteúdos, tendo uma nova forma de construção de conhecimento mais autônoma e acessível.

CAPÍTULO 2- O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Para falarmos de Redes Sociais, Juventudes e Ensino de Filosofia faz-se oportuno neste momento entender de que maneira a Filosofia está ligada à Educação, que pensadores poderão nortear esta presente pesquisa sustentando-a e trazendo conceitos que irão integrar o ensinar desta disciplina. Já que trouxemos a palavra “conceito” é importante posicioná-la, a mesma aparecerá diversas vezes associada à prática do Ensino de Filosofia, sendo assim, partiremos do tratamento que Deleuze, fez da mesma:

fazer filosofia é tentar inventar ou criar conceitos. Ocorre que os conceitos têm vários aspectos possíveis. Por muito tempo eles foram usados para determinar o que uma coisa é (essência). Nós, ao contrário, nos interessamos pelas circunstâncias de uma coisa: em que casos, onde e quando, como, etc.? Para nós, o conceito deve dizer o acontecimento, e não mais a essência. (DELEUZE, 2000a, p. 37).

A partir da perspectiva de que o conceito passaria a responder ao fenômeno e não mais ao seu significado puro é que nos encaminharemos aos diversos aspectos desse capítulo.

2.1. A Filosofia e a Educação

Iniciaremos a reflexão a partir dos conhecimentos trazidos por Deleuze e Guattari⁹, pensadores que defenderam a diversidade das singularidades, a importância dada aos fatos, à unicidade dos acontecimentos.

Aponta-se para a valorização daquilo que é vivenciado individualmente e que foge a conceitos rígidos e puros. Assim, como apresentado no início deste capítulo, o conceito é visto como acontecimento e não como essência, não se fecha em si, absoluto, mas reflete as multiplicidades criadas a partir das experiências vivenciadas.

⁹ Importante destacar que a temática da educação não é tratada de forma específica por estes autores. Não há em Deleuze e Guattari um estudo específico sobre questões ligadas à educação, mas traremos as suas ideias a partir de uma visão geral e de que maneira pode influenciar a compreensão da Educação.

Assim, defendem que a partir dele podemos pensar, formular e produzir novos outros conceitos.

A Educação atual ainda é fruto de toda uma busca incessante pela verdade e conhecimento que gerou uma “árvore do conhecimento”, tendo ramificações e a partir das quais foram geradas diversas outras e assim subsequentemente. Gallo (2008) resgata a análise de Foucault sobre as sociedades disciplinares e a vinculação à Escola, em que, além da divisão dos conteúdos, como apontado acima, a própria estrutura física da escola e os métodos de avaliação funcionam como mecanismos de controle social. Ramificar o conhecimento, conceitos absolutos, unos e verdadeiros. Para Deleuze, não há essas ramificações no conhecimento, mas sim pontos que se originam de quaisquer partes e geram outros, sem começo e sem fim e sempre apontando ao múltiplo e não ao uno, faz-se surgir o conceito de Rizoma. Gallo (2008) afirma que, enquanto a metáfora tradicional da árvore como forma de construção de conhecimento remete ao uno – pois, em última instância, os conhecimentos são derivados de um único tronco e “aquilo que se assemelha a uma multiplicidade revelasse, ao ser melhor analisado, como resultado de uma reprodução ao infinito de uma mesma única forma” (GALLO, 2008, p. 76) – a perspectiva rizomática aponta para o múltiplo.

Neste sentido da visão rizomática, o processo de pensamento não é sequencial, a memória não é armazenada como em um disco RAM, mas sim atualizada, estimulada, trabalhada constantemente. Importante entender que aprender se torna então um percorrer por si próprio o caminho para a solução de um problema. Desse modo,

Aprender é o nome que convém aos atos subjetivos operados em face da objetividade do problema (Ideia), ao passo que saber designa apenas a generalidade do conceito ou a calma posse de uma regra das soluções (...). Aprender é penetrar no universal das relações que constituem a Ideia e nas singularidades que lhes correspondem. (...). Aprender a nadar é conjugar pontos relevantes de nosso corpo com os pontos singulares da Ideia objetiva para formar um campo problemático. Esta conjugação determina para nós um limiar de consciência ao nível do qual nossos atos reais se ajustam as nossas percepções das correlações reais do objeto, fornecendo, então, uma solução do problema (DELEUZE, 1998, p. 236 -237).

E como vemos, a partir de Deleuze e Guatarri, o sujeito? Este, segundo os autores, é atravessado por diversas instâncias que compõem a sociedade. Instâncias construídas pelo próprio sujeito historicamente e culturalmente. A noção de subjetividade deixa de ser constituída a partir da interioridade do sujeito e passa para a esfera exterior ao mesmo, nas construções sociais, em que se apropria daquilo que é socialmente produzido no campo das significações.

Guattari propõe o desvinculamento entre os conceitos de indivíduo e subjetividade, para ele as subjetividades produzidas socialmente formam a singularidade. O agenciamento, outro conceito trazido pelo autor, é o meio que estimula e impulsiona a produção de subjetividades, alcançando sujeitos a partir dos discursos que se acumulam das relações sociais, de maneira que

A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação ou de semiotização não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instância intrapsíquicas, egóicas, microssociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extra pessoal, extra individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, ou seja, sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infra psíquica, intrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagem e de valor, modos de memorização e de produção de ideias, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos e assim por diante) (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p.31).

Diante do exposto, podemos entender também o aprendizado como uma construção coletiva, na qual todos os sujeitos, de forma singular, contribuem cada um com suas ideias articuladas a partir de valores que integram a rede social, produzindo, constantemente, novos conceitos. Passamos a ter um conhecimento mais dinamizado, no qual o ensino, aprendizado e até a distribuição de conteúdo pode ser refletida a partir dessa multiplicidade.

Uma outra perspectiva em relação ao sujeito e importante ser discutida é o cuidado de si trazido por Foucault, que o apresenta “como prática constitutiva do fazer filosófico”, vinda desde a antiguidade greco-romana. A Educação passa a ser vista e pensada numa perspectiva da atitude, práticas refletidas e ensinadas. Segundo Rodrigo Gelamo (2009), o cuidado de si traz uma outra perspectiva de apropriação do conhecimento, não mais baseada na simples transmissão de conhecimento, mas o de “correção e modificação de hábitos enraizados”.

A relação do eu e o outro, por meio da linguagem se dá pelo diálogo, que é a maneira criativa e produtiva do eu se aproximar com suas palavras às palavras do outro. Os sentidos jamais se fecham e nunca ficam sozinhos, pois se carregam de entonação avaliativa, marca presente e material das posições sócio ideológicas. Sempre os diálogos carregam os seus deslocamentos e relacionadas às condições sócio históricas de suas constituições.

Na relação professor e aluno a relação dialógica deve ser cada vez mais presente, rompendo a compreensão passiva que exclui as possibilidades de resposta e prevalecendo a ativa que contém em si um germe de resposta, pois compreensão e resposta precisam se fundir, sendo impossível uma sem a outra.

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. (BAKHTIN / VOLOCHÍNOV, 1988, p.132).

Qualquer ato se materializa como acontecimento singular e irrepetível, ou seja, em um contexto histórico determinado. Bakhtin, ao apresentar essa ideia em seus estudos possibilita que o ato ético seja responsável pelo outro, podendo ser relacionado ao conceito de Gramsci (1978) de que a ética sempre é uma atividade para o exterior.

Na Educação, por meio de um ato ético desafios são traçados:

- primeiro na ideia de que o conhecimento não necessariamente deva servir para algo, utilitário, mas que não pode deixar de ser libertador e emancipatório;
- segundo na ideia de que preciso reconhecer a voz do outro, entender de onde se fala e produzir uma contra palavra;
- terceiro na presença ativa e não uma indiferença - é preciso deixar as marcas do posicionamento tomado de maneira que os rastros da história não sejam apagados;

O professor e o aluno, ao lidarem com os conhecimentos e saberes produzidos, precisam pensar ao encontro do conhecimento tradicional constituído e caminhar para a experiência cotidiana do aluno, que nunca poderá ser ignorada, e que deve ser levada como motivação para a construção do ensino aprendizagem. Como a metáfora de um pêndulo que se mexe, se desloca de um lado – tradição – para o outro – experiência tendo a aprendizagem não única e fechada, mas dentro do processo do ir e retornar.

Pensemos agora como a trajetória do Ensino de Filosofia se deu no Brasil, avaliando o processo de sua aplicação enquanto disciplina e as influências recebidas em cada contexto histórico, para assim caminharmos para a melhor compreensão para o Ensino de Filosofia nos dias atuais.

2.2. O Ensino de Filosofia no Brasil

A partir deste ponto faz-se necessário falar sobre o Ensino de Filosofia no Ensino Médio, por ser o contexto preciso desta pesquisa, e para tal é importante estabelecer o contexto da formação desta disciplina e entender todo tratamento curricular dado a ela na História da Educação Brasileira, tendo em seu processo histórico um problema a ser conhecido e investigado.

A oscilação da disciplina se deu tanto no âmbito de constituição e reconhecimento enquanto disciplina – matéria escolar – e a estabilidade e instabilidade de seu currículo. Não há na presente pesquisa uma preocupação em detalhar, especificamente, cada momento histórico desse processo de inserção da disciplina, mas não se pode entender as discussões de práticas de ensino atualmente sem posicionar-se historicamente, entendendo como chegamos até aqui.

Desde o século XVI, a Filosofia esteve voltada diretamente para os interesses políticos, que serviam para a educação dos filhos – destaca-se o patriarcalismo e a restrição ao conhecimento às mulheres - dos senhores de terras, orientados a partir da presença jesuíta, momento que se deu até a sua expulsão em 1759.

A base da Filosofia ensinada pelos jesuítas se dava a partir da ênfase na educação cristã, tendo a filosofia como base para o letramento e a erudição, com destaque a Filosofia Escolástica. Decorar os conceitos platônicos e aristotélicos à luz

da teologia cristã era o restrito objetivo de se ensinar Filosofia. Em uma carta, o Jesuíta Padre José de Anchieta relatou as atividades exercidas no Brasil:

...mas, embora o nosso principal cuidado fosse ensinar e inculcar a eles os rudimentos da fé, também lhes ensinavam as letras; pois eram de tal modo aficionados a aprender a doutrina, que na mesma ocasião eram levados a aprender a doutrina da salvação; davam conta daquilo que pertencia à fé, instruídos segundo algumas fórmulas de interrogações (catecismo), alguns até sem elas [...] (Lukács, 1965 p.614-5 apud SCHMITZ, 1994. p.48).

A cultura filosófica era como uma simples reprodução de ideias.

A filosofia era assim considerada uma disciplina livresca. Da Europa ela nos vinha já feita. Era sinal de grande cultura o simples fato de saber reproduzir as ideias mais recentemente chegadas. A novidade supria o espírito de análise, a curiosidade supria a crítica (COSTA., 1967, p. 8).

Com a expulsão dos jesuítas a partir da chegada do Marquês de Pombal, em 1759, passou-se a prevalecer o cientificismo que era baseado nas ideias iluministas influenciadas da Europa. Toda a estrutura educativa dos jesuítas passou a ser suplantada a partir de uma proposta influenciada por Newton e Descartes, que primava por uma forma mais pragmática e utilitarista, seguindo o método de pesquisa das ciências naturais, “um triunfo racional”.

Com a vinda da Família Real para o Brasil, ao abrir o comércio brasileiro ao mercado mundial, também se abriu para as novas concepções e ideias que surgiam pelo mundo. Os negócios aumentando e a necessidade de um preparo e uma especialização voltada para o mercado, a Filosofia passou a deixar o seu ar mais de formação sacerdotal passando a integrar-se mais a uma educação profissional, apesar de continuar arbitrária, enciclopédica e retórica.

A partir do advento da República, em 1889, tomou-se conta do Brasil a corrente positivista, esta que teve mais repercussão no desenvolvimento do pensamento brasileiro, que já estava tendo como base o cientificismo da Era Pombalina. As escolas adotavam cada vez mais essas ideias e a busca constante pela ciência, a qual era

vista como principal caminho para tudo, e traria a modernização para o homem, como meio solução, de todos os problemas existentes.

Ademais do Positivismo, o Evolucionismo também teve a sua parcela de contribuição neste período ao acentuar a importância da ciência no pensamento europeu e nacional.

Negando a metafísica e afirmando que todo o conhecimento está contido nas ciências positivas, o evolucionismo, como o positivismo, declaravam que o homem pode apenas investigar o mundo dos fenômenos. Esta filosofia positiva, naturalista, condizia com a mentalidade das elites brasileiras (COSTA, 1967, p. 279 apud CARTOLANO, 1985, p. 35).

O rompimento histórico a partir da Revolução de 30 e a Era Vargas, o início do questionamento filosófico do ensino, pode ser resgatado a partir dos textos de Anísio Teixeira (1930 – 1934), intelectual que fez parte do Manifesto dos pioneiros da Escola Nova. Trouxe a partir da proposta de Dewey e Kilpatrick, o objetivo de fazer da educação e do ensino um problema filosófico. Porém, até o final dos anos 60 não houve uma grande produção que levasse em consideração o Ensino da Filosofia. Até o importante curso de Filosofia da USP buscava e dava mais ênfase na pesquisa dos seus alunos do que na formação de docentes para esta área.

A reviravolta se deu com a 1ª LDB Lei nº 4024/61 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), que posicionou a Filosofia como uma disciplina complementar, perdendo a sua obrigatoriedade no sistema escolar brasileiro. Em 1969, em meio ao Regime Militar, foi determinada a Lei 869/69, com o decreto 68065/71 que substituiu, não só a Filosofia, mas a Sociologia pelas disciplinas de Educação Moral e Cívica e Social e Política Brasileira – OSPB. E em 1971, a partir da Lei 5692/ 71, a Filosofia é retirada completamente do currículo, desenvolvendo cada vez mais debates e lutas internas pela sua retomada. Assim, diversos segmentos que entendiam o Ensino de Filosofia, mesmo com suas diferenças, passaram a lutar pela importância formativa dessa disciplina.

O Tecnicismo¹⁰ cada vez mais se enraizava e relacionava o trabalho com Educação. Voltada sempre para uma utilidade e praticidade, consolidando, com a Lei

¹⁰ A escola tecnicista desenvolve uma teoria de aprendizagem que torna o aluno como depositário passivo dos conhecimentos. MATUI (1998)

7044/82, a Educação Profissional permitindo que a Filosofia assumisse agora um status de optativa e que qualquer profissional poderia ministrá-la.

Após todo o período militar e com a chegada da Década de 90, vimos surgir a nova LDB, Lei 9394/96, que trazia em seu Artigo 36 que o educando deveria dominar os conhecimentos de Filosofia e Sociologia para o “exercício da cidadania”. No entanto, era usada a partir de temas transversais, apontados pelos DCNEM e PCNEM, restando a ela uma visão instrumental e/ou interdisciplinar.

As discussões persistiram e foram se tornando cada vez mais calorosas, tanto que surgiu o Projeto de Lei 3178/97. Este trazia, dentre os seus pontos, a obrigatoriedade do Ensino de Filosofia, mas foi vetado pelo então presidente da República Fernando Henrique Cardoso baseado nos seguintes questionamentos:

- 1- Precariedade na formação de docentes nesta área;
- 2- Os investimentos que deveriam ser realizados na tentativa de formar melhor novos profissionais;
- 3- A Filosofia, ao se tornar disciplina do currículo escolar, perdeu a sua essência e servisse aos interesses aos grupos políticos.

Tomazetti destacou que:

[...] apesar da derrota, instaurou-se positivamente um processo de reflexão sobre o ensino da filosofia suas exigências, dificuldades, forma e conteúdo. E mais, dentro de um contexto nacional de discussões e novas políticas para a formação de professores, passou-se a discutir a formação inicial do professor de Filosofia dentro de um curso que, mesmo sendo de licenciatura, muitas vezes enfatiza a formação para a pesquisa, em detrimento da preparação para a docência. (2002 s/p)

Somente no ano de 2006, a partir do parecer 38/ 2006 veio a efetivação da Filosofia como disciplina obrigatória no Ensino Médio, o que se concretizou com a Lei 11684/08. E com isto trouxe novas reflexões sobre o seu importante papel na formação dos jovens.

Hoje pensar a questão da volta do ensino de filosofia ao nível secundário com total alheamento às mudanças políticas ocorridas e a ocorrer em nosso país seria o mesmo que fechar os olhos a realidade empobrecendo nossa análise do problema, julgo inegável que um

humilde aspecto da sociedade pluralista que esperamos será a oportunidade, para nossos estudantes secundaristas, de receberem uma ampla formação filosófica capaz de lhe abrir o espírito em muitas direções- a compreensão de si mesmos, a reflexão sobre as relações inter-humanas, a meditação sobre a função moral do mundo, e certamente também o aprofundamento dos problemas da sociedade em que vivem. (MONTEIRO, 1979, p. 71).

Esta conquista da obrigatoriedade da Filosofia mostra-se como uma grande oportunidade para os alunos do Ensino Médio em receberem uma ampla formação, despertando a importância de refletirem e questionarem os problemas da sociedade em que estão inseridos. Como exposto por Gallo e Kohan:

É importante que todo jovem, ao ter contato com a filosofia, possa desenvolver experiências de pensamento, aprendendo a reconhecer e a produzir, em seu nível, conceitos, a fazer a experiência da crítica e da radicalidade sobre a sua própria vida, a desenvolver uma atitude dialógica frente ao outro e ao mundo e, fundamentalmente, possa aprender uma atitude interrogativa frente ao mundo e a si mesmo. Pensamos que uma educação para a autonomia, no sentido da formação de indivíduos que possam escolher por si mesmos em que mundo querem viver, só pode ser tal se nela tiver lugar a filosofia (GALLO; KOHAN 2000, p.195).

2.3. O Ensino de Filosofia como um problema filosófico

Após um pequeno retrospecto histórico sobre a regulamentação da disciplina de Filosofia ter sido apresentada, situação que já é bem conhecida por professores e alunos, ainda continuam a surgir durante as aulas, questionamentos dos alunos quanto ao porquê de se estudar Filosofia. Esta questão que pode estar relacionada ao tempo que a mesma esteve distante do currículo escolar e ainda ao um ensino utilitarista. Levá-los a compreender que a Filosofia pode conduzi-los a pensar no todo da realidade e não a acumular mais informações e conteúdos sobrecarregando-os, se torna cada vez mais importante. Sobre este posicionamento, afirma Kohan:

Não considero interessante apenas que a filosofia ocupe espaços. Dentro e fora das escolas, importa, fundamentalmente, compreender o que ela faz nesses espaços, o tipo de filosofia que se pratica (e ensina),

sua relação com outras áreas do saber, com a instituição escolar e as outras instituições da vida econômica, social e política do país. Convém, especificamente, considerar a relação que professores e alunos envolvidos com a filosofia estabelecem entre si e com ela. Importa, antes de mais nada, o tipo de pensamento que se afirma e se promove sob o nome de filosofia. (KOHAN 2002, p.22)

O professor de Filosofia precisa se (pre)ocupar com essas questões de maneira a não tornar o ambiente da sala de aula e o processo de ensino da disciplina uma mera reprodução.

Quando falamos na “busca pela verdade”, como um estudo filosófico, é importante questionar, quanto professor, o que é a verdade? Vale esclarecer que a verdade não é conhecimento, porque “este pode ser incompleto, relativo, transitório, ou até mesmo falso, em qualquer domínio, enquanto a verdade vem a ser uma propriedade que pode existir ou não num determinado conhecimento” (NUNES, 1978, p. 29). Um conhecimento que era tido como verdadeiro no passado, devido às explicações científicas e racionais, hoje pode ser considerado falso. Nunes, aponta que:

Existe uma concepção da verdade, conatural ao espírito humano, requerida pela nossa natureza pensante e que todos adotamos na prática por ser necessária e imprescindível para o conhecimento e para as relações humanas. Justamente por se tratar de concepção de tal quilate é que ela continua a vigorar e a impor-se, ainda hoje, ao pensador de gabinete e ao homem comum que não cuida de estudos e, assim nos parece, sempre existirá com caráter de necessidade e rigor, como uma constante da mente humana e da filosofia. Assim, a verdade consiste no acordo do pensamento com as coisas e existe no juízo ou proposição formulada por um sujeito pensante. Ela não é um ser ou uma coisa, nem conhecimento nem pessoa. A verdade é uma propriedade do juízo ou da proposição e, portanto, do conhecimento. Onde, só é conhecimento desejável e autêntico o que é verdadeiro. (1978, p. 81)

Vale retomar que a partir do século XII filósofos como Descartes e Bacon, contribuíram para o aparecimento de novas formas de conhecimento e conceitos que pretendiam trazer uma nova forma de orientação ao pensamento. O primeiro afirmava a união da teoria e da prática da contemplação e da ação, enquanto o segundo, defendia que através do conhecimento científico o homem dominar a natureza e por

meio desse progresso desfrutaria dos frutos da terra e das suas descobertas. Em suma, a ideia de utilidade ganhava mais força e sendo incorporada por diversas instituições da época, como a escola.

Assim, entende-se que o professor, um dos pilares da escola, deve ser muito prudente e cuidadoso, pois é ele que, mesmo em meio a tantas tecnologias e o fácil acesso a informações, continua com o papel de intermediar o conhecimento e o aluno. Tem hoje, como maior desafio mostrar ao aluno a importância de sondar os princípios de todos os tipos de conhecimentos e buscar a verdade sobre eles.

Com o retorno recente da Filosofia e a ameaça de sua retirada dos currículos escolares os métodos e mediações para o seu ensino ainda carecem de muito estudo e aperfeiçoamento. O professor além de buscar maneiras de desenvolver o conteúdo precisa encarar salas superlotadas, diversas regras e burocracias que sobrecarregam sua função e a carência de meios e instrumentos. A desvalorização da disciplina que começa com o próprio Estado que a torna uma subdisciplina. Prado, expõe bem esses problemas de como a sala de aula e o Ensino de Filosofia têm sido encarados:

Não resta senão a alternativa de refugiar-se na função de animador de grupo, o que significa, concretamente, em refugiar-se no método [o professor] sem o objetivo de trabalhar um conteúdo, é transformado na figura meio ridícula daquele que duelava com os ventos. O recurso é multiplicar filmes, slides, videocassete, computador, jogos, recreação. Se fizer tudo isso, será bom professor: não terá ensinado nada, nada se terá aprendido, mas incentivou-se a sociabilidade dos alunos e o tempo passou distraído. E isso é o que vale. (1991, p. 29)

O uso do método, como exposto por Prado, não pode ter o fim em si mesmo, mas sim ser o caminho para se alcançar o conhecimento. O conteúdo não pode ter a maior importância, pois pode estar longe de sua realidade e se tornará difícil entender a sua importância. Trazer meios externos que estejam ligados ao cotidiano ao aluno tornará todo o processo mais próximo e mais claro. Esquecemos, muitas vezes, de que a vivência do conhecimento solidifica e liberta, pois não reduz, mas sim amplifica e multiplica.

Cerletti (2009) contribui com um importante questionamento, ao propor a reflexão de que se há como ensinar Filosofia sem uma “intervenção filosófica” sobre os conteúdos, as formas de transmissão dos “saberes filosóficos” ou sem se colocar que tipo de análise social, institucional ou filosófico-político do contexto em que todos

os envolvidos no processo de aprendizagem se encontram. É claro que ensinar Filosofia em uma escola em uma zona castigada socialmente dentro de um município é diferente de um colégio urbano de classe alta ou até de uma escola rural. Métodos e mediações são diferentes e como, apontado acima, não podem ter um fim em si, deve-se haver uma grande importância na atualização cotidiana de múltiplos elementos, que envolvem professores e alunos, como posta em um jogo e em um contexto em que esse ensino tem lugar. Levando sempre “que o ensino da filosofia é, basicamente, uma construção subjetiva, apoiada em uma série de elementos objetivos e conjunturais ” (CERLETTI, 2009, p. 8)

Desde o seu surgimento, ensinar ou transmitir uma filosofia foi objetivo inicial de diversas escolas e ocupação dos filósofos. Com a modernidade, começou-se a adquirir uma outra característica como resultado das diferentes formas de sua institucionalização, tornando-se estatal. Assim, o sentido de ensinar filosofia tornou-se institucionalizado, deixando a pergunta inicial ainda dentro dessa perspectiva. As exigências programáticas do ensino institucionalizado de filosofia fazem com que a reflexão filosófica sobre o significado e Ensino da Filosofia seja reduzida e muitas vezes deixado de lado, a favor de conteúdos “específicos” de Filosofia. Segundo Cerletti (2009, p.16), “a filosofia e a didática transitam por caminhos separados que ocasionalmente se justapõem, em virtude da circunstância de ter que ‘dar aula’”.

Dentro do ensinar Filosofia sempre se deve refletir sobre o contato que com ela mantém quem assume o papel e a função de ensinar. Podemos ter um curso de Filosofia que se propõe na Filosofia ou desenvolve-se sobre a Filosofia. Desde a etimologia da palavra filo-sofia tratamos de uma relação com o saber. O fazer Filosofia nunca poderia estar desligado disso. Filosofia e filosofar devem permanecer unidos, assim como o professor e o aluno, compondo um espaço comum de pensamento. Assim defendemos aqui, como outros autores defendem, que o ensino de filosofia deveria ser, em sentido estrito, um Ensino Filosófico.

Isso não quer dizer que o professor filósofo deva ensinar uma filosofia própria, mas sim falar a partir de uma posição filosófica – a sua ou a que adote – desenvolvendo junto aos seus alunos o filosofar. Sendo assim, todo ensino filosófico consiste em uma maneira de “intervenção filosófica”, esta não apenas sobre textos e pensamentos da Filosofia, mas de todo o entorno da vida do professor e do aluno. “O que acontece hoje? Que está ocorrendo agora? Que é esse ‘agora’, no interior do qual estamos uns e os outros ...? [...]. Que é o que no presente tem sentido para uma reflexão filosófica?”

”- (FOUCAULT, 1991, p.198 apud CERLETTI 2009, p. 50) O professor – filósofo não se apresenta como neutro ou impessoal, mas se situa como uma peça importante de investigação, junto ao seu aluno, de seu presente.

Dessa forma se completa ao mesmo tempo a combinação da Filosofia com um pensamento incitado pela atualidade dos acontecimentos contemporâneos: o olhar acostumado às verdades eternas se funde no detalhe preñado de decisões, sob a pressão de possibilidades antecipadas de futuro excludentes do momento. (HABERMAS, 1988, p.101 apud CERLETTI, 2009, p.50)

Essa inquietude, questionar as “verdades eternas” deve ser levada a repensar as demandas que são formuladas ao sistema educativo e o espaço que ocuparia a Filosofia dentro dele. A reflexão sobre o presente trazida para a aula possibilita aos alunos compreender o seu mundo ao redor, pondo em julgamento as consequências da antiga herança da filosofia como “... a mãe de todas as ciências” e que hoje serve apenas para retirar o seu valor e importância. O professor enquanto filósofo conduz a desnaturalização do que parece óbvio, construindo olhares problematizadores da realidade. “A filosofia na escola nunca teria que ser ‘mais do mesmo’, já que lhe é próprio incidir no que há.” (CERLETTI, 2009, p. 52)

Postulado sobre a importância do ensinar em uma perspectiva filosófico-didática, na qual se assume o que é filosofia e o que se ensina em seu nome. Após entender que ao ensinar Filosofia devemos “falar de um determinado lugar”, uma posição; e que toda pergunta que seja genuinamente filosófica deve envolver quem a formula, é oportuno e necessário buscar a compreensão do que faz com que uma pergunta ou questionamento seja “filosófico”?

De início apontamos que o que torna o caráter filosófico de uma pergunta depende do tipo de resposta esperada por quem a formula, ou seja, se concentra mais na intencionalidade de quem pergunta, ou se pergunta, do que restritamente na pergunta. É possível elaborarmos várias perguntas que poderiam muito bem serem respondidas por diversas outras áreas do conhecimento e atenderem a perspectiva e a inquietude de quem pergunta. Por isso, o perguntar filosófico não se acostuma e nem se satisfaz com as primeiras respostas que são, costumeiramente, dadas, vai além dos supostos, parte-se para o enriquecimento do sentido do questionamento e a

universalização da dimensão das respostas. O re-perguntar é constante, o desejo do saber nunca é preenchido.

A Filosofia como filha de seu tempo e de suas circunstâncias é uma re-criadora de conceitos, que em sua re-criação leva em consideração as condições de suas perguntas. Daí o papel do professor se faz importante no Ensino de Filosofia, pois irá fomentar e re(criar) condições e possibilidades das perguntas filosóficas para os alunos, assumindo – se como interrogantes filosóficos e dentro de uma atitude: a atitude da suspeita questionadora ou crítica, do filosofar. O que haveria de ensinar? Um olhar que não deixa nada sem revisar, que permite problematizar as afirmações ou colocar em dúvida aquilo que se apresenta como óbvio, natural ou normal. A importante coesão entre os filósofos está na inquietude da busca, mesmo que cada um defina as suas perguntas, construa o seu problema e ofereça as suas respostas.

Deleuze e Guattari (1991), a Filosofia não deve ser vista apenas como um ato de contemplação, não limita o gesto da invenção, não é apenas comunicação, não está atrás de uma resposta determinada e consensual e não apenas reflexiva, esta função não pertence apenas a Filosofia, mas permeia diversas outras áreas do conhecimento.

Assim, é necessário o ato criativo que busca conceitualizar a própria realidade do aluno. Possibilitar que o pensamento vá além das fronteiras do que já foi / está colocado, o problema acaba ativando e retirando a força da representação para reposicionar-se. Filosofar como parte de si, como gesto criativo.

É necessário fazer Filosofia desde o momento em que se aprende e se ensina. Enxergar a realidade de uma outra forma, dentro de uma subjetivação, partindo das reflexões individuais e relacionados a conceitos já elaborados. Mas como termos uma construção subjetiva em sentido coletivo, já que precisamos pensar em todos envolvidos em uma aula e uma sala? Necessário partir de um pensar dialógico compartilhado, ou seja, o problema parte não do professor ou do aluno, mas de um aspecto inovador a partir das novas vivências construídas pelo coletivo.

Assim, a Filosofia assume dois aspectos de educação emancipadora, COLELLA (2014), o da “igualdade” e do “pensamento”. Partindo do ensino e aprendizagem filosóficos, a igualdade se refere a um potencial comum a todos os indivíduos: o filosofar; e o pensamento se ajusta ao processo de percepção e construção de problemas filosóficos a partir da realidade. Convencionou-se, no Ensino de Filosofia, ensinar o que os filósofos fizeram ao longo da história, os problemas por eles

colocados, suas tentativas de resolver questões fundamentais etc mas de que modo o novo – como estamos defendendo durante este capítulo, o perguntar do aluno – se inscreve em meio a essas repetições de um conjunto de saberes e práticas?

Como apresentado por Cerletti (2009), não é possível criar a partir do nada e o que acabamos fazendo é mais re-criar os temas dos filósofos e reconstruir os seus problemas. Assim, um caminho importante do Ensino de Filosofia resulta em uma recriação na qual as perguntas se convertem em problemas que olham em duas direções: “para a singularidade de cada um no perguntar-se e para a universalidade do perguntar filosófico” (p.32). Em outras palavras, partir da busca pessoal de respostas relacionando as respostas que os filósofos se deram ao longo do tempo. Tem-se um ensino filosófico na medida em que os saberes são revisados em sala de aula.

Ver que a Filosofia pode ser identificada pelo jogo contínuo daquilo que afirma e do que põe em dúvida, enquanto a ciência se satisfaz quando seus avanços teóricos silenciam o seu passado, a Filosofia se desdobra, tornando parte de si, um constante “morrer e nascer”.

Talvez a repetição do tema do fim da metafísica e a correlativa repetição do tema de um novo começo do pensamento é o signo de uma imobilidade fundamental da filosofia como tal. Talvez a filosofia tenha que colocar sua continuidade, sua natureza repetitiva, sob a forma do par dramático a morte e o nascimento. (BADIOU, 2007, p.126)

Em suma, se pretendemos ensinar Filosofia filosoficamente, no processo de ensino deveríamos pôr em ato, não apenas explicar os aspectos. Para Badiou, há um gesto, uma maneira que se repete em toda a atividade filosófica, ou seja, a marca de uma descontinuidade e uma recomposição. O autor apresentou esse caminho como importante para a juventude, esta vista por ele, como capaz de assumir os riscos de uma inversão de ordem intelectual estabelecida.

A filosofia é o ato de reorganizar todas as experiências teóricas e práticas, propondo uma nova grande divisão normativa que inverte uma ordem intelectual estabelecida e promove novos valores para além dos comuns. A forma de tudo isto é, mais ou menos, dirigir-se livremente a todos, mas primeiro e principalmente, aos jovens, pois um

filósofo sabe perfeitamente bem que os jovens têm que tomar decisões sobre as suas vidas e que eles estão geralmente mais dispostos a aceitar os riscos de uma revolta lógica. (BADIOU, 2007, p.129)

Se a aula é um espaço onde o pensamento é compartilhado nela há “diá-logos” filosóficos, o ato criativo envolve os que aprendem e os que ensinam, ou seja, a possibilidade da criação de um espaço onde se tem as condições que tornem própria uma forma de interrogar e uma vontade de saber. Temos no Ensino de Filosofia, como apresentado anteriormente, uma construção subjetiva e que o vínculo entre quem ensina e quem aprende é o mais importante. O sujeito dentro do ensino filosófico é coletivo, pois envolve um pensar compartilhado e situa os olhares pessoais.

A partir de Sócrates, ensinar Filosofia é ensinar uma ausência, a falta de algo que deve ser completado, buscar ao que não se tem. Pode mostrar que muitos fizeram desse desejo um amor. Diante dessa situação não podemos ensinar esse amor, essa busca, pois se trata do irreduzível de cada aluno que completará à sua maneira. Há uma distância que o professor enfrenta que está entre o perguntar do filosofar e o querer filosofar. Estabelecemos um importante paradoxo, no qual o essencial da Filosofia é inensinável, pois há algo que depende do outro, sua subjetividade.

Diante dessa complexidade jamais os que ensinam Filosofia poderiam ser simples técnicos que apenas aplicam e transmitem ideias por especialistas ou repetem suas propostas não levando em consideração os contextos e particularidades de cada lugar onde se ensina. É permitir-se romper os estabelecidos “conteúdos mínimos”, que apagam diversas vozes, atualizar os conteúdos a realidade dos alunos, para que a aula se converta em um espaço para o pensamento.

Cerletti (2009), traz algumas questões que contribuem para o ensino de Filosofia como um ato criativo e filosófico. A primeira, está em considerar a sala de aula um local onde se é possível formular perguntas filosóficas trazidas por todo o coletivo e não reduzidas às perguntas e respostas trazidas pelo professor. Promover a atitude filosófica é uma outra importante questão, já que será ela que dará lugar ao desejo de filosofar. Outro ponto importante é que o professor precisa entender que por mais que se faça muitas coisas para que se filosofe em uma aula, nada é garantido, se necessita de uma decisão subjetiva do aluno. “Não há planejamento de aula que possa dar conta da irrupção do pensamento do outro.” (p. 81) O autor não afirma que não se deve ter planejamento, mas sim que cada planejamento estará construído com base nas inquietudes filosóficas do professor e do convite ao filosofar dos seus alunos.

As Redes Sociais que atualmente estão presentes na vida dos alunos, especificamente do Ensino Médio, estão “recheadas” de possibilidades de questionamentos e problematizações que levadas ao espaço da sala de aula pode despertar todos os processos apresentados até agora, em resumo, a problematização e possível resolução, esta que levaria a uma nova problematização e uma outra nova resolução.

2.4. O Ensino de Filosofia: um olhar a partir da tecnologia e das Redes Sociais

A Educação se apresenta, durante a história, sempre ligada a alguma tecnologia de formação e transmissão. Passados pelo desenvolvimento da fala, depois da escrita, caminhou para as formas de impressão desenvolvidas a partir de Gutemberg e com o advento do século XIX, tudo foi tomando maior velocidade construindo novos signos e mídias que se multiplicam modificando e diversificando as tecnologias de informação.

Desde as pequenas ações e acontecimentos do dia a dia, inclusive aquelas que nem percebemos, até as de grande escala e proporção são movidas, influenciadas, organizadas pelas tecnologias da informação. Nunca, como nos tempos atuais a disponibilidade às informações e às interações foi tão instantânea e dinâmica.

Ao se tratar das mídias sociais, importante desde já pontuarmos que as mesmas não foram criadas com o objetivo de auxiliar o sistema de ensino, ou não era o seu objetivo principal, como afirmado pela professora Lilian Starobinas, para quem

As redes sociais não foram inventadas especificamente para a educação. Não era esse o objetivo principal. Mas, como fazem parte da nossa sociedade, também podem colaborar com a aprendizagem em algumas atividades. Isso só ocorre quando elas conseguem enriquecer, de alguma maneira, os formatos e conteúdos aplicados aos alunos. (Páginas Abertas, 2011, ano 36, nº46, p. 15-21)

Porém, por meio das Redes é possível inteirar-se rapidamente sobre assuntos diversos, gerar opiniões e comentários, compartilhar notícias atualizadas, fotos, discursos e até mobilizações sobre temas comuns a determinados grupos. Às vezes uma simples postagem, que seja uma frase ou uma imagem, a partir do momento que

atinge a Rede consegue ser multiplicada e compreendida e reinterpretada de diversas maneiras e formas diferentes.

As metodologias e ferramentas usadas em um ensino e aprendizagem se alteram constantemente e com o advento da Internet tomam proporções ainda maiores.

Segundo a professora e pesquisadora Lucia Santaella (2011), as Redes Sociais estão dando origem à aprendizagem ubíqua, conceito que reside nos processos de aprendizagem modernos, espontâneos ou mesmo caóticos, atualizados constantemente por atos de curiosidade contingentes e das circunstâncias. Isso acontece porque o acesso à informação é cada vez mais livre e contínuo, e a continuidade do tempo se soma e se confunde a do espaço, acessível de qualquer lugar. Importante atentar que a interação digital, por ela mesma não consegue atingir um modelo produtivo de ensino, mas isso acontece quando esta potencializa e incrementa a forma de aprendizado dos alunos. Não é porque o jovem, por exemplo, que utiliza constantemente as Redes Sociais aprenderá mais, mas o que precisa ser avaliado é como se dá a atividade realizada.

Moran (2000), defende a forma multimídica no processo de ensino aprendizagem, pois entende que quanto menos rígidas as conexões mais facilmente o aprendizado fluirá, atendendo as expectativas práticas e instantâneas das tecnologias.

Aprendemos melhor quando vivenciamos, experimentamos, sentimos. Aprendemos quando relacionamos, estabelecendo vínculos, laços, entre o que estava solto, caótico, disperso, integrando-o em um novo contexto, dando-lhes significado, encontrando um novo sentido (MORAN, 2000, p.23).

Em uma sociedade da informação a forma de construção do conhecimento é diferente, todo o processo ocorre no hipertextual, revelando histórias e situações que se interconectam, levando a resultados e compreensões secundárias, (re) avaliadas. A construção é lógica e coerente, no entanto, não segue um caminho previsível e sequencial, pois se ramifica em diversas trilhas possíveis. Levy (1999) defende esse importante papel do multimídia na construção do conhecimento com o aluno.

A grande questão da cibercultura (...) é a transição de uma educação e uma formação estritamente institucionalizadas (a escola, a universidade) para uma situação de troca generalizada dos saberes, o ensino da sociedade por ela mesma, do reconhecimento autogerenciado, móvel e contextual das competências (LÉVY, 1999, p. 172).

As Tecnologias da Informação podem proporcionar a construção de comunidades entre escolas, professores, alunos e outros envolvidos no processo, compartilhar conhecimentos construídos entre os alunos, aperfeiçoar o sistema de pesquisa e trazer novas formas de interação em diferentes contextos de aprendizagem, com alunos mais ativos e em busca do saber. “A inserção de novas possibilidades comunicativas, a conectividade, a troca de informações em rede, características do nosso tempo, demonstram que o sujeito já não se encontra ali localizado num espaçotempo” (COUTO, 2010 p28).

Cada vez mais se faz necessário, na prática do Ensino de filosofia, compreender a irrupção daquilo que é novo, sem esquecer que tudo se dá em uma tríade formada pela ordem social, escola e prática de ensino. Pois de acordo com Aranha (2007, p.31) “A educação não é simples transmissão da herança dos antepassados para as novas gerações, mas o processo pelo qual se torna possível a gestação do novo e a ruptura com o velho”.

A partir das concepções já apresentadas de ciberespaço e hipertexto, o lógos salta das páginas impressas dos livros, revistas, etc. ao se inserir na Rede Social – e outras mídias da Internet – se amplifica e gera uma nova dinâmica das estruturas. Os diálogos, se desenvolvem em uma forma de dialética eletrônica hipertextual.

Diante de todo o exposto até aqui a formação do professor de Filosofia deve ser encarada de uma forma mais clara e que pode vir a possuir marcas que repercutem em todos os ambientes da sociedade. Neste processo de formação, são importantes as interformações, meio entre educadores formados e /ou em formação possam partilhar ideias, apoio, fotos e projetos, questionar a ideia salvacionista da disciplina que hoje não tem o mesmo controle que anos atrás possuía.

O que se propõe em meio a discussão de material didático, ensino e tecnologias da informação vai além de uma formação do professor que saiba usar esses novos recursos, mas que consiga construir o conhecimento a partir deles. Deixando para trás

um ensino fragmentado e indo para uma abordagem mais integradora dos conteúdos, trazendo a realidade e desejos dos alunos.

Aspis (2004, p. 315), afirma que “As aulas de filosofia são um lugar de estudo e produção filosóficos”. Por meio de aulas diferenciadas, buscando formas diferentes do aprendizado, indo além dos muros da escola, o professor desenvolvendo uma postura filosófica provocando reflexões individuais. Conforme Benetti, (2006, p. 306)

[...] o ato de pensar inclui em seu bojo algo que vai além das formas metódicas de direcionar o pensamento, ou seja, traz no seu contexto a construção/desconstrução/experimentação da vida. E potencializar a experimentação da vida e dos afetos advindos da relação com conceitos filosóficos que se produzem em relação com a arte, literatura, política, entre outros.

CAPÍTULO 3 - LINGUAGEM ON-LINE, REDES SOCIAIS E FILOSOFIA

Professor de História e Filosofia, onze anos de magistério, trabalho voltado diretamente para adolescentes e que se vê hoje despertado a ir além da sala de aula. Momento este percebido através dos olhares dos meus alunos sentados em suas carteiras, devidamente enfileiradas, com lugares, quase sempre pré-determinados por instâncias superiores, obrigados a “engolir” diversos conceitos que muitas, digo várias vezes, não foram nem consultados se queriam “digerir” este “alimento do saber.” Com suas angústias, suas frustrações e exigências do mundo contemporâneo, recebendo professores que entram e saem muitas vezes – devido a um sistema cartesiano de ensino – sem estabelecer laços e conhecerem seus próprios alunos. Para onde eles vão? [se é que tem que ir] O que serão? [Se é que já não são] O que “curtem” e “compartilham”?

Diante de um mundo digital, no qual o ciberespaço é habitado por estas novas gerações será que receberemos uma “solicitação de amizade” para entrar no mundo deles? Por que estamos tão distantes? [isto quando não achamos que eles se distanciaram] Até quando insistiremos em nossas certezas do saber em detrimento das dos nossos alunos?

Onze anos trabalhando, vendo cada um dos alunos crescer, formando sua própria identidade, representatividade e legitimando seus discursos, deparo-me hoje com um imenso corpus, que precisa ser estudado e analisado. Surge em mim a necessidade de ser um professor – pesquisador, aquele que faz do seu ensino um ato político, um caminho para buscar ferramentas que melhor contribua para cada realidade encontrada nas salas de aula. Partir das questões relativas a minha prática com o objetivo de aprimorá-la. Trazer como finalidade o conhecimento da realidade para transformá-lo, visando, ainda, a melhoria de minhas práticas pedagógicas, pois, ao pesquisar a minha própria prática encontro-me agora envolvido com meu objeto de pesquisa, quase sujeitos de pesquisa. Mais do que transmitir os conteúdos, quero entender o meio em que meus alunos estão inseridos, as questões que perpassam sobre eles, os usos das tecnologias e ter este material para produzir e construir em minhas aulas, estas que devem ir além do espaço da sala de aula, entrando no ciberespaço.

Pesce (2012), em seu artigo sobre a visão do acadêmico de licenciatura, aponta que há relatos de professores de suas práticas em que há a ideia de que os alunos não querem mais ficar sentados assistindo à aula, mas querem produzir. Eles mesmos, nesses contextos, querem buscar o conhecimento, querem ser desafiados e não estudar simplesmente para a realização de uma avaliação proposta e imaginada apenas pelo professor. A compreensão de pistas deixadas por esses discursos que se dão entre e para os atores [dentro e fora] da sala de aula é uma ferramenta que poderá contribuir e será o caminho deste meu presente estudo para uma reflexão sobre ensino, por meio da Filosofia, com mais sentido, atualidade e pertinência.

Ser um professor “construtor do conhecimento” (CONTRERAS, 2002) e não simplesmente um mero transmissor de saberes produzidos por outros autores que não conhecem a sala de aula do professor - as individualidades dos seus alunos – com discursos vindos prontos e de fora da realidade dos educandos. Entender a autonomia que o professor possui, apesar de em alguns casos, acabar só incorporando coisas prontas, discursos estabelecidos. A proposta vem perpassar por uma autonomia aluno e professor no seu contexto de sala de aula, e esta que pode transpor os limites de tempo e espaço por meio do ciberespaço.

Passo a refletir então sobre todas estas propostas e enxergar a importância de uma formação docente que realmente considere as demandas da educação básica. Segundo Gatti (2010), a formação dos professores deve ser dimensionada a partir da reflexão da função social da escola, ou seja, metodologia e conteúdo que consolidem valores e práticas coerentes com nossa vida civil, considerando-se o contexto adequado da contemporaneidade, pois se não olho para o meu aluno e sua realidade terei dificuldade em alcançá-lo. E poucos docentes em sua prática de ensino entendem que a pesquisa pode ajudar o professor e aluno a serem mais autônomos, mas não uma autonomia como visão técnica que tenha como base o positivismo, mas visão política.

O professor é visto como aquele que coloca em prática a teoria dos pesquisadores, os quais em muitas vezes não estiveram ou já estiveram há muito tempo na sala de aula. Mas quando o professor agrega a pesquisa a sua prática consegue por meio de suas reflexões e experiências inovar na sala de aula, ensino vários meios e processos de aprendizagem aos seus alunos. Segundo Fazenda (2008)

Aprender a pesquisar, fazendo pesquisa, é próprio de uma educação interdisciplinar, que, segundo nossos dados, deveria se iniciar desde a pré-escola. Uma das possibilidades de execução de um projeto interdisciplinar na universidade é a pesquisa coletiva, em que exista uma pesquisa nuclear que catalise as preocupações dos diferentes pesquisadores, e pesquisas-satélites em que cada um possa ter o seu pensar individual e solitário. Na pesquisa interdisciplinar, está a possibilidade de que cada pesquisador possa revelar a sua própria potencialidade, a sua própria competência. (p. 10)

Nós como professores do Ensino Médio muitas vezes promovemos debates, feiras, seminários que permitem perceber e reunir diversas competências de nossos alunos, não só na Filosofia, mas numa visão interdisciplinar, porém não registramos, não escrevemos sobre. Deixamos de usar “nossas conclusões” em novas práticas, tornando as reuniões pedagógicas e conselhos de classe em meras reuniões nas quais apenas se discutem a nota do aluno – quantitativo. Vale ressaltar, mas sem grande aprofundamento que as dificuldades do professor em ser pesquisador, não perpassa apenas em suas vontades, mas em toda uma falta de estrutura, incentivos acadêmicos, excessos de trabalhos burocráticos deixando a pesquisa apenas no campo do mestrado e do doutorado e não em algo diário.

Uma prática docente autônoma, consciente e autora de sua própria ação é desafiada porque a teoria é ainda percebida apenas como suporte para a prática, em uma visão dicotômica – “teoria levando a prática”-, e o ensino de Filosofia esbarra nessa situação. Ao tratarmos, por exemplo de conceitos filosóficos (teoria) é necessário trazer as reflexões para a realidade do aluno, ou melhor partir delas. Entender como se posicionam e a busca pela legitimação por meio de suas “falas”. E, se o professor não se propõe a uma reflexão diante da prática realizada e da realidade do seu aluno, corre-se o risco de cair no ativismo, o que reforça a cultura do improvisado ou ao uso de práticas antigas rejeitadas pelos alunos, prejudicial a um efetivo trabalho que almeje a pesquisa como instrumento de autonomia. Ir até onde nossos alunos estão permitirá um Ensino mais próximo deles.

No caso da disciplina de Filosofia, há uma demanda um trabalho intenso com a subjetividade dos alunos, visto que as reflexões filosóficas não se propõem a meramente responder a questões. A preocupação da Filosofia está centrada no aprender a pensar criticamente e, para isso, se propõe a questionar, perguntar, problematizar e pesquisar. É essencial que o professor deixe de ser um técnico,

reprodutor das práticas convencionais que são internalizadas pela força da tradição e da forma escolar, e passe a ser autor de sua ação educativa, um professor reflexivo.

Em Miranda (2006), pode-se entender que o professor reflexivo é, fundamentalmente, um professor investigador. Ele, e só ele, é capaz de examinar sua prática, identificar seus problemas, formular hipóteses, questionar seus valores, observar o contexto institucional e cultural ao qual pertence, participando do desenvolvimento curricular e assumindo a responsabilidade por seu desenvolvimento profissional e fortalecimento das ações em grupo. Aquele que pesquisa e/ou reflete sobre a sua prática, assume a sua própria realidade escolar como um objeto de pesquisa.

Importante apontar que para Lüdke (2005), a reflexão pode ajudar os professores a problematizarem, analisarem, criticarem e compreenderem suas práticas, produzindo significado e conhecimento que direcionam para o processo das práticas escolares. A pesquisa ajuda o professor a decidir com mais fundamento, ou seja, ter autonomia para decidir. Assim, algumas perguntas ecoaram em mim. Quais as características da geração dos meus alunos? Onde eles se articulam? O que assistem? Como se interagem? Minhas conclusões me levaram para as Redes Sociais.

3.1 Pesquisa Intervenção

Ao partimos da ideia de que a pesquisa contribui para a autonomia e conhecimento do professor para construir a sua prática, entendemos que um viés de cunho positivista, baseado na crença de uma possível neutralidade, não dá conta da complexidade da realidade, especialmente no que se refere aos modos de existência das juventudes nas redes sociais em sua relação com a escola.

Um caminho muito utilizado é a pesquisa participante/participativa, que tem como estratégia e meio a participação de grupos sociais em busca de soluções para as problemáticas vivenciadas, de maneira a compreender e modificar a realidade. Mas, para isso o pesquisador e os pesquisados precisam modificar suas posturas, assumindo outro papel, já não mais neutro, ao contrário, “coautor”, pois passa a ter uma atuação de promoção de espaços de participação coletiva – popular, em que se leva em consideração as diversas vozes e os lugares de onde falam.

Este caminho como “coautor”, promoção de espaços de participação conduz este estudo para a Pesquisa-Intervenção. Ela constitui uma das tendências da pesquisa participante que visa entender as coletividades em suas diferenças qualitativas, tendo uma posição de intervenção sócio analítica, visto que

A antiga proposta lewiniana vem sendo re-significada à luz do pensamento institucionalista: trata-se, agora, não de uma metodologia com justificativas epistemológicas, e sim de um dispositivo de intervenção no qual se afirma o ato político que toda investigação constitui. Isso porque na pesquisa intervenção acentua-se todo o tempo o vínculo entre a gênese teórica e a gênese social dos conceitos, o que é negado implícita ou explicitamente nas versões positivistas ‘tecnológicas’ de pesquisa. (ROCHA; AGUIAR 2003, p. 67)

A pesquisa-intervenção, por trazer um caráter crítico e implicativo, não se fecha em posturas de negação e julgamento permitindo um trabalho compartilhado e visto de diferentes formas (GUIMARÃES, 2014). Não se fechará a um “recorte social” analisado de uma forma isolada, mas ao contrário, desnaturalizará e entenderá que diversos outros fatos, vozes, atravessam um fato social, vários modos de subjetivação. Assim apresento os alunos do Ensino Médio de uma escola particular do município de Nova Friburgo, sujeitos que me provocaram o estudo, estes que não serão vistos isoladamente, mas em um lócus do ciberespaço, que transpõe barreiras entre tempo e espaço. Terei no Acontecimento, as experiências geradas como condutor da minha análise, como diz Foucault:

Acontecimento não é uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada mascarada. (FOUCAULT, 1981, p. 28)

Nessa perspectiva pesquisar consiste em uma postura que questiona os seres humanos e os fatos em seus processos de constituição. A humanidade, enquanto vivos, encontra-se emaranhadas em tramas, sendo por meio delas que poderemos compreendê-las. E percorrer essa trama nos força a sempre fazer escolhas, mesmo que provisórias, às vezes, mas necessárias. Puxar alguns fios, remendar outros, efetuar cortes de vida. A pesquisa intervenção por sua atitude inventiva e

desnaturalizadora se afasta de posturas e posições reativas possibilitando a amplitude de um trabalho mais compartilhado. Este que em um mundo virtual, exige estratégias específicas de investigação. Novos nichos de pesquisa são criados, métodos sendo (re)construídos de maneira a entender melhor o ciberespaço, seus sujeitos, seu campo.

Ao se pensar em ciberespaço, as decisões sobre que caminho de pesquisa tomar, a ciência dos sujeitos envolvidos no estudo e as informações obtidas que podem ser inscritas em aspectos públicos ou privados se tornaram problemáticas fazendo-se necessárias cada vez mais leituras. As características da pesquisa e do sujeito no ciberespaço ainda muito recentes demandam do pesquisador “combinações e adequações de métodos elaborados para outros contextos” (BRAGA, 2006, p. 156).

Dentre todas essas oportunidades de abordagens qualitativas, terei uma aproximação da etnografia de maneira a me inspirar em suas concepções para contribuir para esta presente pesquisa. A Etnografia fundada na antropologia, inicialmente, com o objetivo de estudar sociedades primitivas e exóticas, tem ampliado seu alcance para diferentes perspectivas em busca de compreender as diferentes problemáticas que envolvem os significados dados às coisas e pessoas a partir de determinados grupos. Essa adaptação do método etnográfico para ambientes virtuais e ciberespaço foi acompanhada por diversos autores, como Hine (2004), que concorda com a importância e a necessidade de se compreender as relações, apesar das novas nomenclaturas e neologismos, entre uma etnografia “*on-line*” e uma etnografia “*off-line*”. Segata (2008 p. 8) aponta que quando tratamos dessa divisão a diferença maior consiste no fato de que “não se tratam apenas de relações face a face, antes sim e em grande medida, tratam-se de alguma forma, de relações mediadas por computador e acima de tudo relações em espaços *on-line*”.

Diversos embates e polêmicas são travadas em torno da proposta da etnografia virtual. Por exemplo, que durante um debate em um espaço virtual e em um etnografia virtual perderiam “(...) de vista certos modos de interação não redutíveis àquelas interações no ciberespaço (em termos de limitação gestual, entonação de voz, entre outras, se comparados com espaços *off-line*)” (SEGATA, 2008, p. 9), colocando em suspeita a possível não confiabilidade nas análises apresentadas por essa etnografia.

Outra polêmica envolve a ideia de “campo” / “espaço”, visto que nos ambientes virtuais a noção de espaço pode ser alterada continuamente e assim têm-se cada vez mais comunidades virtuais que inauguram esses espaços desterritorializados e sem

limite geográfico, atingindo e tornando-se um fenômeno mundialmente distribuído. Mas apesar disso, Hine (2004) defende que as relações sociais virtualizadas não são dissociadas do contexto em que ocorrem e se reconhecem e aponta que “o objeto da investigação etnográfica pode ser remodelado ao nos concentrarmos sobre o fluxo e a conectividade em vez da localização e fronteira como princípio de organização”¹¹ (HINE, 2000, p. 78). Sendo assim, as noções de espaço e “campo” não podem ser consideradas em sua perspectiva objetiva e material, mas sim concebidas em estruturas frequentadas e ocupadas por pessoas que simbolicamente constroem e determinam seus limites, espaços e localidades.

A contribuição de Boelstorff (2008) com sua base conceitual disposta a pensar a etnografia virtual, leva em consideração o argumento de que a *techné* é um elemento constituinte da cultura. Sendo assim, pode-se apropriar desse caminho a fim de compreender essa nova forma de produção de conhecimento e formação de identidades facilitadas pelas tecnologias da informação e comunicação, precisamente dentro do nosso objeto estudado, as juventudes nas Redes Sociais, (no presente estudo adolescentes que cursam e cursaram recentemente o 2º e 3º ano do Ensino Médio de uma escola particular). Hine (2004) afirma que

Una etnografía de Internet puede observar con detalle las formas en que se experimenta el uso de una tecnología. En su forma básica, la etnografía consiste en que un investigador se sumerja en el mundo que estudia por un tiempo determinado y tome en cuenta las relaciones, actividades y significaciones que se forjan entre quienes participan en los procesos sociales de ese mundo. El objetivo es hacer explícitas ciertas formas de construir sentido de las personas, que suelen ser tácitas o que se dan por supuestas. El etnógrafo habita en una suerte de mundo intermedio, siendo simultáneamente un extraño y un nativo. (p.17)

Desse modo, etnografia Virtual prima pela observação e pela participação, numa imersão no ambiente, como exposto por Hine. E essa imersão permite ao pesquisador um envolvimento que pode ir de uma atitude imensamente participativa àquela completamente não-obstrutiva e observacional. Hine (2000) continua defendendo que caberá ao investigador, ao longo dos acontecimentos e passos da pesquisa etnográfica virtual gerenciar o grau e a medida do envolvimento mais

¹¹ Tradução livre.

adequado, apreendendo os pontos e marcas de determinada comunidade / pessoas estudadas e não perder o foco das questões e princípios que norteiam a sua própria pesquisa.

Esse papel do pesquisador, a partir da perspectiva da Etnografia Virtual que está sendo apresentada e será nossa de inspiração, se dá de diferentes maneiras, como apresentado por Fragoso, Recuero e Amaral (2011): como um lurker (silencioso) ou como insider, e levando em consideração a existência de diferentes graus de participação do pesquisador.

O primeiro se dá como observador, aquele que fica à espreita, como já visto, com interferência mínima possível. O autor não se manifesta, apenas dedica-se à observação dos comportamentos dos outros em Rede. Vale ressaltar que, segundo Braga (2006), em qualquer etnografia a observação representa também uma interferência, inclui participar e descrever os fatos abordados.

Então, lurking é participação? Sim, é participação, mas de um tipo especial (...) por reconhecer que, em termos de presença/ausência, a informação acerca da presença do/a observador/a no setting não está disponível às/aos demais participantes, embora a presença de lurkers possa ser inferida. (BRAGA, 2006, p. 5)

O segundo se apresenta como oposto ao lurker; está inserido e /ou possui características/ligações próximas ao objeto/ grupo estudado. Há pesquisadores que defendem o uso da autoetnografia, na qual o próprio pesquisador faz parte do grupo em estudo, os fatos levantados correspondem as suas características e identificações.

Esse tipo de postura e comportamento do pesquisador será retomado ao longo do capítulo da análise das postagens retiradas da Rede Social Facebook, demonstrando os momentos em que se iniciou a pesquisa, o conhecimento dos pesquisados, a duração e as nuances surgidas durante a pesquisa e o momento em que pude revelar minha identidade e minhas motivações com a pesquisa em questão, que tem uma nova forma de comunicação e linguagem, a online.

3.2 Linguagem Online, Redes Sociais e a Análise do Discurso

Percebemos cada vez mais novas formas de interação, novas mídias que aparecem trazendo propostas diferentes de relações entre as pessoas e as tecnologias, trazendo novas potencialidades e possibilidades de estudo e pesquisa, no ciberespaço. Espaços de escrita se expandiram por meio das novas tecnologias da informação e comunicação e têm servido como novos meios de as pessoas expressarem suas opiniões, ideias, temas, crenças articulando-se em relação a algo ou a alguém. As postagens que acontecem nas Redes Sociais expressam as posturas das pessoas em relação àquilo de que falam, sendo construídas por meio de posicionamentos. Barton e Lee (2015, p.87) definem essa postura como “posicionamento das pessoas em relação a si mesmas, ao que é dito, e a outras pessoas ou objetos”.

O falar, a linguagem vem apresentada nesta pesquisa a partir da definição trazida por Bakhtin, de que falamos através de gêneros, estes localizados em determinadas situações de atuação, ou seja, há uma interconexão estabelecida entre a linguagem e a vida. “A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua.” (BAKHTIN, 1992, p. 282)

Os gêneros não são teorizados a partir do produto que geram, mas sim compreendidos a partir da atividade humana. Estes são considerados por Bakhtin (1992, p. 279) como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, sem normas estabelecidas, de maneira que deve-se ater ao contexto dos gêneros, as mudanças que sofrem e passam ao longo da história. Os gêneros tendem a aparecer e desaparecer continuamente, diferenciar-se e apresentarem novas construções de sentido. Com o advento da internet estão sendo apresentados novos gêneros, como o chat, o blog, o e-mail, as redes sociais, etc.

Dessa maneira, as vivências e as práticas foram se adaptando e se transferindo para o âmbito online; os textos também participaram dessa transformação e assumiram novas propriedades, sendo mais difundidos em todos os domínios da vida. O mundo online é cada vez mais escrito, pois ao escrever as pessoas deixam registros por todos os lados e outras pessoas podem se apropriar dessas informações propagando-as novamente, mas não da mesma forma e repercussão.

Os textos online não são mais estáveis. Interessante como exemplo é o jornal físico que é preparado, digitado, analisado e revisto para que seja impresso e vendido. Termina estável durante todo um dia, ao passo que os jornais online são constantemente atualizados e alterados, segundo a segundo, sendo apropriados por seus leitores que contribuem mais ainda no compartilhamento dos mesmos, podendo levar a novas construções de sentido e até discussões sobre os enunciados apresentados. Outro ponto interessante do texto online é o domínio que as pessoas têm sobre ele, por meio de comentários. Barton e Lee (2015, p. 98) defendem que a “linguagem e letramento estão no cerne de grande parte da mudança social atual, porque são a linguagem e o letramento que estruturam o conhecimento e possibilitam a comunicação.”

Estes novos textos passaram a demandar novos gêneros por possuírem características que lhe são específicas, a partir do meio em que são produzidos. Sendo assim, para o autor, as comunicações que ocorrem por meio de textos nos ambientes virtuais podem ser consideradas gêneros digitais.

Muito interessante e comum no ciberespaço está a possibilidade de partir de um texto para múltiplos textos, por meio dos chamados links, estes que acontecem também no espaço real, mas não numa velocidade que conecta o leitor a inúmeras outras possibilidades. Imaginar essa possibilidade na prática do Ensino de Filosofia, e também de outras disciplinas, é permitir que aquilo que chamou a atenção do aluno, ou o ponto que lhe é mais próximo possa ser relacionado e expandindo em diversas outras compreensões. Assim, na perspectiva digital vale destacar como ferramenta os hipertextos¹².

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens da informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (LÉVY, 1980, p. 33)

¹² O termo hipertexto, segundo Barreto Lé (2010) surgiu em meados da década de 60 e tinha como principal definição a ideia de leitura não linear).

Popularmente, a conhecida ideia de “navegação” se organiza nesta perspectiva, que permite que os textos se ordenem e se conectem de formas variadas, pela presença dos links. O leitor pode criar a sua própria ordenação de leitura, construção dos sentidos e definindo quais temas deseja estudar/ consultar/pesquisar. Tem-se um mapeamento estratégico de sentidos. O partilhar em Rede gera o “compartilhar” textos e discursos que vai além do tempo e do espaço, inserir, retirar informações. Que em sala de aula, durante uma aula de Filosofia, tem-se uma importante ferramenta para o pensar filosófico, este que prevê um múltiplo olhar e construção de sentidos sobre os fatos, conteúdos e temas.

Marcuschi (2004) questiona o fato de a escola possivelmente ignorar os gêneros digitais, o que leva Vilela (2010) defender a discussão sobre a possibilidade do professor e escola se organizarem e trazerem para as salas de aula as práticas dos gêneros digitais. E, então, contribuir para o desenvolvimento de (novas) competências e habilidades no ciberespaço. Vale ressaltar ainda o preparo quanto a equipamentos nas escolas e a disposição do professor em trazer essas discussões para o seu ambiente de sala de aula. Apontamos que a presente pesquisa prevê a ampliação desse conceito de sala de aula (*in loco*), que hoje tem barreiras temporais e virtuais.

Em meio a todas essas mudanças e inovações tecnológicas, métodos para compreensão das relações no ciberespaço, a linguagem tem um papel importante e fundamental nas transformações de comunicação e de construção de sentidos. Barton e Lee (2015) pontuam que unidades centrais da sociolinguística como variação, contato e comunidade, que antes eram vistas como estáveis, precisam ser repensadas, pois cada vez mais as pessoas “estão online”. Os dados, o estar face a face e a interação funcionam de maneiras diferentes na Rede Social e as ideias de autor e público são cada vez mais complexas.

Será a partir das discussões desta complexidade e da ideia base das abordagens da linguagem online trazidas por Barton e Lee (2015), que esta pesquisa se baseará. Os mesmos apresentam estas ideias divididas em três direções fundamentais:

1. Um dos primeiros pontos é entender / saber se a comunicação mediada pelos computadores, baseada em texto, deve ser tratada como fala ou como escrita, ou até como um híbrido de fala e escrita em meio a diversas denominações

para descrever o conjunto de características específicas. Há uma manifestação por meio dos chamados emoticons e as onomatopeias que representam constantemente a presença da fala na escrita.

2. Outro ponto é a ideia de que não se pode separar de seus usuários os contextos sociais. Entender de onde o outro fala, como fala.
3. Em terceiro, a linguagem online não pode ser vista apenas a partir de suas características mínimas e técnicas da linguística, mas também “como as formas de comunicação (que) são moldadas por ideologias sociais, e como tais ideologias são discursivamente construídas em novas mídias” (BARTON, LEE, 2015, p. 106)

O hibridismo, a relação entre a oralidade e a escrita, apresentada nos gêneros digitais, é cada vez mais importante e presente.

O uso da tecnologia digital para ler, escrever e divulgar informações transformou radicalmente a natureza da comunicação escrita e o letramento convencional, introduzindo novos gêneros textuais, práticas discursivas e estabelecendo um novo paradigma nas ciências da linguagem. No cerne dessas mudanças, cabe rediscutir as relações oralidade/escrita, elas também redimensionadas com os multimeios e o suporte eletrônico. (VIEIRA, 2005, p. 19)

A fim de disponibilizar uma comunicação mais instantânea, como na oralidade, porém por meios da escrita, esse hibridismo é apresentado como ponto central na relação Tempo X Espaço, agora reinventada, pois podemos nos comunicarmos com pessoas que estão geograficamente distantes de nós. O telefone, importante, tecnologia possibilitava essa comunicação múltipla, mas nas Redes Sociais o uso da escrita permitiu, um diálogo escrito on line.

O material que servirá de corpus da presente pesquisa propiciará as diversas formas de escrita que se apresentam marcas expressivas da oralidade, utilizando características muito específicas da fala e da linguagem não-verbal que são traduzidas por símbolos que expressam sentimentos, os emoticons. De acordo com Santos (2005 p. 162) “os usuários desenvolvem uma forma particular de expressão de suas emoções através do uso dos emoticons ou símbolos icônicos que ajudam na expressão das emoções”

Uma outra importante característica que precisa ser levada em questão é a efemeridade, já que na mesma velocidade que as conexões, expressões acontecem

elas também acabam desaparecendo, trazendo um caráter transitório nos discursos compartilhados em Rede. E que ao mesmo tempo como defendido pela Análise do Discurso, os enunciadores não “originam” os seus enunciados, mas os estabelece por meio de um cruzamento entre diferentes vozes que co-participam da construção do discurso (POSSENTI, 2017)

Cada enunciação presente nas postagens do Facebook que serão analisadas nesta pesquisa será reconstruída a partir das “marcas” presentes no enunciado. Analisar o discurso compreendendo os lugares de fala, sentidos criados, posicionamentos que estão trazidos e compartilhados. Há um fazer persuasivo por meio do enunciador que faz com que o enunciatário busque marcas que permitam a compreensão e a legitimação do enunciado. Entender a língua como um discurso, vinculada aos seus falantes e seus atos, os meios que estão inseridos, juntamente com os seus valores ideológicos (Bakhtin, 1997)

Partiremos da compreensão trazida por Maingueneau (2014) de que a noção de discurso se dá quando percebemos que os critérios utilizados serão reconhecidos na dependência do outro, na alteridade. A linguagem como forma de ação sobre o mundo. Quando se enuncia no mundo digital, Facebook, os enunciados representam o mundo ao produzirem uma versão dele mesmo, sendo uma forma de intervenção. Hall (2011) afirma que “nós damos significados às coisas pelo modo como a representamos. ” Imagens, textos compartilhados em Rede recebem múltiplos significados que são formados pelas múltiplas vozes que se articulam , (des)constroem.

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. (BAKHTIN, 1988, p. 88)

O estudo da Análise do Discurso (AD) proporciona a compreensão dos enunciadores como aqueles que não desempenham papéis simplesmente, mas que ocupam posições e cumprem funções sociais. Ideologicamente, discursos que são ditos durante muito tempo ainda permeiam a atualidade, pois devemos levar em consideração a existência da história do enunciado no interior das práticas discursivas. Ao olharmos e analisarmos os enunciados é importante entender o enunciado a partir das posições historicamente constituídas, as posições ideológicas a que são

submetidas. Múltiplo olhar sobre o real. A AD permitirá analisar o comportamento discursivo na Rede.

[...] cada discurso é sempre a agregação em um lugar dado de elementos cujo tipo de historicidade é muito variado: a língua, a temática, os modos de organização textuais não estão submetidos às mesmas escansões históricas e eles mesmos agregam elementos cuja temporalidade é muito diversificada (a língua, por exemplo, põe em funcionamento simultaneamente sintaxe e léxico, que se renovam em ritmos muito diferentes). (MAINGUENEAU, 2007, p. 77).

As Redes Sociais, em nossa sociedade, representam bem a expressão do dialogismo bakhtiniano, pois são ricas em enunciações, discursos perpassados por diversos outros sentidos. Qualquer postagem, objeto, imagem é atravessado de sentidos. Assim entenderemos na presente pesquisa que todo discurso que aponte, fale, comente sobre um determinado ponto representa um modo de construir e intervir na realidade.

Vale apontarmos o uso da expressão enunciado para definir o objeto analisado nas Redes Sociais, diferenciando-o de unidades da língua. Enquanto os enunciados possuem autores que revelam uma posição, um acabamento que admite resposta, possui um destinatário, são irrepetíveis, carregam emoções, juízos e um sentido de ordem dialógica, as unidades da língua se restringem às relações semânticas ou lógicas, não têm autores e nem são dirigidas a ninguém, possuem uma significação orientada por uma crença na neutralidade.

As opiniões demonstradas por meio dos enunciados em Redes Sociais são cada vez mais constantes e, em certa medida sociais, e que todo o enunciado não se dirige apenas a um destinatário imediato, mas a superdestinatários que apreendem os sentidos de acordo com suas problematizações, compreensões e lutas. Faz-se necessário enxergar as Redes Sociais como espaços no qual as pessoas expõem seus posicionamentos, a forma de pensar. Por exemplo, quando alguém emite uma opinião machista em relação a própria mulher, alguém do seu meio, ou seja, um destinatário imediato, ao expor em Rede Social outros superdestinatários são “atingidos”. Neste caso, poderiam ser as feministas que entenderiam nas marcas desse discurso pontos que diminuem o papel da mulher na sociedade.

As “juventudes”, como apresentadas durante essa pesquisa, são dominadores das tecnologias digitais que possuem multifunções, como os smartphones, que

estejam em qualquer lugar, inclusive na sala de aula interagindo, não apenas com os colegas de turma e professores, mas conectado com um resto de mundo, muitas vezes até distante deles. Além disso, a multimodalidade permite que dominem os textos, misturem linguagens, imagens e vídeos, colocando-os da forma que desejarem. “ (...) como as virtualidades de modos semióticos são percebidas quando combinadas de diferentes maneiras, elas podem oferecer múltiplos sentidos para diferentes espectadores e, assim, possibilidades de ação.” (BARTON; LEE, 2015, p.48).

As novas mídias digitais disponibilizam oportunidades inovadoras para as pessoas exporem e registrarem momentos de suas vidas na multimodal. Estas novas práticas propiciaram mudanças de como pensam sobre si mesmas. A identidade online passa a não dizer respeito apenas a quem queremos nos tornar ou somos, mas o que desejamos ser para os outros e como somos vistos. Essa nova noção de identidade é fluida e multifacetada. Como firma Barton & Lee (2015), por meio de diferentes formas podemos agir com os outros, “as identidades são, às vezes entendidas como máscaras que podem ser postas e retiradas em diferentes contextos de interação social.” (Goffman, 1959)

As Redes Sociais como o Facebook proporcionaram diversas maneiras e oportunidades para que os usuários *on-line* escrevam sobre si mesmos e que mudem com a necessidade que acharem melhor, uma representatividade transitória. O Facebook apresenta, resumidamente, três meios que permitem a formação das identidades *on-line*. A Criação do perfil *on-line* permite que o usuário se autodescreva, se apresente, para que aqueles que desejarem ser seus “amigos” e possam conhecê-lo melhor; Atualização do Status que é contínua e por meio de enunciados curtos – com amplas funções discursivas - muitas das vezes voltada para a forma ou jeito de que o usuário se encontra emocionalmente no dia; Representação Visual que por meio das imagens, de símbolos representam seus discursos, suas crenças e contribui para os legitimar.

Desta maneira, cada sujeito se manifesta e se apresenta de diferentes formas nas redes sociais. Em busca de uma maneira que facilite a apreensão das informações e enunciados das Redes Sociais, especificamente o caso do Facebook, utilizaremos, a partir de Recuero (2009), elementos que lhe são característicos, mesmo que estes elementos não sejam tão claramente discerníveis. Eles buscarão atender tais respostas como: quem são os atores sociais? De que maneira se poderá considerar as conexões? Quais as dinâmicas que são apresentadas? Assim conseguiremos direcionar melhor o presente estudo.

Os Atores são o primeiro elemento que será apresentado, pois representa os “nós”, aqueles que moldam e dinamizam a estrutura gerando as interações e os laços sociais. Estes não são tão claramente identificáveis, pois diferente das interações no espaço real, elas são mediadas por máquinas que causam um distanciamento entre os envolvidos. Além disso, podemos ter Redes que representem atores, como os perfis, o weblog, o fotolog, o twitter, dentre outros. Importante afirmar que não são considerados atores sociais, mas sim uma representação destes, pois apresentam espaços que determinam o lugar de fala, de interação que apresentam características da expressão pessoal ou pessoalizada na Internet, sempre através de elementos de apresentação de si e identidade.

Este processo de construção constante e expressão da identidade por parte dos atores é cada vez mais uma constante, que não se resume apenas a isso, mas também a uma presença do “eu” no ciberespaço, na dicotomia do público e privado. Pois também se é necessário ser visto para ser reconhecido, nesta perspectiva se faz necessário compreender como as conexões acontecem e padrões acabam sendo estabelecidos. Recuero (2009), apresenta a ideia por meio de Judith Donath que afirma “que a percepção do Outro é essencial para a interação humana (1999, p.27)”. Assim pela ausência das expressões face a face as pessoas acabam sendo avaliadas e percebidas por suas palavras e enunciados, que se legitimam a partir dos grupos sociais.

As Conexões, também são estabelecidas como Laços Sociais, representam interações fadadas a permanecerem no Ciberespaço. Nele são deixados rastro sociais dos indivíduos que ao ficarem registrados permitem que outros os reconheçam e estabeleçam os vínculos. Exemplos destes rastros são os elementos presentes no corpus da pesquisa, os comentários.

O ciberespaço, os computadores, smartphones apresentam ferramentas de comunicação com particularidades em sua interação, como: os atores não se dão imediatamente a conhecer, por serem mediados por tecnologia; estarão sempre em uma interação mútua, dialógica; a aceitação do Outro em sua própria Rede Social, que permite a ações nos dois lados da relação comunicativa, uma repercussão no Sistema e no indivíduo que por meio do perfil, fotos e enunciados aparecerá para diversos outros.

Relativo à qualidade das conexões e interações de uma Rede Social está o Capital Social, que se torna um indicativo dos laços estabelecidos, de valores construídos nos ambientes virtuais, influenciado na estruturação da Rede e algumas vezes comuns e inerentes ao Ciberespaço.

Alguns destes valores são apresentados como: a visibilidade, que permite aos atores sociais estarem mais conectados. Antes, os laços que eram espacialmente distantes agora são mais próximos e afinidades a partir dos perfis passam a ser mais facilmente estabelecidas. O gerenciamento e manutenção dos grupos sociais ficou mais facilitado e mais visível, pois a própria presença do ator na Rede por si só representa um valor.

A reputação, partindo das noções de Goffman (1975), afirma que a reputação de alguém é influenciada pelo uso das informações dos Outros, pois não é constituída por ações individuais, mas da troca das relações e conexões e material palpável que é compartilhado e enunciado. O que publicamos sobre quem somos e o que pensamos permite aos outros construir em cima de disso. A questão não é apenas quantitativa na perspectiva de “amizades” e números de “seguidores”, mas sim qualitativa, pois representa as marcas que os Outros obtêm de nossas ações.

A popularidade é obtida pela audiência, esta é muito facilmente vista e computada nas Redes Sociais, pois identifica os atores a partir da sua centralidade na rede, o número de conectados a ele e de influência sobre os Outros. Um exemplo importante está no número de “curtidas” e “comentários” dos enunciados e conversas que os indivíduos estabelecem em Rede.

Marcuschi (2006) define a conversação como uma “interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum. ” (p.15). Assim, podemos afirmar que a conversação se determina como um fenômeno das interações orais, entre atores de um determinado contexto e que se alternam no momento de “fala”. Já nas Redes Sociais temos uma adaptação dos meios orais para os escritos, expressos em um gênero digital, mantidas por conexões, laços sociais, alimentada constantemente e armazenada para que outros acompanhem e interajam de alguma forma.

Referenciais são estabelecidos por meio de arcabouços culturais que também podem ser desconstruídos facilmente, desde que haja grupos de atores com conceitos opostos. Os valores são mantidos, propagados e muitas das vezes legitimados diante dos demais.

Interessante salientar que nas interações em Rede temos uma maximização do capital social, pois diferente dos grupos offline, tem acesso por meio do online a múltiplos outros atores sociais.

Ao realizar o acompanhamento e mapeamento dos jovens da pesquisa três funções do Facebook merecem ser destacadas, como as que mais são utilizadas por estes atores sociais. Para isso foram observados durante três meses (março a junho de 2016) como os alunos do Colégio Nossa Senhora das Mercês, de Nova Friburgo / RJ como usavam estas ferramentas. Assim, serão apresentados os aspectos metodológicos traçados.

A ferramenta “curtir” permite aos seus usuários tomar, posicionar-se, fazer parte de algo sem necessitar de uma elaboração de resposta ou um certo aprofundamento nos enunciados, havendo um investimento pequeno na relação. Uma ação que permite que o Outro não se comprometa com o discurso proferido por um ator social, demonstra apoio, dá visibilidade e possibilita a reputação. Torna-se um ato de legitimação por meio da concordância.

O “compartilhar” também permite uma visibilidade para o enunciado, no qual se vê relevância e que faz com que haja uma apropriação do discurso do outro, uma representatividade das próprias ideias que ao ser compartilhada integra o perfil e multiplica o número de conexões que serão atingidas.

3.3 Mídias Sociais, Identidade e Legitimidade

A maneira de ser e agir, principalmente na Internet, contribui para essas mudanças. Hoje o nosso aluno está imerso no mundo virtual cheio de vozes que emanam de diferentes meios e lugares, interações constantes. Enunciados e Discursos navegam a uma velocidade incrível transpondo barreiras temporais e geográficas, deixando marcas por onde passam.

A arquitetura da Rede é tamanha que dificulta o controle sobre tudo o que é postado, assim como afirma Castells (2000), “o único modo de controlar a Rede é não fazer parte dela, e esse é um preço alto a ser pago...” (p.375) E continua defendendo que essa estrutura deve permanecer sempre aberta do ponto de vista tecnológico, ajudando o acesso do público a ela.

Um outro importante impacto das Mídias Sociais em Rede está na desconstrução do conceito de comunicação em massa, em seu sentido original, aquele que produz um material para ser comercializado e consumido por uma massa, distribuído ao público de

maneira uniforme – interessante perceber como a escola ainda passa por isso por meio de currículos de “massa” engessados, quadrados.

Parece tudo agora muito “bonito e fácil”, vivemos em uma Era da Informação, na qual todos partilham tudo. Seria muito inocente de minha parte enquanto professor em aceitar de que realmente todos tem esse acesso e compreensão, muitas vezes na minha realidade e percebendo o modo social de meus alunos vejo que na prática não é assim. Temos o compartilhamento das informações e ainda não do Conhecimento, em uma sociedade capitalista que ainda grupos detentores do poder monopolizam ainda os meios sociais de controle, compartilhando em Rede suas ideologias e enunciados.

Todo o processo histórico e político em que a nossa sociedade passa precisa ser levado em consideração, que não se iniciou especificamente com a Internet, mas com a Globalização, com as Redes mundiais de informação e comunicação. A popularização da Internet, compõe este processo. E nela é que as Mídias Sociais têm crescido cada vez mais, a partir dos modos de subjetivação e individuação do sujeito. Pisani e Piotet (2010, p.33) afirmam que o que os jovens mais amam a Internet são as Redes Sociais. Muda-se a maneira de lidar com a tecnologia, mudam-se os sentidos produzidos.

Gostaria de explicitar rapidamente o que representa a Net para alguém da minha geração, uma geração intermediária que não conheceu a tela e o teclado senão depois dos livros [...] Uma geração que também conheceu as cartas manuscritas, com grafologia instintiva e fórmulas de cortesia sociologicamente normalizadas, antes do correio eletrônico e seu “Bom dia” [...] Barbara Cassin (2008, p.19-20)

Confronto e problema apresentando, diante de uma visão historicamente estabelecida de que a educação se constitui pelo formalismo, ou seja, o professor não ensina necessariamente seus alunos a pensarem, desenvolver ideias e compreender processos tem dificultado cada vez mais as escolas perceberem e se apropriarem do modo de formulação e circulação do conhecimento nas Mídias Sociais. A sociabilidade que ocorre por meio do Facebook não é a mesma dos espaços escolares, os imaginários presentes em cada um desses espaços são diferentes.

O sujeito existe na Rede Social não apenas enquanto sujeito, mas também um produtor do conhecimento. No caso do Facebook, isto ocorre ao compartilhar fotos, vídeos, enunciados, citações, etc. Assim, através da análise das Redes Sociais, mais diretamente o Facebook,, o objetivo é mostrar que as novas formas de aprendizagem

devem considerar a constituição, formulação e circulação do saber, inseparavelmente, como momentos do “processo de produção do discurso” (ORLANDI, 2001, p. 9) de divulgação de conhecimento e a relação deste discursos com a Filosofia.

Para esta pesquisa alguns pontos importantes serão estabelecidos para a compreensão dos discursos e enunciados apresentados no Facebook. A Alteridade, esta que mobiliza e conduz o sujeito a fazer parte da Rede Social. A identidade, a legitimidade e a subjetividade não ocorrem sem este primeiro conceito. Em outras palavras, como o sujeito se identifica com o outro é a maneira de como ele se posiciona no mundo. Filosoficamente, as Redes Sociais marcam um retorno ao “panóptico” de Foucault, o “tudo visto”, minhas interações me fazem existir no ciberespaço, aquele que não “cutuca”, não “curti”, não “comenta”, não “compartilha” não existe. Segundo Foucault (2002, p.166 – 167)

O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções – trancar, privar de luz e esconder – só se conserva a primeira e suprimem-se as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha. [...] Uma sujeição real nasce mecanicamente de uma relação fictícia. De modo que não é necessário recorrer à força para obrigar o condenado ao bom comportamento, o louco à calma, o operário ao trabalho, o escolar à aplicação, o doente à observância das receitas.

Ao entrarmos no Facebook agora recebemos as seguintes interrogativas: “o que você está fazendo?”; “no que você está pensando?” Ao respondermos, por diferentes meios, o verbo “estar” demonstrará o que somos, pois o modo de existir no mundo digital está ligado em ser visto pelos outros. A maneira de perguntar mudou a constituição do sujeito. Desloca-se para fora de si, a constituição a partir do outro, não no eu.

O falar de si demonstra o movimento de alteridade, ao ser estimulado a dizer o que está fazendo ou pensando, o sujeito é incomodado a falar de si, de sua subjetividade, dos acontecimentos, de suas ideias sobre o mundo, eu e o outro. O conhecimento surge nesta movimentação de busca de sentido da própria existência, um ato filosófico.

Gostaria de destacar que as Redes Sociais não são máquinas de aprender, tampouco as escolas o são, mas são espaços de identificação e legitimação do sujeito, regados de rede de memória. A proposta que venho defender é de que as Redes

Sociais, especificamente o Facebook seja um espaço de conhecimento de si, do outro e compartilhamento de conhecimentos.

3.4 O ato de “Facebosofar” (Filosofar no Facebook)

Dentre as redes sociais mais comuns e populares do mundo, no Facebook segundo David Kirkpatrick (2011), “ a cada mês cerca de 30 bilhões de postagens são feitas pelos usuários...”, mostrando que o impacto dos discursos apresentados em rede é imenso e tem um poder de expressão imprescindível, atingindo em pouco tempo diversas pessoas. Tem-se o que o autor chama de “efeito Facebook”, para referir-se às mudanças sociais e impactos que tiveram origem nesta rede social. O autor ainda afirma que:

Sendo uma forma de comunicação fundamentalmente nova, o Facebook também produz efeitos interpessoais e sociais fundamentalmente novos. O Efeito Facebook acontece quando a rede social põe as pessoas em contato umas com as outras, às vezes de forma inesperada, em torno e algo que tenham em comum: uma experiência, um interesse, um problema ou uma causa. Isso pode acontecer em pequena ou grande escala [...] (KIRKPATRICK, 2011, p.17)

A característica, de certa maneira “viral” que o Facebook insere na informação e/ou discurso representa um dos pontos importantes das razões de sua popularidade, todavia, isto pode ser visto e refletido em dois aspectos. Um ponto bastante positivo na visão de que gera uma discussão, diálogo e reflexão de grande parte dos usuários em rede, como os fatos políticos que têm ocorrido em nosso país atualmente, mas também possui um aspecto negativo que esta mesma informação pode ser compartilhada inúmeras vezes sem uma devida reflexão, gerando irresponsabilidades, pois

O Facebook está dando a indivíduos em sociedades de todo mundo mais poder em relação às instituições sociais, e isso pode levar a mudanças muito perturbadoras. Em algumas sociedades, pode desestabilizar instituições que muitos de nós preferíamos que continuassem como estão. Mas o Facebook também contém a promessa – como está começando a ser demonstrado no Egito, na Síria, na Indonésia e em outros lugares – de desafiar antigas

instituições e práticas estatais repressivas. O Facebook torna mais fácil a organização das pessoas. (KIRKPATRICK, 2011, p.18)

Com este importante papel de organizar e reunir pessoas, no que se diz respeito aos usos do Facebook na Educação, há muitas iniciativas que podem ser realizadas, vindas dos próprios professores que criam grupos e páginas com objetivos pedagógicos, porém “observa-se ainda que a grande maioria dos professores usuários do Facebook não exploram o potencial do site em sua totalidade” (CANABARRO; BASSO, 2013, p.4).

Para Ferreira (2014, p.17) o Facebook “atua como um espaço de construção coletiva do conhecimento”, permitindo um desenvolvimento do aluno nos seus aspectos da criticidade e autonomia, ao empoderar-se, construir argumentos que são automaticamente compartilhados e postos à prova diante de outros. O conhecimento colaborativo é um dos grandes pontos das redes sociais, pois propicia a inteligência coletiva, assim como defendido por Levy (2007, p. 19) conforme quem “quanto melhor os grupos humanos conseguem se constituir coletivos inteligentes, em sujeitos cognitivos abertos, capazes de iniciativa, de imaginação e reação rápida, melhor asseguram seu sucesso no ambiente altamente competitivo que é o nosso. ”

Assim, todo o processo de interação, compartilhamentos, autonomia, expressão se encaixa diretamente com o que a Filosofia grega nos deixou como herança, o ato de debater, discutir e questionar as suposições e discursos que são apresentados. O discurso racional é uma das marcas mais fundamentais da Filosofia, “Filósofos costumam a tratar dos assuntos a partir de argumentos: podem inventá-los ou criticar os de terceiros, ou ainda fazer as duas coisas” (WARBURTON, 2008, p.15).

O conhecimento filosófico é dinâmico e acontece a partir do processo argumentativo e não está restrito “a mera apreensão do enunciado das teses, exigindo a compreensão dos argumentos por meio dos quais elas se estabelecem e se sustentam.” (RODRIGO, 2009, p. 64). É o argumento que justifica determinada afirmação, tese e que gera um movimento que caminha para a produção de uma conclusão. Rodrigo 2009 continua afirmando que “no ponto de vista didático, trata-se, então, de criar condições para que o aluno possa vir a desenvolver sua capacidade de argumentação com base em atividades e exercícios voltados para esse objetivo. ” (p.65). Construir por si uma conclusão e também saber reconhecer, em um discurso, enunciado, um argumento e conseguir avaliá-lo.

Acredito que estas discussões não podem ser encaradas pelo professor e alunos como um bate-papo informal, sem objetivos ou em troca de informações sem base teórica, mas sim como uma demonstração de constante conexão entre as ideias, estas que vão sendo sintetizadas e examinadas, ou seja, podem partir de uma discussão de uma situação ou problema particular e ir caminhando dialogicamente até chegar a um nível filosófico. A mediação do professor é crucial neste processo pedagógico, que ao ouvir os alunos colabora para o aprimoramento dos argumentos que deixam o campo do senso comum e passam a ser filosóficos. Tem-se no professor um papel fundamentalmente socrático.

Desta maneira, se há o desejo de uma educação crítica, na qual a interação com o saber é estabelecida, as redes sociais, mais especificamente o Facebook pode proporcionar esse dinamismo, a partir do fato de que permite que o internauta (aluno) saia da condição de um receptor de informação para o que reflete, questiona e produz informação. Um espaço pedagógico onde a discussão é realizada, permitindo a interação entre alunos – não só da mesma sala ou escola – dentro de uma construção coletiva e colaborativa da inteligência e do conhecimento.

A própria estrutura do Facebook é dialógica e interativa, uma vez que possui ferramentas que permitem a participação e a interação, como “curtir”, “comentar” e “compartilhar”. Colocados de maneira um após ao outro entrelaçando os questionamentos e ideias. O debate filosófico fica registrado por escrito no perfil ou página do grupo em questão podendo ser revisitado a qualquer momento e conduzido para o espaço da sala de aula que tratará novos argumentos.

3.5 O acompanhamento das postagens dos adolescentes e jovens

Uma parte importante da presente pesquisa foi o acompanhamento por meio de visitas diárias a dez perfis de adolescentes e jovens, sete deles alunos do Ensino Médio do Colégio Nossa Senhora das Mercês, localizado em Nova Friburgo, estado do Rio de Janeiro e três deles jovens entre 18 a 21 anos que recém haviam concluído esta mesma etapa escolar. As visitas se deram diariamente, durante os meses de março de 2016 a junho de 2016, todos estes conscientes do meu estudo e pesquisa sobre as suas postagens na rede social Facebook. Enquanto características sociais, variam de classe média a classe alta e todos brancos, fatores que mostram o lugar de fala dos envolvidos

na pesquisa. Fui professor de todos eles, mas em diferentes momentos e modalidades escolares, tendo de certa maneira um conhecimento sobre eles durante dado momento de minha carreira docente.

A cada dia que eu visitava os seus perfis realizava um “print” dos discursos que eram postados constantemente, me atentando aos recursos que o Facebook proporciona, como curtidas, comentários e compartilhamentos. Como já apresentado em capítulos anteriores, uma das estratégias pedagógicas estava em usar os “discursos” e/ou “aforismos” encontrados nos perfis dos alunos, reconhecer as marcas do discurso presentes e em cima delas promover uma reflexão, argumentação filosófica no espaço da sala de aula.

Diversos “prints” foram realizados, totalizando 50, no período de três meses – marco a junho do ano de 2016. Os temas eram bem diversificados e ligados ao cotidiano dos adolescentes e jovens e a realidade do momento histórico em que estavam inseridos, tais como política, ética, amor, amizade, gênero e entre outros. Destes separei cinco que serão apresentados abaixo. A fim de preservar a imagem e identidade dos pesquisados, não serão exibidas as fotos e respectivos nomes.

4.2.1 Análise das Postagens

- Postagem 1 –



Postagem 1. Fonte: Facebook. Acesso em: 16/03/2016)

A postagem foi retirada no dia 16/03/2016, de uma aluna do Ensino Médio da rede particular de ensino, sendo seu uso autorizado por ela.

De início o importante é destacar o marcador temporal deste enunciado, que está na data da postagem (16/03/2016), momento em que o Brasil vivia o processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Roussef. Diversas vozes cruzam as mídias sociais neste momento, girando entre os que concordavam ou não com a situação em questão. Outro marcador temporal importante está no meme compartilhado pela aluna, o ano de 1988, em que ocorria uma séria crise política, processo de redemocratização do Brasil, no qual diferentes vozes emergiam nas mídias em busca da condução do povo. Assim, já temos uma relação temporal, situações de crise no Brasil.

Outro ponto importante vem do conceito de Maingueneau, de aforização. A enunciadora destaca um enunciado retirando-o do seu contexto e traz para outro. A referida frase proferida pelo ex-presidente Lula no ano de 1988, no qual atuava como um líder e representante dos operários, fala legitimada no grupo que ele representava foi deslocada para 2016 em que o mesmo passou a receber acusações de corrupções. Maingueneau afirma que palavras e enunciados isolados “partindo do postulado de que a aforização resulta de uma operação de destacamento que é pertinente, o leitor deve construir interpretações que permitam justificar essa pertinência. [...] o destinatário é chamado a justificar, pela busca hermenêutica, a própria operação de destacamento.” (MAINGUENEAU, 2010, p. 15)

A aluna a partir da sua interpretação do enunciado destacado fez uso da interjeição “Hahahahaha” que traz a marca de risos, sinalizando uma possível hipocrisia do personagem em questão, o Lula, uma vez que seu discurso poderia ser lido como contraditório no contexto atual.

Os memes, termo utilizado para caracterizar uma ideia ou conceito, que se difunde através da web, utilizado na Rede Social da aluna, não foi criado por ela, mas compartilhado a partir de outra mídia social – Notícias UOL – assim indicando a apropriação do enunciado de um outro para si e o uso para legitimação do próprio discurso.

Várias questões podem ser levantadas após a análise desta postagem, como: discussões sobre política e democracia, trazendo para os alunos as concepções destes temas a partir dos filósofos – Platão, Aristóteles, Hobbes, Locke, Rousseau, entre outros – e a comparação entre a democracia grega e a atual. A estrutura normativa do Brasil

com o foco em punições que ocorrem por meio das leis que sustentam os regimes democráticos.

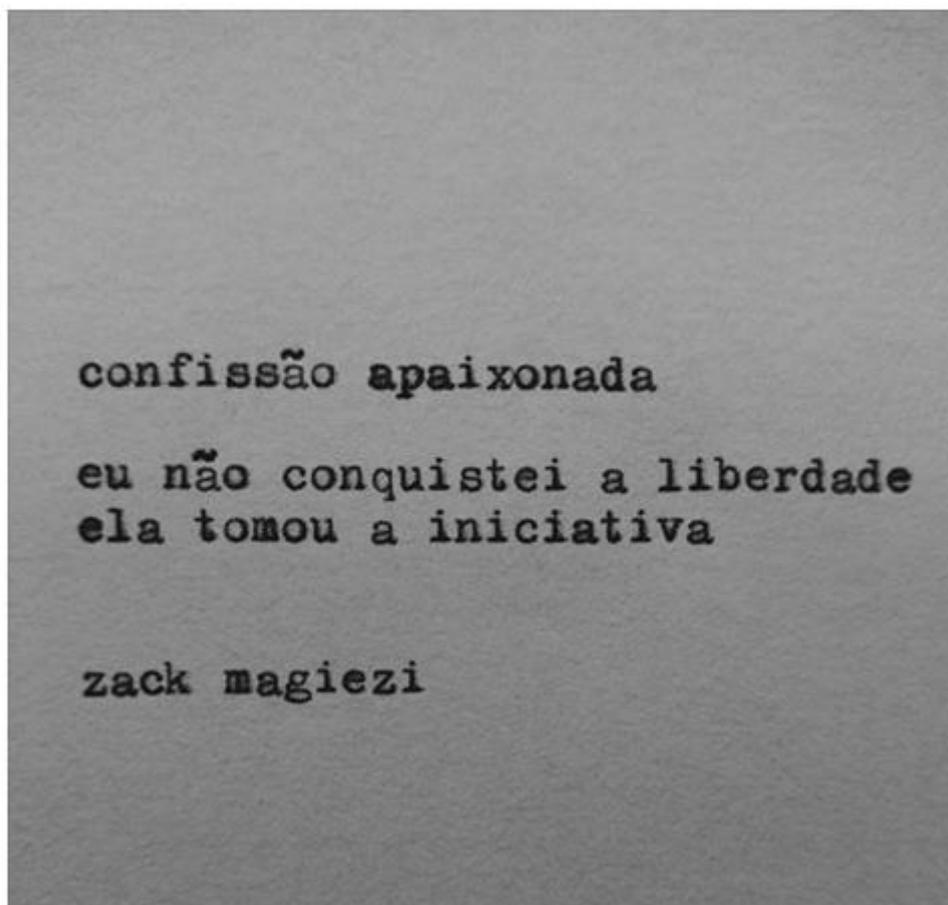
Uma interessante sugestão é construir com uns alunos um mapa conceitual que esboce a visão sobre política e democracia a partir dos autores citados no parágrafo anterior e a partir de uma exposição de seus diferentes pontos compreender de que maneira a política atual foi construída e se há ou não traços das ideias destes filósofos.

- Postagem 2 -

compartilhou a foto de Estranherismo.

21 de março às 10:15 · 🌐

Atitude é tudo! Haha



Postagem 2. Fonte: Facebook. Acesso em: 21/03/2016)

A postagem foi retirada no dia 21/03/2016, de uma aluna do Ensino Médio da rede particular de ensino, sendo seu uso autorizado por ela.

Uma das primeiras marcas a serem pontuadas é que o enunciado foi “compartilhado” de “Estranheirismo”. Este, segundo uma Página do Facebook, que realiza publicações a partir de enunciados de outros autores. Percebemos nitidamente a dimensão do compartilhamento de informação existente nas Mídias Sociais.

A segunda relação vem da compreensão estabelecida pela aluna da citação do autor Zack Magiesi. Ela enuncia “ Atitude é tudo!” Relacionando com o conceito que o autor traz de liberdade, pode ser identificada como uma postura de atitude, vista com muita relevância – “tudo”. Filosoficamente, a liberdade é um tema de grande discussão que perpassa por diferentes compreensões religiosas, sociais e familiares.

O tema da liberdade sempre está presente na filosofia. A visita às concepções de Kant e Sartre sobre este conceito pode possibilitar a ampliação e a problematização com os alunos, principalmente refletindo sobre a liberdade no mundo em que estamos inseridos.

- Postagem 3 -

compartilhou um link.

1 de junho às 23:55 · 👤



Cristãos vão à Parada Gay de São Paulo espalhar o amor

Algumas razões para continuarmos acreditando num mundo melhor

RAZOESPARAACREDITAR.COM

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Postagem 3. Fonte: Facebook. Acesso em: 01/06/2016)

A postagem foi retirada no dia 01/06/2016, de uma aluna do Ensino Médio da rede particular de ensino, sendo seu uso autorizado por ela.

Um dos pontos de destaque na postagem da aluna é a reflexão e a aproximação entre ideias que se apresentam como opostas na sociedade, cristianismo e a homossexualidade. Na primeira cena um cartaz é erguido e o “desculpe-nos” aparece. O “nos” traz em si todos os cristãos, fala-se em nome de determinados grupos que dentro do cristianismo rejeitam e perseguem os homossexuais e a palavra “igreja” também aparece entre aspas denotando que nem todos que fazem parte desta instituição pensam da mesma forma.

“Jesus Cura a Homofobia”, o cartaz na segunda se apresenta com um ponto forte que é o amor como forma de ultrapassar qualquer opinião e ideologia contrária. Usa-se uma expressão comum e reiterada no mundo cristão que é “Jesus cura”, mas no caso do enunciado acima a “cura” não seria no conceito comum que vem circulando no discurso do cristianismo de curar o gay, deixar de ser o que é, mas cura aqueles que matam e perseguem os homossexuais.

A partir desta leitura diversos conceitos filosóficos podem ser trabalhados como a ética, o respeito, o mundo dos valores, afetividade e a liberdade.

- Postagem 4 –



Postagem 4. Fonte: Facebook. Acesso em: 20/05/2016)

A postagem foi retirada no dia 20/05/2016, de uma aluna do Ensino Médio da rede particular de ensino, sendo seu uso autorizado por ela.

Na postagem o enunciado “Amiga me segura...”, o uso do substantivo no feminino proporciona um reconhecimento identitário do enunciador e os seus seguidores, um posicionamento de desconstrução e de aproximação entre iguais de pensamento. “vou debater” convoca ao posicionamento, a luta, a resistência de grupos que são oprimidos em nossa sociedade por discursos preconceituosos e que com as Redes Sociais a necessidade e a facilidade de posicionar-se tem sido cada vez mais conquistada. A concepção de amor em cada época e por diferentes filósofos enriquecerá e gerará mais argumentações.

Há que se destacar a cenografia, inspirada na obra “Amor Desarmado”, do pintor Willian - Adolphe Bolguereau, no século XIX, que no ano de 2008 recebeu o recurso de

Photoshop inserido pelo brasileiro conhecido por Mandrak, para uma competição de Photoshop. A partir daí a imagem foi reproduzida com este cenário diversas vezes e com diversos outros enunciados.

- Postagem 5 -



Postagem 5. Fonte: Facebook. Acesso em: 13/03/2016)

A postagem foi retirada no dia 13/03/2016, de um aluno do Ensino Médio da rede particular de ensino, sendo seu uso autorizado por ele.

Nesta postagem compartilhada pelo aluno vemos por meio de uma imagem-texto o uso do Mito da Caverna de Platão para exprimir e tratar de conceitos políticos da atualidade. O contexto da postagem é o processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rouseff e também da rivalidade entre dois partidos representados pelos desenhos, estrela, o PT, e o Tucano, o PSDB.

A partir da reflexão do Mito da Caverna, podemos compreender que um homem está sentado, preso diante da realidade que lhe é mostrada pelas sombras – ideias dos partidos, preso apenas a essas visões. A parede que o separa está representada pela Urna Eletrônica, a qual é o meio para eleger os candidatos no Brasil. Destaca-se também o controle da mídia – Globo – por meio da bola de ferro - que lhe prende aos pés. E a realidade que não vê, pois preso neste ambiente, vê apenas as imagens projetadas por bonecos semelhantes, mas que representam partidos diferentes, o que constitui um discurso sobre a questão política contemporânea no Brasil.

- Postagem 6 –



Postagem 6. Fonte: Facebook. Acesso em: 13/04/2016)

A postagem foi retirada no dia 13/04/2016, de uma aluna do Ensino Médio da rede particular de ensino, sendo seu uso autorizado por ela.

Um destaque desta publicação está no local onde o cartaz foi colado, um poste. Uma rua, a noite e deserta, local de conflitos, de perigo, mesmo que a postagem não mostre exatamente qual bairro, cidade, etc sabemos dos riscos de uma rua a noite em nosso país. E ao nos dirigirmos para o cartaz, vemos representados três grupos sociais que sofrem da violência física ou verbal da sociedade. Em um jogo criativo de palavras o “respeito” vem no imperativo, ou seja, exigido como um tom de protesto.

“As Mana, As Mina e As Mona”, expressões utilizadas pela sociedade ao se referir aos homossexuais – em específico as mulheres trans -, - e às mulheres foi incorporado pelo enunciador de maneira a exigir os direitos e a luta.

Por meio da análise destas postagens tornou-se possível constatar, que o “sistema pós-massivo permite a personalização, o debate não mediado, a conversação livre, a desterritorialização planetária.” (LEMOS; LÉVY 2010, p. 26), ou seja, mesmo que as redes sociais não estejam completamente desprovidas de um centro emissor da informação, temos a possibilidade da sua interpretação, argumentação e discussão aumentadas, diferentemente das mídias de massa anteriores que criavam e “recebia-se” como “verdade absoluta”.

Vários temas podem ser geradores de discussões filosóficas, diversas teorias de diferentes filósofos podem ser citadas e comparadas gerando os debates e o crescimento dos alunos. Uma educação crítica, na qual os educandos possam interagir com o saber estabelecido, que nas redes sociais pode acontecer por meio de um novo dinamismo, deixando a condição de meros receptores, mas como aqueles que questionam e (re)constroem as informações.

3.6 Grupo no Facebook

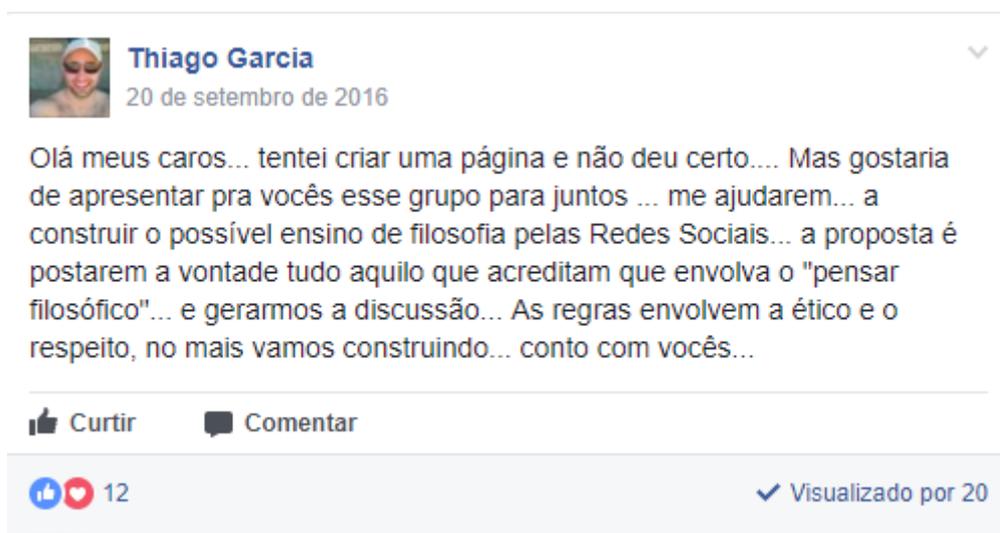
Uma outra possibilidade do uso das ferramentas do Facebook no Ensino de Filosofia, está na dinâmica da criação de um Grupo, no qual são convidados alunos e outras pessoas que desejarem a interagir a partir de reflexões propostas pelo professor – criador do grupo – ou pelos seus próprios integrantes. Além de poder disponibilizar textos, artigos, realizar orientações, troca de experiências, esclarecimento de dúvidas e sempre realizando provocações por meio de perguntas, incentivando o diálogo em rede.

A estrutura do Facebook favorece ao ser dialógica e interativa, ou seja, permite a interação por meio dos comentários, “curtidas” e compartilhamentos. Os alunos conseguem ter mais clareza dos argumentos que os colegas estão usando, professor pode mediar as discussões levando em consideração os pontos que são relevantes, revisitando premissas, novas indagações. Situações emocionais como a timidez, característica de muitos adolescentes e jovens se dissipam no ciberespaço, pois conseguem se colocar melhor sem serem “diretamente observados”. Talvez alunos que

nunca colocariam o seu posicionamento em uma sala de aula por terem medo de serem reprimidos ou zombados pelos colegas.

Sendo assim, após a observação, levantamento e análise das postagens em perfis separados, os meus alunos – adolescentes e jovens – se encontraram em um Grupo Fechado do Facebook, criado por mim, a fim de agora dialogar entre si e argumentarem a partir de suas premissas. O Grupo Rede Social e Filosofia foi criado no dia 20 de setembro de 2016, iniciando com dez participantes convidados, os mesmos da primeira etapa da pesquisa e chegando a 26 membros até a data de 10 de julho de 2017.

No primeiro momento realizei uma primeira postagem com as boas vindas e o objetivo da criação do grupo.



Fonte: Facebook. Acesso em: 20/06/2016)

Esta postagem contou com 20 visualizações e 12 curtidas, divididas entre o “curti” e o “amei”. Em seguida, propus a primeira provocação ao grupo por meio de uma comparação entre capas de uma revista muito comercializada em nosso país. Apenas postei e disse que estava iniciando e provoqueei com a palavra “incomodando”. Desde a postagem pude perceber 21 (vinte e uma) visualizações, 5 (cinco) curtidas e 4 (quatro comentários).



Fonte: Facebook. Acesso em: 20/09/2016)

Em seguida, os posicionamentos construídos a partir de argumentações começaram a surgir passados dois dias de postagem, gerando uma interação que percorreu no mesmo dia da postagem, nos períodos da tarde e da noite.

Gomes Não sei se esse é o mérito aqui. Mas há quem diga que a democracia é um equívoco uma vez que pessoas sem formação política elegem outra pessoa que pode também não ter nenhuma formação política
Curtir · Responder · 22 de setembro de 2016 às 14:18

 **Thiago Garcia** Qualquer posição é válida, meu caro.
Curtir · Responder · 22 de setembro de 2016 às 14:41

 **Thiago Garcia** Então, seguindo seu raciocínio, a quem caberia, se é que caberia, dar essa "formação política" e vale também pensar o que seria uma pessoa com "formação política".
Curtir · Responder · 22 de setembro de 2016 às 14:43 · Editado

↳ Ver mais respostas

 Escreva uma resposta...    

 **Thiago Garcia** André, o que há nas imagens que levou ao seu comentário sobre formação política?
Curtir · Responder · 22 de setembro de 2016 às 17:25

Mello Na primeira imagem, é um tanto surpreendente ao apresentar uma mulher, negra e pobre como protagonista de um direito que a tanto tempo foi restrito no Brasil. Já a segunda, poderia definir o que acredito ser o novo tempo. O empoderamento da mulher e o ... Ver mais
Curtir · Responder ·  1 · 22 de setembro de 2016 às 17:51

 **Thiago Garcia** Há a questão da mulher na segunda imagem com certeza... mas a que grupo social ele representa, se atentem ao pronome usado... "você"... A quem a revista quer atingir? Na primeira capa ela é "nordestina", ou seja, não é do grupo que atenderá a revista, mas pq na segunda capa foi feito o uso de "você".
Curtir · Responder ·  1 · 22 de setembro de 2016 às 23:06

Gomes Acredito que a legenda da primeira imagem menospreze e retire crédito da população mais carente
Curtir · Responder ·  1 · 22 de setembro de 2016 às 18:17

 **Thiago Garcia** Pq a preocupação de colocar essa mulher representante da "população carente" na capa?
Curtir · Responder · 22 de setembro de 2016 às 23:07

 Escreva uma resposta...    

Mello Talvez a trate como o famoso "curral eleitoral" moderno
Curtir · Responder ·  1 · 22 de setembro de 2016 às 18:20

 **Thiago Garcia** Acho mais que isso... Por que a destaca na capa?
Curtir · Responder · 22 de setembro de 2016 às 23:07

 Escreva uma resposta...    

Celes Acho que André levou ao assunto de formação política pela legenda da primeira foto que pode trazer essa discussão
Curtir · Responder ·  1 · 22 de setembro de 2016 às 19:13

 **Thiago Garcia** Acredito também...
Curtir · Responder ·  1 · 22 de setembro de 2016 às 23:07

Fonte: Facebook. Acesso em: 22/09/2016)

A estrutura dialógica e filosófica se deu claramente no espaço virtual, primeiro a partir das leituras das “marcas” presentes nos discursos iniciais propostas por mim, cada um pode se expressar a partir do lugar de fala, das premissas que os formam. Dado o início os olhares foram se espelhando e argumentos aparecendo. Conceitos de democracia, raça, gênero que podem ser ampliados em um espaço como a sala de aula e a partir dos lugares de onde nossos alunos falam.

O exemplo abaixo mantém, de certa maneira a lógica dialógica apresentada anteriormente, no entanto possui ideias que lhe tornam diferentes e de destaque.

Stutz
12 de março

O livre mercado é o principal fator na conquista de prosperidade de um país?

GDP PER CAPITA WORLDWIDE (2009)
(CONSTANT 2005 DOLLARS)

Category	Average GDP per Capita (2009)
Most Free (25% of Nations)	\$31,501
Least Free (25% of Nations)	\$4,545

SOURCE: ECONOMIC FREEDOM OF THE WORLD, 2011 ANNUAL REPORT, FRASER INSTITUTE

INCOME IN POOREST NATIONS (2009)

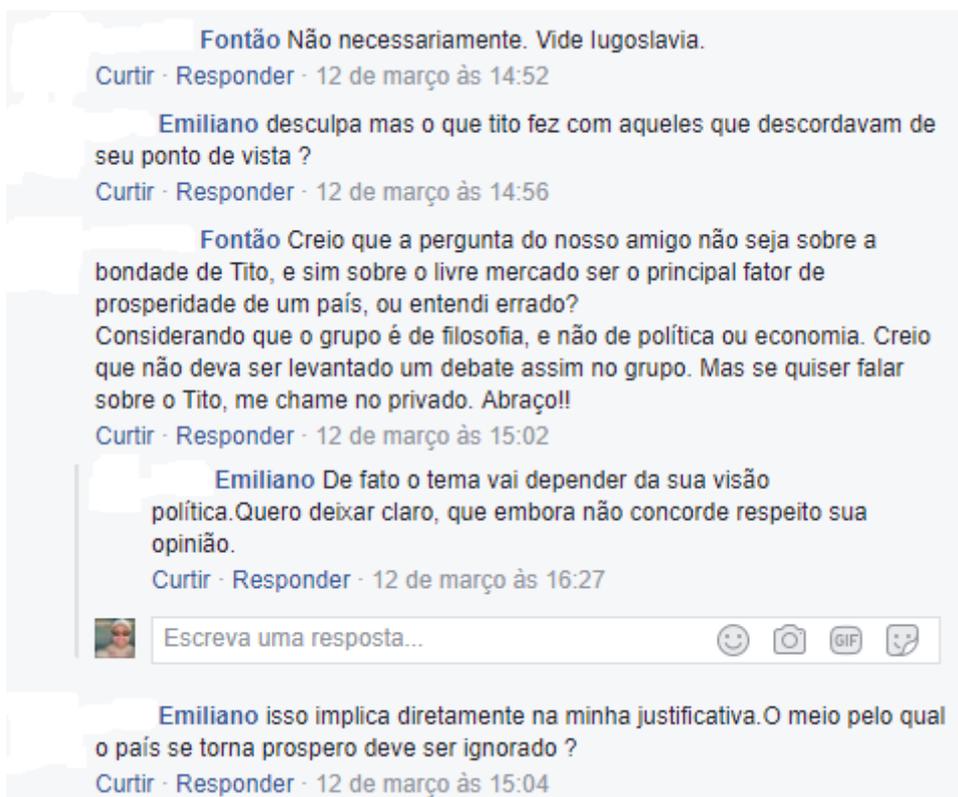
IN MANUFACTURING

República Popular da China Produto Interno Bruto nominal de 1 (PIB) de 1952-2009

Curir Comentar

Gomes, Gomes e outras 4 pessoas Visualizado por 23

Ver mais 7 comentários



Fonte: Facebook. Acesso em: 12/03/2016)

Algumas ideias são interessantes e ressaltarei, pois não foram percebidos no primeiro exemplo apresentado do Grupo Fechado. A primeira está no fato da postagem / “provocação”, o tema foi proposto por um membro do grupo (aluno) e não por mim, professor-pesquisador. O aparecimento de outros adolescentes que não estavam no início da criação do Grupo, mas que foram convidados pelos que iniciaram para também poderem interagir e expor as suas opiniões. Este fato enriqueceu muito a pesquisa ao demonstrar que é uma área de boa entrada e de grande interação com a juventude atual, esta que está sentada em nossas salas de aula.

Ainda em análise vale ressaltar o aluno, chamado de “Fontão”, que traz em seu segundo comentário: “Considerando que o grupo é de filosofia, e não de política ou economia. ” Temos uma importante evidência da compartimentação do conhecimento nas escolas, ou seja, disciplinas que tomam para si temas e discussões e que “não permitem” ou se sentem “donas” dos debates e posicionamentos. Durante a presente pesquisa venho sempre colocando a importância do filosofar e de que é este ato filosófico que o conhecimento vem, seja de qual disciplina for. Entender que a filosofia, por ser um ato está presente em todas as áreas do conhecimento.

Os comentários não se encerraram até o que foi mostrado anteriormente, mas se desenvolveram trazendo argumentos de autores, professores e deles mesmos. Um incrível movimento de polifonia e dialogismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chego nesta etapa da pesquisa com um pensamento muito claro, de que o ensino de Filosofia, assim como a educação, precisa ser responsivo ao mundo contemporâneo em que os alunos vivem. É como visitar o passado compreendendo seus contextos e iniciativas, investigar o presente de forma a enxergar nele as permanências do passado, entender as diferenças, as lutas e assim vislumbrar meios para o futuro.

Ver o mundo todo mudar, as tecnologias moldarem a cultura e a sociedade e ignorar tudo isso e seguir da mesma forma como vivíamos (ensinávamos) antes é impedir os novos olhares diante dos desafios. A educação tem a necessidade de considerar os impactos tecnológicos que vivemos.

O ciberespaço e a Internet fazem parte do nosso modo de viver e automaticamente está presente na vida de nossos alunos que ocupam as salas de aula com toda a tecnologia que os mantém *on-line*. As redes sociais se apresentam neste espaço como um movimento cultural que reúne todo tipo de diferenças, estabelecendo novas maneiras de convivência e articulação nunca vista em outros tempos.

A capacidade de expressão e de visibilidade de ideias se tornou muito maior. Novas estruturas que potencializam a voz dos que anteriormente eram apenas receptores da informação vinculada por mídias como a TV e o Rádio. Estamos na era das mídias pós-massivas. O Facebook se enquadra dentro dessa nova forma de tratar a informação.

Todo o exposto nesta pesquisa teve como proposta investigar as possibilidades de usar o espaço do Facebook como ferramenta para o Ensino de Filosofia, um recurso didático que desenvolve a capacidade argumentativa e o pensar filosófico de nossos alunos. Neste momento, vale ressaltar que não pretendi defender uma exclusividade da rede social para este fim e tampouco afirmar que a rede social sozinha é capaz de cumprir essa função. O que esteve em questão durante todo o tempo é que é possível utilizar o Facebook como recurso didático, que pode contribuir no processo e desenvolvimento da argumentação, sendo auxílio ao professor e aluno.

E neste objetivo principal as possibilidades se configuram pelo fato de que o Facebook tem um caráter interativo e funciona como espaço livre para posicionamentos. A partir das postagens, comentários e reações geradas é possível trabalhar com os alunos um ato de pensamento, em que o conceito não se encerra em si, mas coloca e gera novos problemas. A dinâmica da rede social propicia um desenvolvimento do

pensamento criativo, que não está pronto ou dado, ou que não está para ser compreendido, mas que gera novas ideias e mais problemas. O pensamento é algo contínuo e em movimento, que nos traz uma concepção de filosofia, um conhecimento aberto, movido sempre pelo ato de questionar. Deleuze e Guattari (2010) defende que,

O pensamento compõe-se destes múltiplos estratos que se envolvem e se deslocam com velocidades variáveis, mas *ao mesmo tempo*. É isto o “movimento do pensamento”: uma multiplicidade de movimentos diferentes, em níveis diferentes, que desembocam uns sobre os outros num grande bloco de pensamento. (p.16-17)

E, a seguir:

Colocar um problema e resolvê-lo implica, pois, um estranho cálculo que procura menos apresentar soluções do que abrir infinitamente o campo dos problemas virtuais contidos no corpo problemático dado. (p. 22).

Participar com o aluno deste processo de compreensão e construção do questionamento dentro do meio em que está inserido é trabalhar a filosofia como um ato. Mas também não caminhar para um “opinismo”, que tem sido a realidade do Facebook, mas representando um caráter prático, de laboratório, de experimentações do processo criativo e argumentativo. Vislumbro esse movimento didático a partir da concepção de que conceitos são como ferramentas e o seu uso dependerá do que fazemos deles. A aula de Filosofia como uma arma de luta e reflexão social.

Ainda falando sobre as possibilidades em rede social, temos a oportunidade da criação de grupos e páginas onde as discussões podem ser realizadas de modo dialógico por meio de comentários entre alunos com a mediação e orientação do professor. E cada vez mais vemos o Facebook como meio em que é possível a construção das habilidades de argumentação dos alunos por fornecer ferramentas para isso.

Nestes grupos e páginas é possível obter um espaço onde seja estimulada a discussão filosófica partindo das postagens e comentários dos alunos, onde estes se justificariam com argumentos seu ponto de vista. A contra argumentação viria por parte dos colegas, criticando ou fortalecendo os argumentos daqueles que concordam. Este diálogo pode surgir na sala de aula e continuar virtualmente ou surgir virtualmente e ser retomado em sala de aula.

E por que o Facebook? Certamente a interatividade é um dos elementos que responde a esta pergunta se comparado a outros ambientes virtuais como sites e blogs

que possuem uma interatividade menor ou não a possuem. Nestes seria interessante a disponibilização de conteúdo filosófico (textos, vídeos, quadrinhos, etc), mas talvez não representasse exatamente um espaço propício para iniciar uma discussão. Já no Facebook, por meio das ferramentas interativas disponibilizadas, como comentários, curtidas, compartilhamentos, o desenvolvimento argumentativo acontece.

E as limitações do uso do Facebook no Ensino de Filosofia? Há pontos importantes nesta questão que valem ser citados neste momento e que precisam ser levados em consideração pelos envolvidos neste processo. O excesso de conteúdos superficiais que acabam dispersando ou influenciando negativamente os alunos, o que pode gerar uma carga significativa para o professor moderar os grupos e páginas. A velocidade em que os comentários e fatos aparecem podem ampliar as discussões muitas vezes perdendo-se determinados focos, apesar de que a geração constante de novos problemas é impossível de ser controlada. Porém, é um desafio que precisa ser enfrentado pelo professor de filosofia, se este deseja fazer deste espaço virtual um local de encontro entre os que desejam filosofar.

Enfim, o uso do Facebook no Ensino de Filosofia é um caminho, um meio dentro muitos outros, que possui vários desafios e contradições, não é infalível, ao contrário, deve ser muito bem articulado.

Diante do exposto percebi a importância de ouvir alunos e professores e a partir de suas respostas entender melhor como se daria o uso da rede social nas aulas de filosofia. O universo da amostra coletada, também por meio de plataforma virtual, é limitada, contudo o que foi apresentado serve como um indicativo do caminho que pode ser construído em termos de reflexão e prática do uso do Facebook. E um dos pontos que ressaltado como importante deste momento da pesquisa é que muitos não perceberam a rede social como ferramenta para o ensino ou até já a usam, mas sem articular efetivamente ao trabalho didático.

Toda questão didática é passível de interpretações e depende das concepções de ensino, de metodologia que cada um acredita. Por se tratar de um estudo de natureza qualitativa não podemos esperar que os dados coletados sejam usados para se chegar a uma conclusão definitiva sobre o problema investigado, mas dá uma consistência à linha de raciocínio e argumento em que o trabalho é apresentado.

Deixo ainda algumas questões que permanecem em aberto e merecem novas atenções e podem ser temas de outras pesquisas: Que outras redes sociais poderiam servir como apoio didático no ensino de Filosofia? Quais os motivos que ainda levam escolas e professores a manterem-se receosos quanto ao uso das redes sociais como

ferramentas de aprendizagem? Em que medida as redes sociais afetam cognitivamente e psicologicamente as condições de aprendizagem das novas gerações? Como as redes sociais afetam a construção do pensamento e do raciocínio?

Encerro dentro da perspectiva em que acredito, a formação de novos problemas que precisam ser pensados e discutidos e não respondidos para encerrarem-se em si. Acrescento que o uso do Facebook ou de qualquer outra rede social, depende dos sujeitos que ali estão envolvidos. E que antes de qualquer tecnologia, que é um meio, é imprescindível uma conexão humana, ou seja, que professores e alunos, se coloquem, se conheçam, respeitem seus limites para que assim construam um pensamento crítico diante do mundo que nos cerca.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, K. F. , ROCHA, M. L. Micropolítica e o Exercício da Pesquisa – Intervenção: Referenciais e Dispositivos em Análise. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2007, 27 (4), 648 – 663.

ANDRÉ, Marli. Pesquisa, formação e prática docente. In: ANDRÉ, Marli. (Org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2006.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Temas de Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1998.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 2009.

ARENDT, Hanna. *Entre o passado e o futuro*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2TM ed., Rio de Janeiro: Guanabara: 1973.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Huncitec, 2006.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Ed. Ver. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 1997.

BARTON, David, LEE Carmen. *Linguagem Online: textos e práticas digitais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. *Sobre Educação e Juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BITTENCOURT, Renato Nunes. *A Aflição de uma Vida Líquida*. 2011. Disponível em: [http:// http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/58/artigo214649-1.asp](http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/58/artigo214649-1.asp).

Acessado em: 13 de julho 2016.

BRAGA, A. Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica. *UNIrevista*, vol. 1, nº 3, julho 2006.

BOHN, Vanessa. *As redes sociais no ensino: ampliando as interações sociais na web*. Disponível em: <http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br/temas-especiais-26h.asp>.

Acesso em: 08 de agosto de 2016

CANABARRO, Maria Margarete.; BASSO, Lourenço de Oliveira. Os professores e as Redes Sociais: É possível utilizar o Facebook para além do “curtir”? Porto Alegre, v. 11, n. 1, 20013.

CARTOLANO, Maria Teresa Penteado. Filosofia no Ensino Médio de 2º Grau. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CERLETTI, Alejandro. O Ensino de Filosofia como problema filosófico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 2010.

CONTRERAS, J. A autonomia de Professores. São Paulo: Cortez, 2002.

COSTA, Cruz. Contribuição à História das Ideias no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

DAYRELL, Juarez. O Jovem como Sujeito Social. Educação e Pesquisa. Set/Out/Nov/Dez nº24, 2003

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1 / Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 94 p. (Coleção TRANS).

_____. O que é a Filosofia? (3ª edição) São Paulo: Editora 34, 2010

DELEUZE, Gilles . Lógica do sentido. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

DONATH, J. S. Identity and Deception in the Virtual Company. New York: Routledge, 1999.

FARACO, Carlos Alberto. Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FAZENDA, Irani C. A. (org) Didática e interdisciplinaridade. 13ª ed. São Paulo: Papyrus, 2008.

FERREIRA, Jessica Kelly Souza. Redes Sociais. O Facebook como elemento contribuinte ao processo de ensino aprendizagem na construção da autonomia dos alunos de ensino médio. 2014. 38 f. Monografia (Especialização) – Curso de Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, Itabaiana, 2014.

FIORIN, José Luiz. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. Cadernos de Pesquisa, n.114, p.197 – 223, Novembro /2001

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 2ª Ed. Rio de Janeiro. Graal, 1981.

_____. “A ética do cuidado de si como prática da liberdade”. Apud: Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense, Universitária, 2004.

_____. O governo de si e dos outros: curso dado no Collège de France (1982-1983) (E. Brandão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FRAGOSO, S; RECUERO, R; AMARAL, A. Método de Pesquisa para a Internet. Porto Alegre. Sulina, 2011

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. (Org.) Educação, Arte e Vida em Bakhtin. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2013.

GALLO, Sílvio. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008

GALLO, S.; KOHAN, W. O. Filosofia no ensino médio. Petrópolis: Vozes, 2000.

GATTI, B. Formação de Professores no Brasil: características e problemas. Educação & Sociedade, v.31, nº 113, 2010.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

GOFFMAN, Erving. A representação do Eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1985.

GUIMARÃES, Thayse Figueira. Embates entre performances corpóreo- discursivas em trajetórias textuais: uma etnografia multissituada. Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Letras, 2014.

HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura. Educação & Realidade, Porto Alegre, n.22, 1997.

_____. A identidade cultural na pós-modernidade. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HINE, Christine. Etnografia Virtual. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

_____. Virtual Ethnography. London: Sage, 2000.

IULIANELLI, Jorge Atilio Silva. Juventude: construindo processos – protagonismo juvenil. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KIRKPATRICK, David. O Efeito Facebook: OS bastidores da história da empresa que conecta o mundo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias e ensino presencial e a distância. 2ª Ed. Campinas,SP: Papirus, 2004.

LEMOS, André. LÉVY, Pierre. O futuro da Internet: Em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. Revista Filosofia Ciência & Vida, 2016. Disponível em: <http://www.portalcienciaevida.uol.com.br/esfi/Edicoes/49/artigo179777-1.asp>.

Acessado em: 18 de março de 2016

LIPPMAN, Mathew. SHARP, Ann Margaret. OSCANYAN, Frederick. A Filosofia na Sala de Aula. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

LÜDKE, Menga , O professor, seu saber e sua pesquisa. Educação & Sociedade. Campinas: Unicamp. Vol. 22, nº 74, Abril/ 2001.

LEVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1980.

_____.A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. 5 ed. São Paulo: Loyla, 2007.

MAINGUENEAU, D. Novas Tendências em Análise do Discurso. Campinas: Pontes & Editora. Unicamp, 1989.

_____. Cenas da enunciação. Coord. da trad.: Sírio Possenti e Maria Cecília P. de Souza-e-Silva. Curitiba: Criar Edições, 2006.

_____. Frases sem Texto; Trad. Sírio Possenti – 1.ed. – São Paulo:

Parábola Editorial, 2014.

MARCONDES, Danilo. Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MARCUSHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: Configuração, dinamicidade e circulação. 2ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 5 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MIRANDA, Marília G. de. O Papel da Pesquisa na formação e na prática dos professores. Campinas: Papyrus, 5ed. 2006.

MONTARDO, S. ROCHA, P.J. Netnografia. Revista E-Compós, v.4 Brasília, 2006.

MONTEIRO, João Paulo. O ensino de Filosofia no Segundo Grau. In: Encontro Nacional dos Professores de Filosofia.(Org). A Filosofia e o Ensino de filosofia. São Paulo: Convívio, 1979.

MURCHO, Desidério. A Natureza da Filosofia e seu Ensino. Uberlândia, 2008.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. A Ideia de Verdade e a Educação. São Paulo: Convívio, 1978.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. (org). Gestos de Leitura da História no Discurso. Campinas: Editora Unicamp, 1994.

_____. Análise do Discurso, Princípios e Procedimentos. São Paulo: Pontes, 2001.

PIOTET, Dominique. PISANI, Francis. Como a Web transforma o mundo. São Paulo, SENAC SÃO PAULO, 2010.

PRADO, Lourenço de Almeida. Educação: Ajudar a pensar, sim: Conscientizar, não. Rio de Janeiro: Agir, 1991

PESCE, Marly Krüger. Professor Pesquisador na visão do acadêmico de Licenciatura. Caxias do Sul: IX ANPED SUL, 2012.

ROCHA, Décio & DEUSDARÁ, Bruno. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re) construção de uma trajetória. ALEA. V.7. n.2. Julho – Dezembro 2005 p. 305 – 322

RECUERO, R. Redes Sociais na Internet. Porto Alegre, Sulina, 2009.

_____. A Conversação em Rede. Porto Alegre, Sulina. 2012.

RODRIGO, Lidia Maria. Filosofia em Sala de Aula: Teoria e Prática para o Ensino Médio. Campinas: Sp: Autores Associados. 2009.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane. Moura, Eduardo (Orgs.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola, 2012. p. 11-31.

SALES, S.R.; PARAISO, M.A Currículo do Orkut: escrita de si na subjetivação juvenil. Ensino em Re-Vista, Uberlândia, n.2. p.535 – 548. 2011

SANTOS, Else Martins dos. Chat: e agora? Novas Regras- nova escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SCHMITZ, Egídio. Os Jesuítas e a Educação. São Leopoldo RS Unisinos,1994.

SEGATA, Jean. Lontras e a Construção de Laços no Orkut: uma antropologia no ciberespaço. Rio do Sul: Nova Era, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Como ler um texto de filosofia. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SHINYASHIKI, Eduardo. Educação e as crianças da Geração Z, 2009. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/noticias/negocios/educacao-c-as-criancas-dageracao-z/26048>>. Dispon

SILVA, Daniel. O texto entre a entextualização e a etnografia: um programa jornalístico sobre belezas subalternas e suas múltiplas recontextualizações. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 67-84, jan./abr. 2014.

STAROBINAS, Lilian. Páginas Abertas, 2011, ano 36, nº 46, p. 15 – 21

TOMAZETTI, Elizete M. Filosofia no Ensino Médio e o seu professor. 2002. Disponível em: [http:// http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2002/02/a7.htm](http://http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2002/02/a7.htm) Acessado em 13 de julho de 2016.

VASCONCELLOS, Liana. GUEDES, Luis Fernando Acenção. E- Surveys: Vantagens e Limitações dos Questionários Eletrônicos via Internet no Contexto da Pesquisa Científica. 2010. Disponível em:

VIEIRA, Iúta. Tendências em Pesquisas em Gêneros Digitais: Focalizando a Relação Oralidade / Escrita. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

WARBURTON, Nigel. O básico da Filosofia. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

APÊNDICE A

Entrevista (Facebook e Professores de Filosofia)

Neste momento da pesquisa chego à questão do uso didático do Facebook no Ensino de Filosofia. Após a apresentação da análise de postagens em perfis individuais e dos Grupos Fechados, é importante ouvir os sujeitos neste estudo, os professores de filosofia e os alunos. Estes sujeitos da entrevista que possuem a rede social Facebook e lecionam / estudam em escolas públicas e privadas no estado do Rio de Janeiro.

Gostaria de realizar um apontamento para seguirmos neste momento da pesquisa, que é o fato de a enquete mesmo sendo uma ferramenta com uma característica bem quantitativa a sua interpretação ter um caráter mais qualitativo. O trabalho possui um fim pedagógico e nestes dados obterá um sustento para as proposições que vem sendo apresentadas em todo o estudo e exploração de novas possibilidades.

Duas enquetes foram criadas ao mesmo tempo com o mesmo objetivo, entender como alunos e professores de filosofia enxergam o Facebook e as suas (possíveis) relações com a Filosofia. O instrumento escolhido para a coleta dos dados foram dois questionários criados por mim utilizando a ferramenta Google Docs Formulário¹³, disponíveis nos Anexos 1 e 2. Enviado a professores e alunos, inicialmente ligados a mim por vínculos acadêmicos, porém depois tomou uma maior dimensão ao ser divulgado pelos envolvidos por meio de outras ferramentas como Whatsapp, Facebook e Messenger. O prazo que estabeleci foram de dez dias – 14 de julho de 2017 a 23 de julho de 2017. Muito me deixou feliz a recepção dos sujeitos da pesquisa a enquete e a prontidão em responder e contribuir.

Realizar estes questionários no mundo virtual vem ao encontro da facilidade, praticidade e velocidade em que os mesmos podiam ser respondidos e compartilhados e levando em conta que a pesquisa envolve o estudo sobre o uso de mídias no processo de ensino de Filosofia. Vasconcelos e Guedes destacam que:

[...] o questionário eletrônico possibilita sensível aumento na credibilidade e na velocidade de apuração dos dados coletados. De

¹³ Formulários disponíveis nos seguintes endereços:

<https://docs.google.com/forms/d/1aNouv43cJEhH2sxlkhaylldogxkgOg9YYT3YJmnp98/edit#responses> e https://docs.google.com/forms/d/1df_pVPivM7rtjllkZk9oMEkp31gl8QJ87DQ6FHnP-zA/edit#responses

fato, o questionário eletrônico é programado de modo que a tabulação seja automática, uma vez que as respostas são postadas diretamente no servidor da entidade pesquisadora. Essa característica torna também inteiramente confiável a tabulação, reduzindo a zero a possibilidade de erro (a menos, é claro, de um erro sistemático na elaboração das estatísticas). (2010, p.8)

Quanto ao conteúdo, o questionário destinado aos professores é formado por 18 questões, sendo divididas em 15 perguntas objetivas e de múltipla escolha e 03 perguntas subjetivas e dissertativas. Já o questionário destinado aos alunos é formado por 15 questões, sendo divididas em 14 perguntas objetivas e de múltipla escolha e 01 pergunta dissertativa e subjetiva que consistia em justificar umas das objetivas.

As 06 primeiras do questionário dos professores e as 04 primeiras do questionário dos alunos visam traçar um perfil dos sujeitos da pesquisa, quanto a idade, sexo, grau de escolaridade, tipo de formação, área da graduação e especializações dos professores de Filosofia, tipo de instituições que lecionam/ trabalham sendo em duas categorias: pública ou privada. As outras se referem mais especificamente os pontos principais da pesquisa que são o uso do Facebook e as relações com a Filosofia e seu ensino.

As últimas questões dissertativas dos questionários buscam trazer algo mais pessoal, ouvir mais diretamente os envolvidos na pesquisa. No caso dos professores, obter diretamente deles a opinião sobre o ensino de Filosofia relacionado ao Facebook e o compartilhamento de experiência caso tenham já utilizado este método em suas aulas e propostas didáticas. Em relação aos alunos, não tão diferente, era uma justificativa para uma resposta se eles reconheciam o Facebook como um instrumento pedagógico no Ensino de Filosofia.

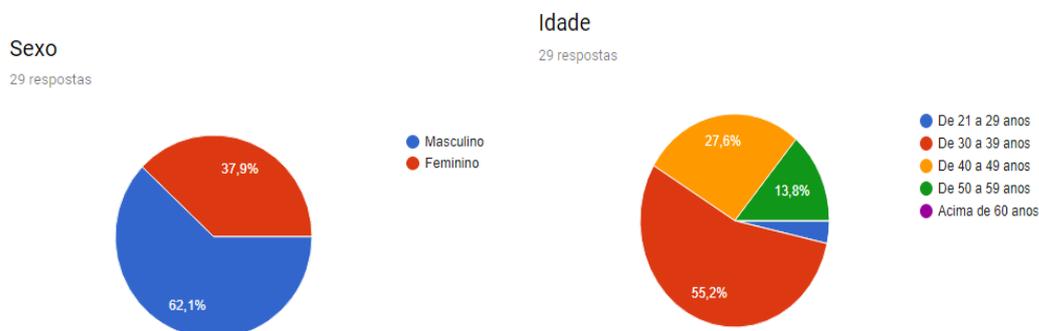
Quanto à construção de sentidos a partir da análise dos resultados, procurei inicialmente observar o perfil dos sujeitos que participaram, pois assim de início se entenderia de onde eles falavam, a partir de que pressupostos e grupos. Em seguida procurei compreender como fazem uso do Facebook, interessante até comparar com o perfil apresentado pelos alunos. No final, trazer para a pesquisa as “falas” que os sujeitos deixaram como indagações, exclamações e proposições.

De maneira a manter uma organização e anonimato dos sujeitos da pesquisa utilizarei pseudônimos formados pelas iniciais **P** seguido de números, para professores e **A** também seguido de números, para os alunos.

A análise dos dados será dividida em três momentos e juntamente entre professores e alunos. No primeiro momento serão apresentados os perfis dos sujeitos que participaram da pesquisa a partir das questões objetivas e de múltipla escolha, visando demonstrar o contexto de onde falam os participantes. No segundo momento, ainda a partir das questões de múltipla escolha pretendo obter informações mais específicas das relações dos envolvidos com o Facebook e a Filosofia. E por último, não menos importante, trazer para o conhecimento o que os envolvidos expuseram, com suas palavras, sobre a relação do Facebook e o Ensino de Filosofia.

Ao final dos dias de realização do questionário, tanto para professores de filosofia e alunos obtive no total respostas de 29 professores e de 25 alunos. As análises virão dentro deste universo apresentado.

No primeiro momento, os professores entrevistados possuem uma faixa etária bem variada, mas tendo em mais da metade 55,2% (16) entre 30 a 39 anos de idade, seguido de 27,6% (08) entre 40 a 49 anos de idade, depois 13,8% (04) entre 50 a 59 anos de idade e em menor número 3,4% (1) entre 21 a 29 anos de idade. Quanto ao sexo, 62,1% (18) do sexo masculino e 37,9% (11) do sexo feminino.

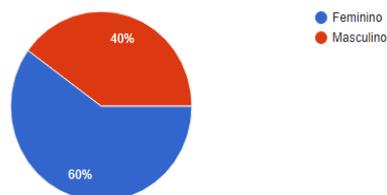


Fonte: <https://goo.gl/hcvP1M> Acessado em: 25/07/2017

Dos alunos participantes 68% (17) possuem entre 16 a 18 anos de idade e 32% (08) entre 19 a 21 anos de idade. Quanto ao sexo, 60% (15) do sexo feminino e 50% (10) do sexo masculino.

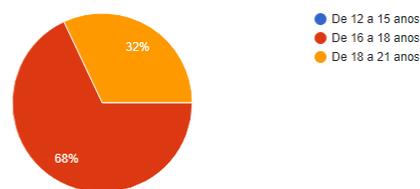
Sexo

25 respostas



Idade

25 respostas

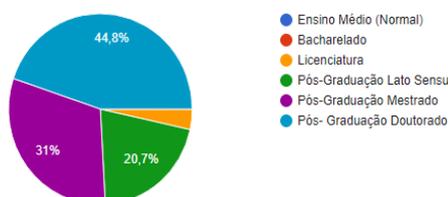


Fonte: <https://goo.gl/GpzRKA> Acessado em: 25/07/2017

O nível de escolaridade dos professores em sua maioria 44,8% (13) com pós-graduação a nível de doutorado, 31% (09) com pós-graduação a nível de mestrado, 20,7% (07) com pós-graduação lato sensu e 3,4% (1) com a graduação. Ao serem perguntados sobre a área em que realizaram a graduação a maioria 48,3% (14) não fizeram em Filosofia, mas sim dentro das Ciências Humanas e Sociais em comparação a 44,8% (13) que fizeram especificamente em Filosofia. Isto mostra um cenário comum nas escolas públicas e privadas, no qual professores de outras áreas afins lecionam a disciplina.

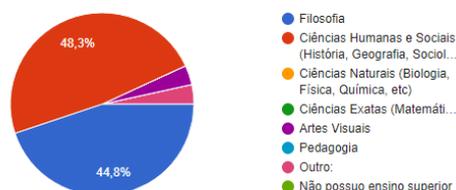
Escolaridade

29 respostas



Área da Graduação

29 respostas

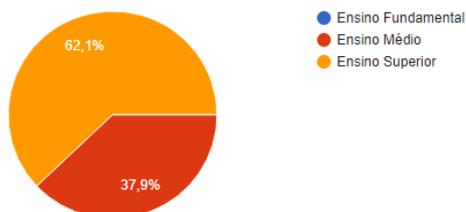


Fonte: <https://goo.gl/hcvP1M> Acessado em: 25/07/2017

Cerca de 62,1% (18) dos professores participantes lecionam para o Ensino Superior e 37,9% (11) para o Ensino Médio e maioria 51,7% (15) na rede particular. Em comparação, a pesquisa dos alunos mostra que dos que responderam 64% (16) estão no Ensino Médio contra 34% (11) que já estão no Ensino Superior e a sua maioria 64% (14) na rede pública de ensino.

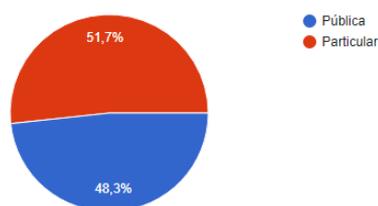
Nível de Escolaridade que leciona

29 respostas



Tipo de instituição que leciona

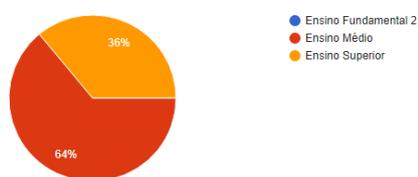
29 respostas



Fonte: <https://goo.gl/hcvP1M> Acessado em: 25/07/2017

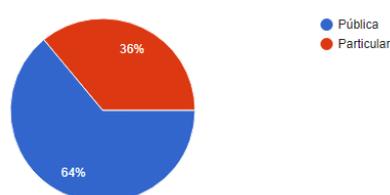
Escolaridade

25 respostas



Tipo de instituição que estuda

25 respostas



Fonte: <https://goo.gl/GpzRKA> Acessado em: 25/07/2017

Entrando no segundo momento, quando inqueridos, professores e alunos sobre as seguintes questões: 1. tempo em que possui Facebook; 2. frequência de acesso ao Facebook; 3. sobre as postagens; 4. participação em páginas e grupos de Filosofia no Facebook; 5. o uso desta mídia social para fins pedagógicos (pesquisa, compartilhamento); 6 participam em grupos onde há alunos e professores; 7 Redes Sociais possibilitam o debate sobre questões sociais da atualidade. Obtive interessantes que me levaram, neste momento, construir uma tabela comparativa.

PARTICIPANTES	1	2	3	4	5	6	7
PROFESSORES (29)	65,5% (5 a 7 anos)	75,9% (diariamente)	86,2% (interagem)	62,1% (participam)	62,1% (usam)	55,2% (participam)	96,6% (sim)
ALUNOS (25)	80% (5 a 7 anos)	88% (diariamente)	72% (interagem)	52% (não participam)	80% (usam)	52% (participam)	92% (sim)

Fonte: <https://goo.gl/GpzRKA> e <https://goo.gl/hcvP1M> Acessados em: 25/07/2017

Há, de certa maneira, uma constância na maioria das respostas tanto dos professores quanto dos alunos em relação ao uso do Facebook. O que chama a atenção e foi destacado na tabela por esse motivo é a participação em Páginas e Grupos no Facebook, destas os professores entrevistados participam mais que os alunos também

entrevistados, ponto que precisa ser levado em consideração no desenvolvimento metodológico defendido por este estudo.

Os alunos foram perguntados se acreditam ser interessante o uso das postagens presentes no Facebook nas aulas de Filosofia e 92% (23) afirmaram que sim e 8% (2) disseram ser interessante que existam grupos no Facebook como espaços de continuidade das discussões realizadas na sala de aula. Estes resultados possibilitam já enxergar um caminho metodológico do uso do Facebook nas aulas de Filosofia.

Sobre as postagens no Facebook...

25 respostas



Você acha interessante a existência de Grupos no Facebook como espaços de continuidade das discussões realizadas na sala de aula?

25 respostas

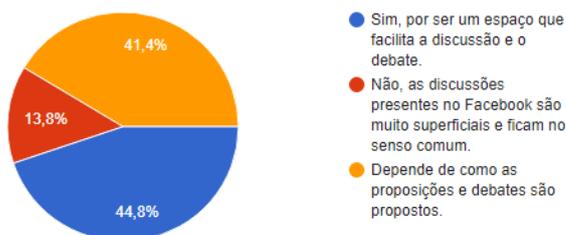


Fonte: <https://goo.gl/GpzRKA> Acessado em: 25/07/2017

Ao se tratar da argumentação filosófica, os professores foram perguntados se esta teria um espaço de desenvolvimento no Facebook e pude perceber de certa maneira uma divisão nas respostas, pois 44,8% (13) acreditam que sim, a argumentação filosófica pode ser desenvolvida no Facebook por esta rede social ter um espaço que facilita a discussão e o debate. Já 41,4% (12) dos professores acreditam que depende de como as proposições e os debates são propostos na rede. Muito interessante este resultado que mostra que de certa maneira há uma visão do espaço da rede social ser um caminho dentro da filosofia, mas que ainda precisa ser conquistado e aperfeiçoado dentro do Ensino da Filosofia. E levemos em consideração que 13,8% (04) não reconhecem o Facebook como um espaço que pode desenvolver esse processo argumentativo filosófico.

Você acredita que o Facebook pode ser um espaço para o desenvolvimento da argumentação filosófica?

29 respostas



Fonte: <https://goo.gl/hcvP1M> Acessado em: 25/07/2017

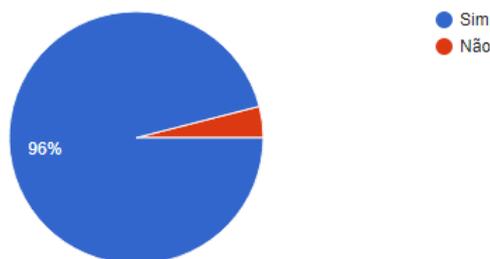
Este item do questionário feito aos professores nos remete a discussões e falas que importantes autores têm trazido sobre a redes sociais poderem ser meios que potencializam a capacidade de as pessoas refletirem, discutirem, criticarem e se posicionarem sobre as questões que as rodeiam. Segundo o pensamento de Lemos e Levy (2010), “a computação social aumenta as possibilidades de inteligência coletiva e, por sua vez, a potência do ‘povo’” (p.14). Castells (2003) diz que “ é por isso que as redes estão proliferando em todos os domínios da economia e da sociedade, desbancando corporações verticalmente organizadas e burocracias centralizadas e superando-as em desempenho”. (p.7)

No terceiro e último momento, serão apresentadas e analisadas as respostas que trouxeram o posicionamento dos professores e alunos de maneira dissertativa e subjetiva. Começarei pelos alunos que responderam a seguinte questão: “Em sua opinião, o Facebook poderia ser utilizado como um instrumento pedagógico para o Ensino de Filosofia, tendo foco no desenvolvimento do diálogo e da argumentação filosófica? ”

A grande maioria 96% (24) disseram que sim e apenas 4% (1) não acredita neste tipo de uso para o Facebook. Dos que responderam positivamente diversos posicionamentos podem ser levados em consideração principalmente para ser levado em consideração na construção do material didático desta presente pesquisa. Para melhor exposição das respostas apresentadas por eles, tomei a liberdade de relacionar as ideias expostas e depois “colar” os seus próprios enunciados, assim evita-se repetir proposições.

Em sua opinião, o Facebook poderia ser utilizado como um instrumento pedagógico para o Ensino de Filosofia, tendo foco no desenvolvimento do diálogo e da argumentação filosófica?

25 respostas



Fonte: <https://goo.gl/GpzRKA> Acessado em: 25/07/2017

Alguns alunos trouxeram em suas ideias que acreditam os assuntos da atualidade tratados nas aulas de Filosofia contribuem para a construção das suas próprias individualidades, reconhecem e convivem com as questões apresentadas fomentando mais as discussões. É que, segundo eles, mais fácil comentar no Facebook do que durante a aula.

A4: “ Por fatores como a interatividade e a aquisição de conhecimentos em tempo real, o Facebook seria uma chave para a correlação entre atualidade e temas filosóficos, por exemplo. Ao abrir uma discussão em um grupo no Facebook, a possibilidade da troca de pensamentos, e o estímulo aos mesmos, é imediata, sendo de grande valia para a construção do caráter e perfil individual. ”

A 15: “A partir dos temas encontrados no Facebook, e debatendo-os, haverá mais chances de ocorrer um desenvolvimento crítico do adolescente, pois ele já reconhece a questão/assunto e terá uma opinião pré-formada. E trabalhar estas questões da Filosofia na própria rede social colabora para mais adolescentes debaterem sobre os assuntos. É muito mais fácil escrever um comentário numa postagem no Facebook do que argumentar dentro de uma sala de aula. ”

A 7: “Acredito que sim, visto que a rede social propicia um espaço de discussão e a Filosofia ensina a pensar, ambos convergem para um ponto em comum. Desse modo, o Facebook pode ser um espaço de diálogo filosófico, ampliando os temas do âmbito escolar e dando margem ao surgimento de novos pensadores. ”

A 12: “O Facebook levanta questões da atualidade e do cotidiano, passando por diversos assuntos como religião, política, entretenimento e etc. A rede social pode ser utilizada como o instrumento para a análise do discurso produzido naquele ambiente virtual, podendo gerar estudos e debates sobre o papel do das redes sociais, o comportamento que se tem nela em relação ao comportamento observado fora dela, entre outras questões. O Facebook pode ser também uma ferramenta de estudo e que consiga atingir grande parte do público, tendo em vista que grande parte do público estudantil utiliza a rede social como forma de comunicação. ”

No ponto que tange a interação, característica muito presente nas redes sociais, alguns alunos pontuaram a timidez, a dificuldade de interagir, a vergonha como fatores que dificultam as participações durante as aulas de filosofia, mas que no Facebook isso seria superado, pois no mundo virtual muitos já estão “bem envolvidos” e acessam constantemente.

A9: *“Muitos alunos que não falam em sala de aula por vergonha ou falta de oportunidade teriam mais facilidade de se “expressar” no Facebook. ”*

A 10: *“O ensino deve sempre se adaptar para manter a atenção dos jovens, um ótimo exemplo disso é a Khan Academy. No caso da Filosofia, todos gostam de mostrar seus pontos de vistas, e em salas de aula pode ser que exista alguma vergonha por parte de alunos com potencial de dialética. Em suma, existe a possibilidade do Facebook deixar esses alunos mais acomodados para se expressar. ”*

A 11: *“É um espaço complementar a sala de aula em que a maioria acessa diariamente. ”*

A 20: *“Pois é um outro meio de expressar seus pensamentos, e hj em dia todos tem acesso ao Facebook facilitando o desenvolvimento dos assuntos. ”*

A 23: *“Para facilidade na aprendizagem dos alunos, pois a maioria são bem envolvidos nas redes sociais. ”*

Trocar ideias, expor opiniões entre pessoas diferentes, com formas de pensar distintas, trocando ideias e pensamentos foram características apresentadas por outros alunos que veem no Facebook essa possibilidade de “ouvir” o outro e entender a sua opinião por meio da construção da alteridade.

A 6: *“Ao meu ver o Facebook possibilitaria uma maior quantidade de pontos de vista sobre um determinado assunto, o que enriquece o debate e põe algumas ponderações em pauta. ”*

A 14: *“Acredito que o Facebook pode ser utilizado como um instrumento pedagógico, uma vez que possui usuários de perfis muito distintos uns dos outros, sendo possível observar comportamentos e conversas que levam a reflexão filosófica. ”*

A 17: *“Ver que cada pessoa tem uma forma de ver/pensar, sobre determinado assunto, sendo assim, seria interessante debaterem esse ponto. ”*

A 18: *“Sim, pois o Facebook promove vários tipos de debates entre as pessoas e possibilita a troca de informações. ”*

Outras características positivas também foram apresentadas como: a facilitação do diálogo, torna o ensino de filosofia mais fácil, o Facebook fica mais “útil” e a formação de “pessoas pensantes”.

A 13: *“Tendo em vista que o Facebook é um instrumento que facilita o diálogo, e seria um bom meio para construir argumentação filosófica.”*

A 16: *“Seria uma boa opção até mesmo para o conhecimento de muitos que acabam utilizando mal o Facebook.”*

A 19: *“Sim, pois em minha opinião, a Filosofia nos ajuda a desenvolver nosso lado pensante, nos tornando pessoas mais sábias e nos ajudando a reagir ao mundo com um olhar diferente. Sendo assim é bom que essa disciplina seja abordada dentro e fora da escola.”*

A 21: *“Sim, pois com o grande avanço tecnológico que está acontecendo diariamente, seria muito mais fácil de aprender. Um meio que poderia ser utilizado é o ensino através das redes sociais, pois é um meio na qual milhões de pessoas utilizam hoje em dia.”*

A 22: *“Acho que seria interessante também misturar o Facebook com algo mais útil como instrumentos pedagógicos para quem procura.”*

Um dos alunos participantes, **A 3**, do questionário pontou que: *“O Facebook é extremamente raso, assim como suas publicações. E as pessoas não buscam conhecimento lendo artigos científicos ou livros clássicos que são fundamentais para um debate. Fora que a tela omite o emissor da mensagem.”* Este comentário nos leva a pensar em algumas limitações que podem ocorrer entre Rede Social e Filosofia, que são: a superficialidade e liquidez, como abordado e citado no capítulo 2 desta pesquisa, dos laços nos dias atuais e que por trás de um perfil do Facebook podem existir múltiplos sujeitos, tornando-se o que é chamado de *Fake*. Real e virtual se confundem, tempo e espaço se ampliam e a construção das individualidades se multiplicam em rede.

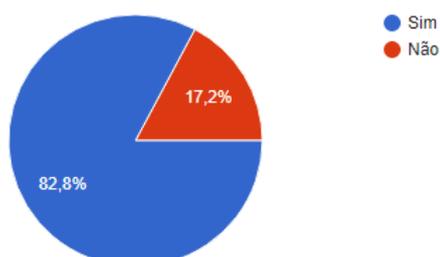
Severino (2008), afirma que *“Filosofar é uma experiência intelectual”* (p. 03), sendo assim, exige do indivíduo um desenvolvimento cognitivo que é adquirido com o tempo e a as interações estabelecidas. Não é apenas opinar, formar opiniões expor ideias, mas a busca pelo conhecimento e verdade., na problematização das experiências humanas. Neste ponto a superficialidade é abandonada e o desenvolvimento da argumentação filosófica se dá.

Passo agora a reunir os resultados das respostas dos professores às duas últimas questões do questionário, sendo a primeira a mesma feita para os alunos: *“Em sua opinião, o Facebook poderia ser utilizado como um instrumento pedagógico para o*

Ensino de Filosofia, tendo foco no desenvolvimento do diálogo e da argumentação filosófica? ”

Em sua opinião, o Facebook poderia ser utilizado como um instrumento pedagógico para o Ensino de Filosofia, tendo foco no desenvolvimento do diálogo e da argumentação filosófica?

29 respostas



A maioria 82,8% (24) disseram que sim e 17,2% (5) não acreditam neste tipo de uso para o Facebook. Dos que responderam positivamente pude levantar diversas afirmativas e posicionamentos que muito contribui para entender melhor a posposta da relação didática da Filosofia e o Facebook que está sendo proposta.

Muitos ao se posicionarem apresentaram a ideia da importância do Facebook como uma ferramenta para o Ensino de Filosofia. Por meio de fóruns, enquetes, obtenção e compartilhamento de textos, imagens, opiniões, produções textuais, debate. Outro professor trouxe complementando que o uso da tecnologia é necessário para “potencializar a educação” e é vem exatamente de uma mídia muito utilizada pelos alunos, um “facilitador pedagógico”.

P5: “Vídeos e fóruns permitem a estruturação pedagógica do espaço. ”

P9: “Sim, as redes sociais são uma nova forma de expressar opinião, utiliza-las para aperfeiçoar a argumentação além de ser um facilitador pedagógico e tb uma necessidade devido as relações pessoais da atualidade.”

P 18: “Dentro de grupos com os alunos, por exemplo e fóruns fechados.”

P19: “Por facilitar a comunicação e obtenção de textos, imagens, opiniões e criar espaços para o debate sobre temas filosóficos.”

P20: “Promoção de textos e produção textual.”

P24: *“É uma ferramenta para debate.”*

P26: *“O Facebook é um instrumento de comunicação. Assim tem um caráter pedagógico no compartilhamento de ideias.”*

P 29: *“É uma excelente ferramenta. Não aproveitada de forma construtiva, mas se bem direcionada, pode contribuir no processo pedagógico”*

Outros trouxeram a ideia do Facebook como um meio de interação pedagógica voltada para um trabalho conceitual e que depende das metodologias que serão escolhidas. Afirmaram também que os argumentos não pertencem apenas ao espaço da sala de aula, mas extrapolam as paredes e hoje estão também no ciberespaço por serem uma “experiência comunicativa.”

P 7: *“A argumentação passa pela articulação entre conceitos e eventos e práticas. Bem direcionado, pode ser um canal de interação de trabalho conceitual.”*

P 12: *“Tudo depende das metodologias usadas.”*

P 15: *“Sim, pois é uma experiência comunicativa.”*

P 17: *“Argumentos são recursos linguísticos que não se restringem necessariamente à sala de aula. Podem ser estendidos para qualquer canal de comunicação, seja ele oral ou escrito.”*

O professor aqui identificado como P21 colaborou com um importante posicionamento de que as questões levantadas no Facebook precisam perpassar por conceitos filosóficos defendidos por autores, para a discussão não se perder.

P21: *“Sim, mas depende o encaminhamento que se das questões. Ou seja, se for para entender um conceito filosófico de autor x ou y, sim. Mas se for uma discussão que não perpassa o pensamento de nenhum teórico acredito que não seja pedagógico.”*

Dos 29 professores que participaram, cinco demonstraram que o Facebook não pode ser usado como uma ferramenta pedagógica e dois deles expuseram a sua

posição por considerarem um espaço sem um nível de reflexão suficiente para o filosofar e sem discussões profundas.

P 11: *“É um local sem muito espaço para discussões com maior profundidade.”*

P 28: *“Não. Pois não é o local adequado para que se consiga o nível de reflexão necessário à atividade filosófica.”*

A última questão que fez parte do questionário dos professores foi apenas subjetiva, nela lhes foi solicitado a partilha de uma experiência com o uso do Facebook no Ensino de Filosofia, caso tenham tido. E cinco professores citaram suas experiências que envolveram produção de jogos, avaliações on line, compartilhamento de textos e grupos de “interferências filosóficas” e até o uso de outra ferramenta das mídias sociais muito comum e utilizada, o Whatsapp.

Por fim, após a reunião de todos estes resultados e apontamentos apresentados destes questionários é importante retomar que não espero comprovar cientificamente o uso do Facebook como ferramenta para o Ensino de Filosofia, mas sim gerar reflexões que mexa com nossas acomodações enquanto professores e olhemos para outras possibilidades para o ensino desta importante disciplina que vem na luta e resistência para se manter nos dias atuais. Diante do exposto, “O filósofo tem o dever de transcender as opiniões que se trocam ordinariamente na caverna obscura da cidade (as mídias), como pretensas evidências compartilhadas que só refletem pequenas perspectivas locais, para fazer um longo e difícil desvio pelo mundo das ideias.” (LEMOS E LEVY, 2010, p. 35)

APÊNDICE B

Filosofia em Rede: Caminhos para um Ensino de Filosofia para o Ensino Médio

Apresento agora o que gostaria de chamar de um caminho que reúne tudo o que foi exposto seja teoricamente, seja na prática a fim de consumir toda a pesquisa. Vale ressaltar, de uma maneira objetiva, neste momento alguns pontos que são imprescindíveis quando se fala de método de ensino em Filosofia.

1- Ensinar ou Aprender a pensar?: ao pensar a Filosofia como vem sendo apresentada nesta pesquisa é necessário refletirmos sobre o caminho que ela pode estar tomando, ou seja, se há um incentivo e investimento na experiência de pensamento ou se incentiva apenas a reconhecimento? Ensina a pensar ou partimos para que o aluno aprenda a pensar? O que estou querendo discutir e defender é o trabalho da Filosofia como experiência do pensamento e não apenas deslocado para o professor que ao “ensinar a pensar” acaba serializando e generalizando o pensamento e não partindo do singular do pensar de cada aluno.

Que significa “aprender”? Como aprender a pensar? O estudo simples de um caso concreto, “aprender a nadar”, demonstra que não se trata tanto de assimilar um saber através de um método como de articular dois conjuntos de problemas para formar um único campo problemático. O mar é o primeiro campo em que as relações diferenciais entre microelementos constituem conjunto constituem conjuntos e depois um sistema. O mar é uma ideia, isto é, sistema de problemas cujas correntes e ondas são simultaneamente soluções e elementos de novos problemas. (GIL,2000, p. 19)

A ideia do “mar”, do “aprender a nadar”, mistura a proposta do ensinamento prático e teórico, mas que remete a ideia da constituição, reconhecimento do problema, o seu enfrentamento e as possibilidades de superação. Enxergar a sala de aula como um laboratório, na qual os problemas são colocados e os pensamentos de cada um são colocados e novos conceitos e problemas passam a ser estabelecidos.

Professor, gostaria de conseguir dar uma aula como Dylan organiza uma canção, surpreendente produtor, mais que autor. E que comece como ele, de repente, com sua máscara de palhaço, com uma arte de cada detalhe arranjado e, no entanto, improvisado. O contrário de um plagiador, mas também o contrário de um mestre ou de um modelo. Uma preparação bem longa, mas nada de método nem de regras ou receitas.

Núpcias, e não casais em conjugalidade. Ter um saco onde coloco tudo o que encontro, com a condição que me coloquem também em um saco. Achar, encontrar, roubar, ao invés de regular, reconhecer e julgar. Pois e conhecer é o contrário do encontro. Julgar é a profissão de muita gente e não é uma boa profissão, mas é também o uso que muitos fazem da escritura. Antes ser um varredor do que um juiz. Quanto mais alguém se enganou em sua vida, mais ele dá lições; nada como um stalinista para dar lições de não-stalinismo e enunciar as “novas regras”. Há toda uma raça de juízes, e a história do pensamento confunde-se com a de um tribunal; ela se vale de um tribunal da Razão pura, ou então da Fé pura... Por isso muitas pessoas falam com tanta facilidade em nome e no lugar dos outros, e gostam tanto das questões, sabem colocá-las e respondê-las tão bem. (DELEUZE E PARNET, 1998, p. 16-17)

2- Conhecimento sobre o aluno adolescente / jovem: importante para o professor de filosofia que busca o caminho da rede social é estar próximo aos seus alunos, observá-los, entender suas formas de organização e posicionamento, conhecer e respeitar suas músicas e expressões.

3- Planejamento: este momento é fundamental, pois na grande maioria das escolas públicas ou particulares, principalmente no estado do Rio de Janeiro, o tempo disponível é de apenas uma aula por semana de 45 a 50 minutos. Cada minuto se torna importante neste momento de elaboração da aula, para que se aproveite o tempo de troca e aprofundamento de conteúdo.

4- Métodos ou modos para ensinar Filosofia: por onde começar? Surgimento da Filosofia? Sigo os temas filosóficos, como a questão do Ser? Neste momento é importante ter em mente o grupo de alunos, faixa etária em que irá atuar. Nesta pesquisa minha preocupação vinha exatamente dos meus alunos, seus interesses e também a sociedade em que estão inseridos. Relacionar bem a escolha do método ao público e ao professor tornará o caminho mais seguro e tranquilo. Já que escolhi partir de temas, discursos que surgem nas Redes Sociais, mais específico o Facebook, acredito que seguir por uma Filosofia Temática, ou como apresentada por Deleuze e Guatarri, construção de conceitos:

“E qual é a melhor maneira de seguir os grandes filósofos: repetir o que eles disseram, ou então fazer o que eles fizeram, isto é, criar conceitos para problemas que mudam necessariamente? (...) O conceito é um contorno, a configuração, a constelação de um acontecimento que está por vir. Os conceitos, neste sentido, pertencem de pleno direito à filosofia, porque é ela que os cria e não cessa de criá-los.” (DELEUZE & GUATARRI, 1992, p.56)

5- Avaliação: Todo caminho pedagógico escolhido precisa ter definido o caminho que pretende chegar e assim constituir formas de avaliar todo o processo percorrido pelos alunos. Não vale entrar aqui em ferramentas específicas, como resumos, provas ou até autoavaliação, mas o importante é que as ferramentas avaliativas escolhidas tenham coerência com o caminho percorrido.

CAMINHO FILOSOFIA EM REDE

= INSPIRAÇÃO=



<https://goo.gl/hTK3Kq> Acesso em: 02/09/2017

Segundo Cerletti (2009), “o professor deve criar as condições para que os estudantes possam tomar própria uma forma de interrogar e uma **vontade de saber.**” (p.37). Iniciar uma aula de Filosofia deve ser assim, criar e despertar condições para que os alunos tenham o desejo pelo ato de filosofar, o desejo do saber, do conhecimento. Começar uma aula diretamente expondo os conteúdos, explicações expositivas e tradicionais aprisiona o aluno em seu próprio mundo.

Neste caminho a que proponho, nós – professores – deixamos as nossas certezas e verdades e “visitamos” o nosso aluno, mais específico onde eles estão, nas redes sociais e buscamos ali as ferramentas que inspirem as aulas. Ler os discursos deles, conhecer as imagens compartilhadas e curtidas, reconhecer os enunciados criados ou compartilhados de uma sociedade em Rede. Fazer com que os alunos “sintam na pele”, um problema filosófico, a partir de um elemento não filosófico. Que criem uma empatia, ou seja, “afete” aos estudantes. Os problemas só podem ser enfrentados a partir do momento que os reconhecemos, se o professor apenas entrega um problema sem o aluno ter a vivência do mesmo de nada adiantará este despertar e envolvimento.

Ao encontrar as inspirações a aula se inicia mostrando-as a classe, estas que podem ser imagens-texto, letras de música, aforismos, memes, entre outros. Importante que esta inspiração esteja conectada a um planejamento e objetivo para o Ensino de Filosofia. Quão interessante para o aluno reconhecer suas próprias falas e meios no momento da aula, é sentir-se parte do processo de ensino.

Abaixo seguem algumas postagens que foram apresentadas aos alunos durante a aplicação deste método, gerado a partir de um acompanhamento dos perfis dos alunos no Facebook.

- Exemplo 1:



Fonte: Facebook. Acesso em: 14/04/2016)

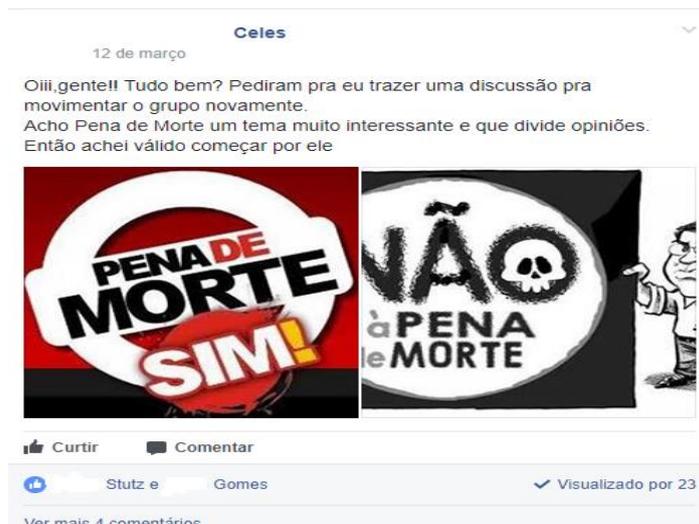
- Exemplo 2:



Fonte: Facebook. Acesso em: 04/05/2016)

Criar em todas as aulas este momento de inspiração tornará o ambiente e a aula diferente e com os alunos sempre aguardando os próximos momentos e temáticas que serão apresentadas. Com o caminhar e as relações estabelecidas entre professor e aluno, passa a ser interessante promover momentos nos quais o aluno é quem traz a inspiração, a “postagem” que gostaria de fazer em sala, tornando, nesta aula específica uma aula “livre” e construída por eles mesmos e conduzida pelo professor. Pude ter momentos assim em que os alunos trouxeram as inspirações e que estas também foram parar nos Grupos do Facebook.

- Exemplo 3:



Fonte: Facebook. Acesso em: 12/03/2016

- Exemplo 4:



Fonte: Facebook. Acesso em: 18/11/2016)

No exemplo 4 é interessante destacar que devido o tempo disponível de aula e as discussões acontecendo o aluno propus continuar o assunto e a reflexão no Grupo do Facebook, assim oportunizou outro importante momento, este que continuou e teve a participação de outras pessoas, além dos colegas da mesma sala.

CONTRAPONTO

CONTRA[PONTO]

<https://goo.gl/kEqAt9> Acesso em: 02/09/2017

Neste momento o importante é tornar o tema em um problema, portanto, despertar, fomentar o desejo da busca pelas soluções deste. Toda inspiração apresentada trará para a sala de aula a leitura e compreensão de cada aluno, melhor dizendo, cada aluno partindo da sua premissa, do seu lugar de fala destacará as “marcas” que lhe chama atenção e apresentará para o professor e colegas. Esta é a proposta do “Contraponto” que se crie um ambiente onde todos tenham direito a fala e a posicionar-se, ser ouvido, “publiquem em suas linhas do tempo. ”

Os usos dos ícones presentes no Facebook ajudam a dinamizar a aula, já que são ferramentas muito comuns para os alunos. Vale antes de iniciar esta proposta construir com eles o significado destes recursos para que todos entendam quando eles forem apontados em aula. Sendo o curtir, este que se subdivide ainda em “curtir”, “amei”, “haha”, “uau”, “triste” e “grr”; o comentar que abre o espaço para se por ou se contrapor; e o compartilhar apontando o motivo que vale a pena dividir o discurso e/ou ideia apresentada pelo colega ou professor. Uma ideia que dinamizaria mais ainda é a produção de plaquinhas com as imagens, assim apresentada a inspiração todos levantam e o grupo já reconhece entre si os posicionamentos, mesmo que ainda discretos, dos colegas de turma.



Curtir

Amei

Haha

Uau

Triste

Grr

<https://goo.gl/DB3Ydt> Acesso em: 07/2017

Este momento da aula precisa ser o momento de propostas de análise que visem desnaturalizar o que parece ser óbvio, permitindo assim desenvolver e construir olhares problematizadores da realidade. Desenvolver a desconfiança em relação às informações muito prontas e taxativas, opiniões cristalizadas e até preconceituosas. Quanto mais dimensionada a problematização, mas intensa se tornará a busca por conceitos que podem contribuir para dar conta do problema. O Facebook é cheio de aforismos e discursos sobre o mundo em que vivemos, assim como ato deve-se romper aquilo que é comum é cômodo. Cerletti (2009), afirmou que:

“A aula escolar é um enorme campo de pressupostos que, se não forem bem explorados, condenarão a filosofia, efetivamente, à trivialidade, à pedantia ou a uma muito ostensiva ‘inutilidade’ prática. É essencial que haja um lugar e um momento para que, jovens e adultos, possamos pensar o mundo que vivemos e decidir como nos situarmos nele. Em definitiva, não é outra coisa que reviver a cada ida a atitude de quem filosofa, que não dá nada por suposto e não se conforma com o que os demais pensam por ele ou por ela.” (p.53)

O professor-filósofo ao permitir o espaço da colocação dos pontos e posicionamentos a partir da inspiração passará para um outro passo muito importante, este que chamarei de **“Criando Raízes”**.

CRIANDO RAÍZES



<https://goo.gl/fU7WX5> Acesso em 02/09/2017

Neste terceiro momento da caminhada inicio explicando que o sentido para a expressão “criando raízes”, vem de incentivar que os discursos e argumentos desenvolvidos dos alunos tenham uma sustentação teórica, que eles saibam a que pensadores e leituras recorrerem para que tenham autonomia e responsabilidade em seus posicionamentos e reflexões. O processo argumentativo filosófico vem com o conteúdo, não o conteúdo pelo conteúdo, mas aquele que faz sentido para quem aprende. (Re)visitar a história da filosofia se torna um momento importante nesta etapa, não como o centro do currículo,

mas um recurso que contribui para o pensar no tempo atual. Vamos até a história com interesse no nosso problema.

Após ouvir os posicionamentos dos alunos o professor-filósofo tem em mãos muitas possibilidades de seguir com o conhecimento, sempre se preocupando em considerar a participação de todos neste processo. Trazer para os alunos o que falam/falavam os filósofos sobre os temas apresentados e discutidos tornará este momento de aula uma base e uma sustentação para todos envolvidos no processo de aprendizagem.

Deixando mais claro este caminho, vejamos o exemplo 1 que traz em sua postagem a temática do “amor”. Tema bastante comum e desenvolvido por diferentes e diversos filósofos em contextos históricos diferentes, permitindo que os alunos conheçam não simplesmente o que o determinado filósofo pensava sobre o amor, mas como este pensamento influenciava/influencia as sociedades.

Filósofos como Espinosa, Hegel, Feuerbach, entre outros entendiam o amor como uma total unidade e identificação, na qual deixa de ser um fenômeno humano, pois este é finito, como aspiração de identidade e fusão como o infinito está condenado ao insucesso. Por outro lado, temos em Platão, Aristóteles, São Tomás de Aquino e outros o amor como uma troca recíproca entre dois seres que preservam a individualidade e a autonomia, o bem do outro como se fosse o seu próprio. Há reciprocidade e união. Interessante trazer também como outras sociedades, como as primitivas, as religiões também apresentam e entendem o amor.

Seguindo a partir do tema o professor pode, aleatoriamente, ensinar sobre áreas da filosofia, ou determinados filósofos, estabelecer comparativos de ideias entre eles, entre antiguidade e contemporaneidade, pois o fio condutor (tema) é o mais importante.

CONCLUIR SEM CONCLUIR

O momento agora é de (re)criar os conceitos encontrados, dentro das discussões e do “criando raízes”, de modo a equacionar o problema. Os conceitos não são criados do nada, mas ao serem visitados permitem a possibilidade de serem reposicionados. Como ferramentas que dependem do uso que fazemos delas.

Um dos pontos importantes, e “tristes” para a realidade do professor-filósofo está em lidar com o tempo de aula de 45 a 50 minutos semanais. Imaginar todo o seu planejamento, participação dos alunos e embasamento teórico dentro deste período estipulado pela LDB. Diante disso, a proposta é extrapolar os limites da sala de aula e usar o Facebook como ferramenta pedagógica, neste momento os Grupos do Facebook.

Tudo o que foi discutido, iniciado em sala de aula pode ser levado para este grupo e os discursos e argumentações darem prosseguimento no ciberespaço. Porém, alguns pontos importantes devem ser levados em consideração para o estabelecimento deste espaço virtual. Primeiro, estabelecer as regras de convivência e os objetivos do Grupo, para que todos os seus membros entendem o espaço que foi criado e que seja, de certa maneira, uma continuidade da sala de aula, com respeito e ética. Segundo, decidir se será composto e restrito aos alunos da turma em questão ou eles poderão convidar colegas e amigos para comporem este espaço. Terceiro o professor-filósofo precisa entender que nesta “sala de aula virtual” as identidades se misturam, há um empoderamento maior dos alunos, o controle tempo e espaço não é o mesmo, assim um novo ritmo é traçado. Acredito que como na sala de aula todos sentirão o espaço e estabelecerão os modos de convivência.

Como um espiral a Filosofia em Rede se dará no Ensino de Filosofia, não chamarei como um ciclo, pois este tende a voltar sempre ao mesmo lugar, mas espiral, novos caminhos e vivências passam a ser experimentadas ao longo das aulas, sejam “reais” ou “virtuais”.



O caminho sugerido nesta pesquisa busca mudar a posição da função usual de controle do professor sobre o conhecimento que deve e precisa ser ensinado para os alunos. Partir do outro, que este outro seja o local de partida do que o outro sabe e pensa, em todo ensino filosófico. Se a um professor não lhe importa o pensar dos seus alunos ele se torna apenas um reprodutor de ideias que exclui os outros do processo de ensino-aprendizagem, mas específico do ato de filosofar. Como afirmado por Cerletti (2009), “ Ensinar filosofia é dar um lugar ao pensamento do outro. ” (p.87)

Diante de uma Filosofia em Rede a questão privada se distancia mais ainda e o diálogo se aproxima cada vez mais. O aluno vê em um meio que lhe é comum, o Facebook que é possível filosofar, argumentar e aprender. Há a dúvida se eles vão desejar ou não, ter a vontade em si, cada um escolherá se filosofa ou não, mas precisam saber que podem fazê-lo.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO – PROFESSORES DE FILOSOFIA

Sexo *

- Masculino
- Feminino

Idade *

- De 21 a 29 anos
- De 30 a 39 anos
- De 40 a 49 anos
- De 50 a 59
- anos Acima
de 60 anos

Escolaridade *

- Ensino Médio (Normal)
- Bacharelado
- Licenciatura
- Pós-Graduação Lato Sensu Pós-
- Graduação Mestrado
- Pós- Graduação Doutorado
-

Área da Graduação *

- Filosofia
 - Ciências Humanas e Sociais (História, Geografia, Sociologia, etc)
 - Ciências Naturais (Biologia, Física, Química, etc)
 - Ciências Exatas (Matemática)
 - Artes Visuais
 - Pedagogia
 - Outro:
 -
- Não possui ensino superior

Nível de Escolaridade que leciona *

- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Ensino Superior

Tipo de instituição que leciona *

- Pública
- Particular

Tempo que possui um perfil no Facebook *

- Menos de 1 ano
- Entre 2 a 4 anos
- Entre 5 a 7 anos
- Mais de 8 anos
- Não possui perfil no Facebook

Frequência em que acessa o Facebook

- Diariamente
- Poucas vezes por semana
- Poucas vezes por mês
- Deixou de acessar
- Nunca acessou

Sobre as postagens no Facebook *

- Interage curtindo, comentando e compartilhando.
- Não faz nenhuma postagem, apenas acompanha a linha do tempo dos amigos.

Participa e/ou segue Páginas e Grupos sobre Filosofia no Facebook. *

- Sim
- Não

De uma maneira geral seus alunos(as) usam o Facebook? *

- Sim, grande parte dos meus alunos usam o Facebook.
- Não, grande parte dos meus alunos não usam o Facebook.
- Não tenho conhecimento sobre o acesso deles ao Facebook.

Você já utilizou o Facebook para fins pedagógicos? *

- Sim, e o resultado foi bem positivo.
- Sim, mas não obtive o efeito esperado.
- Não, nunca pensei nesta estratégia.
- Não, pois não reconheço como espaço pedagógico.

Você participa ou participou de algum grupo do Facebook em que seus alunos fazem parte? *

- Sim, grupo das turmas que dou aula.
- Sim, grupos de temas de Filosofia.
- Sim, página da escola em que leciono.
- Não, não participo de nenhum grupo ou página.

Você acredita que o Facebook pode ser um espaço para o desenvolvimento da argumentação filosófica? *

- Sim, por ser um espaço que facilita a discussão e o debate.
- Não, as discussões presentes no Facebook são muito superficiais e estão no senso comum.
- Depende de como as proposições e debates são propostos.

Você acredita que as redes sociais possibilitam o debate sobre questões sociais da atualidade?

Sim

Não

Em sua opinião, o Facebook poderia ser utilizado como um instrumento pedagógico para o Ensino de Filosofia, tendo foco no desenvolvimento do diálogo e da argumentação filosófica? *

Sim

Não

Justifique a sua resposta anterior. *

Se você possui uma experiência com o uso do Facebook no Ensino de Filosofia, compartilhe conosco.

QUESTIONÁRIO – ALUNOS(AS)

Sexo *

Feminino

Masculino

Idade *

De 12 a 15 anos

De 16 a 18 anos

De 18 a 21 anos

Escolaridade *

Ensino Fundamental 2

Ensino Médio

Ensino Superior

Tipo de instituição que estuda *

Pública

Particular

Tempo que possui per I no Facebook *

Menos de 1 ano

Entre 2 a 4 anos

Entre 5 a 7 anos

Não possui per I no Facebook

Frequência que acessa o Facebook *

- Diariamente
- Poucas vezes por semana
- Poucas vezes por mês
- Deixou de acessar
- Nunca acessou

Sobre as postagens no Facebook *

- Interage curtindo, comentando e compartilhando
- Não faz nenhuma postagem, apenas acompanha a linha do tempo dos amigos

Participa e /ou segue Páginas e Grupos de Filosofia no Facebook *

- Sim
- Não

Já usou o Facebook para buscar e / ou compartilhar o conhecimento para seus estudos?
*

- Sim
- Não

Participa de grupos no Facebook com seus professores? *

- Sim
- Não

Sobre as postagens no Facebook... *

- Você acredita ser interessante como temas para aulas de Filosofia.
- Acredita que não tem nada a ver com Filosofia.

Você acha interessante a existência de Grupos no Facebook como espaços de continuidade das discussões realizadas na sala de aula? *

- Sim
- Não

Você acredita que as Redes Sociais possibilitam o debate sobre questões sociais da atualidade? *

- Sim
- Não

Em sua opinião, o Facebook poderia ser utilizado como um instrumento pedagógico para o Ensino de Filosofia, tendo foco no desenvolvimento do diálogo e da argumentação filosófica? *

- Sim
- Não

Justifique a resposta da pergunta anterior. *